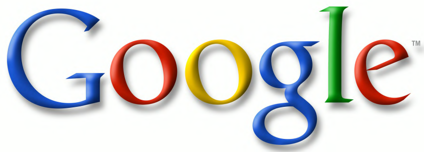

Google

5⁰⁰



HOMENS E LETRAS

GALERIA DE POETAS CONTEMPORANEOS

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO



LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL
Rua dos Calafates, 110

1881

IDEIAS PRÉVIAS

Este livro tem uma pequena historia, que póde talvez atenuar-lhe deficiencias e abrandar-lhe a critica.

N'um periodo em que, por doença minha e preceito de doutores, me vi privado de ler, de escrever, de passear ao ar livre, de trabalhar, de matar o tempo sem prolongados aborrecimentos, pensei dias e semanas em como acharia meio de distrair o espirito meditando pouco e não exercendo a vista.

O *eureka* do velho geometra saiu-me emfim dos labios: — a solução do problema era simplesmente conversar, embora de longe, com os individuos que, por affinidade literaria, mais se approximavam do meu espirito.

O theatro da minha imaginação converteu-se n'um pantheon, replecto de figuras illustres. Sohergui-me no leito de enfermo para as saudar, e as saudações cairam-me da boca no timpano do meu secretario.

Elle escreveu, e, do que escreveu, saiu este livro, porque de cada saudação intima derivou um esboço visivel, e os esboços constituiram uma galeria.

Esta galeria é longa, tão longa como a do senhor Daupias; mas, ainda assim, é incompleta, e nem podia deixar de o ser: afastado um pouco do actual movimento literario, e tendo passado os ultimos cinco annos n'um recanto inculto das provincias, confesso que muitas constellações literarias devem de ter apparecido nos horisontes da patria, sem que a sua luz evidente haja descido a meus olhos mortais.

Peçam porém a Deus que me dê vida a mim e muitas edições a este livro, e verão como á minha galeria accrescem todos os vultos laureados que nos glorificam a nós todos, glorificando-se a elles pelo genio e pela arte.

Na disposição dos *esboços*, não segui ordem alfabetica nem primazias de meritos; e facilmente se comprehende o porquê do meu proceder, como facilmente se verá tambem que a maior ou menor dimensão dos esboços nada significa em abono ou desabono das figuras esboçadas: fala-se pouco ou muito, consoante ha muito ou pouco que dizer, e segundo a monção é de concentrada hipocondria ou de expansiva facundia.

Na selecção das amostras literarias que pre-

cedem cada esboço, attendi essencialmente ás pequenas dimensões d'essas miniaturas, para não fazer exclusivamente uma selecta de primores poeticos, que n'esse genero ha publicações a esmo. A maioria dos escritores que esbocei têm certamente escritos de mais valia que os por elles firmados n'este livro, mas que mal se compadeciam com a indole d'esta publicação. Creio porém que a minha selecção não desdoira os autores respectivos, antes procuro com ella accentuar, quanto se póde em miniatura, a peculiar feição poetica de cada um d'esses escritores.

A *ultima parte do livro*, talvez a meritoria, é trabalho quasi inteiramente novo, porque as investigações de Innocencio da Silva poucos factos bibliograficos abrangem nos ultimos vinte annos. São difficeis de organisar estes inventarios, mas são de incontestaveis vantagens para a historia literaria das nações.

Não havendo quem, ao menos de decada em decada, se dê ao labor inglorio de enfileirar titulos e datas, muitos escritores, como já hoje succede com alguns, chegarão a ignorar o numero, as datas e os titulos das suas publicações.

Antolha-se-me pois que a resenha bio-bibliografica, por mim exibida, da maioria dos nossos poetas vivos, não é um desserviço á nossa historia literaria. Alguma inexactidão ou deficiencia,

que n'aquella resenha se depare, promana quasi exclusivamente da exagerada modestia dos que reluctam a confessar o que são ou o que tem feito. E elles me perdoem se atiro as culpas a outrem com a mira na absolvição propria.

Para os nossos antigos escritores todo o leitor de prefacios era um *leitor pio*. Eu não peço piedade aos leitores: peço que me leiam, não por mim mas pela poesia: talvez que á força de contemplarem os perfis dos sacerdotes da arte, os meus numerosos leitores protestem, n'uma só voz, contra a morte da poesia, morte ignobil, decretada nos conciliabulos da burocracia moderna, e vaticinada ha muito, do alto do seculo XIX, pelo profeta Pelletan.

Primeira Parte

ESBOCETOS Á PENNA



I

AS MÃIS

Nobres mãis, que mostrais orgulhosas
os filhinhos n'um gesto sem par,
alto erguei essas frontes formosas!

Com Deus mesmo heis-de vós preparar
o porvir que em silencio germina!

Velai, mãis pela flôr pequenina,
pois á gloria que a patria illumina
dais a chamma no canto do lar!

MENDES LEAL.



Mendes Leal

Magro, alto, levemente palido, e muito miope. Luneta escura, *paletot* largo, gestos sobrios, e atitudes prudentissimas. Intelligencia clara, conversação viva e polida.

Nas pugnas do jornalismo, foi lutador vehemente. Como poeta, tomou logar entre os primeiros. Os seus versos, pela virilidade e nobreza que os enaltece, sobreviveram ao naufragio em que se abismaram as loas, solaus e volates de ha trinta annos.

Na sua poesia grave e energica, tem estreito parentesco com as mais soberbas prosas de Herculano: leia-se o *Avè Cœsar*, e o *Pavilhão Negro*.

Hoje é diplomata e raramente o vemos poetar. Fez excellentes versos em francez. Os que dedicou ao visconde Henrique de Bornier, a proposito da obra d'este escritor *Les Deux Villes*, obtiveram da imprensa franceza os mais levantados encomios. Devo a Teixeira de Vasconcellos o co-

nhecimento d'esses versos que traduzi e publiquei a seu pedido, e o conhecimento pessoal do poeta, a quem encontrei pela primeira vez n'um jantar d'aquelle fallecido publicista.

Eram apenas quatro os convivas: Teixeira de Vasconcellos, Mendes Leal, Ernesto Biester e eu. Eu, que converso pouco e como ainda menos, olhava o poeta com a natural curiosidade de quem o via pela primeira vez, respeitando-o ha muito.

Presuppunha eu que assistiria a largas divagações sobre a politica nacional e internacional, embora, de mim para mim, as considerasse um desacato ás tradições poeticas de Mendes Leal e aos creditos theatrais de Ernesto Biester.

A palavra fluente e grave de Mendes Leal ácerca dos mais variados themas literarios e artisticos, casava-se sem discordancia visivel, ao humorismo caustico e original de Teixeira de Vasconcellos. O embaixador de Portugal em Paris, o politico, o homem d'Estado, desappareceu a meus olhos e ficara o literato, o artista, o poeta.

Teixeira de Vasconcellos não suspendia a mastigação para conversar: emquanto triturava entre os seus dentes fabricados em Paris uma lasca de roast-beef apimentado, gaguejava uma fraze mais apimentada ainda. Ernesto Biester tinha de quando em quando um monosyllabo, um gesto approvativo, e comia como sempre. Fazia-me lembrar, —

que a sua memoria me perdoe — fazia-me lembrar uma gastronomo celebre de quem se conta este caso: Devorava elle em silencio e interruptamente os variados acepipes de um opiparo banquete emquanto os seus numerosos commensaes intervallavam a mastigação com a narração minuciosa e commentada da morte do pai de cada um d'elles. O nosso Vitellio ouvia apenas e comia. Alguem berrou-lhe ao ouvido:

— E teu pae? de que morreu teu pae?

— De repente; — respondeu sem levantar a cabeça nem suspender o movimento constante das maxillas.

Mendes Leal é uma lição e um exemplo. Quasi todos os poetas do seu tempo, emmudeceu-os a uns a indifferença ou o gelo dos invernos que nunca passam debalde, e a outros atrofiou-lhes a imaginação e as predilecções artisticas o ar quasi sempre mefitico das regiões politicas.

Já o visconde de Castilho proclamava a ideia de que Mendes Leal é um soldado valente e fiel da velha guarda dos poetas nacionais.

Não é vulgar esta constancia de affecto pelas deusas loiras da poesia. Vão lá hoje dizer a Latino Coelho, a Couto Monteiro, ao Conde de Casal Ribeiro, ao Visconde de Seabra, ao Visconde de Santa Monica, ao Bispo eleito do Algarve; vão lá dizer-lhes que façam versos, hoje!

O poeta do *Pavilhão Negro* não envelheceu para a poesia. Os seus versos de hoje reproduzem o frescor e a virilidade dos seus versos de hontem. Anacreonte diria d'elle: — *Parece velho e é rapaz.*

II

SERENADA

Levo horas o mirar tua janela,
cabeça tonta! o amar me desatina;
quando o vento levanta a alva cortina,
eu tremo e digo sempre=ah, será ella?

A' noite vem uma primeira estrella,
com luz vivida, clara, diamantina,
bordar o céu! Tu só, moço e menina,
não vens ver quem por ti suspira e vela.

A nuvem negra encobre a estrella pura;
assim passa ligeira uma esperança,
que a vida alenta e deixa a desventura.

A cortina que ás auras se embalança
e me illude, aprendeu a travessura,
de ti, pois brincas com o amor, criança.

THEOFILO BRAGA.

Theofilo Braga

É difficil retrata-l'o: ha uma distancia enorme entre a sua fisionomia fisica e a sua fisionomia moral.

A sua face esmaiada, anemica, insensivel, a sua boca levemente sombreada por um bigode trivial, pequeno, e pendido nigligentemente nas extremidades, a timidez dos seus movimentos, o timbre da sua voz morosa e debil, nada d'isso corresponde á severidade das suas crenças politicas, á sua tenacidade de investigador, á sua energia de revolucionario, á sua intransigencia de homem de seita.

N'aquella corporatura franzina, sob aquella apparencia de timidez, e a despeito d'aquella voz serena, arrastada, hesitante, ha uma energia estranha de lutador intemerato, uma fervente dedicação de apostolo de ideias muito levantadas, uma estranha teimosia nos mais graves emprehendimentos.

A sua vida de escritor exhibe-nos differentes evoluções, determinadas pelo tempo, pelo estudo, e por varios accidentes, cuja analise competirá aos futuros bibliografos.

Ha doze annos, em 1868 ou 1869, via-se muitas vezes atravessar o pateo da Universidade desde a *porta ferrea* até á porta da bibliotheca, com o seu passo miudo e pouco firme, com a capa academica indolentemente caida sobre os sapatos desgràxados. Os novatos meus. contemporaneos, formavam-lhe alas affectuosamente, respeitosamente: passava um sabio, ou pelo menos uma celebridade em embrião.

Para mim, e para muita gente era elle, já n'esse tempo, um poeta de primeira plana, porque tinha publicado a *Visão dos Tempos*, a melhor obra de arte que lhe devem as letras patrias.

Hoje, creio que não faz versos: faz prosa, muita prosa, nos livros e nos comicios.

Estuda sempre, apparece pouco. É um prégador convicto e infatigavel do evangelho de Comte e Littré; e trabalha a um tempo na demolição dos altares dos deuses literarios, e na construcção de formosissimas republicas.

Elle sabe perfeitamente que o pensador, o filosofo, o homem de gabinete, hade ser sempre praticamente um mau politico, quando lhe escaceia a pratica dos negocios publicos, e o conhecimen-



to largo e immediato das condições economicas, moraes e sociaes dos individuos e da collectividade; mas Theofilo Braga sabe tambem que o prestigio do seu nome e do seu talento transmitte ás classes menos alumiadas e menos convictas, o enthusiasmo e a força que alentam a esperança n'uma redempção suspirada.

Por isso deixa ás vezes os seus livros, entra na officina do operario, e explica-lhe o melhor que pode, os mandamentos da republica, e os peccados da monarquia e das religiões.

Os seus livros de filosofia, de critica e de historia, são escritos por um homem que, immerso n'um oceano de programas e de ideais, de evoluções e de revoluções, de coisas e de factos, põe de lado a exigencia da forma; o que lhe importa é salvar a ideia; bem ou mal vestida, coberta de sombras ou limpidissima, isso pouco importa.

O escritor é artista; a arte visa ao bello; e Hegel tinha dito que a realisação do bello na arte depende essencialmente da intima alliança da forma com a materia.

Mas Theofilo Braga disse a Hegel que fosse prégar a outra freguezia, porque em filosofia, tanto na filosofia da arte como na filosofia social, conhece só um pontifice, Littré, representante de Comte.

Ora Littré ensina-nos muito para a observação dos factos e para processos artisticos; mas, quan-

to a estilo e forma, deixa-nos perfeitamente à vontade, pela simples razão de que *de minimis non curat prætor*.

Evidentemente nas prosas modernas de Theofilo Braga não é possivel entrever a penna que escreveu a *Vizão dos Tempos* e as *Tempestades Sonoras*. Só o poema da *Baccante*, na *Vizão dos Tempos*, é de per si um titulo de gloria. Opulencia de seiva, aromas ennebriantes, vivacidade de côrês, todas as galas luxuriantes da florida Héllade instillaram nos versos de Theofilo Braga a vida exhuberante que vislumbra dos mais perfeitos quadros dos artistas gregos.

III

POEMA PERDIDO

Eu escrevi um canto perfumado,
todo cheio d'ignotas melodias,
onde encerrei as minhas alegrias,
o meu porvir de estrellas recamado.

Mas em dia de subita loucura
arremessei á perfida voragem
o meu quadro de etherea paisagem,
toda a minha riqueza e formosura.

Contemplo as solidões do mar sonoro
e vejo que me falta o magnetismo,
com que possa attrahir do fundo abismo
o thesoiro que em lagrimas adoro.

Sinto a medonha noite da tristeza,
sinto as lugubres azas da saudade,
e quanto mais imploro piedade,
mais o mar me responde com fereza.

Ao clarão do luar sereno e brando,
vai-te sentar nas humidas areias,
e has de escutar, no canto das sereias,
o meu amor nas ondas fluctuando.

Estendo a mão dorida e colho apenas
a espuma que me foge traiçoeira...
E eu sem a aurora da manhã primeira!...
sem o candor das minhas açucenas!

Salva-me tu! dá-me a ventura extrema!
Restitue-me a perdida creação,
a chave que me abria o coração,
a luz da minha luz, o meu poema!

SOUSA VITERBO.



Sousa Viterbo

E' medico. Do medico não saíu o poeta: é um poeta a quem fizeram medico.

Eu tambem intendo, como Ferreira, que *as musas não fazem dano aos doutores*, ainda quando os doutores são medicos; mas creio que a medicina hade fazer sempre má visinhança á poesia lirica; e só mudarei de opinião quando me mostrarem que Claude Bernard, Virchow, Jaccoud, ou quaesquer outros luminares da filologia, da anatomia, da therapeutica, estenderam e aperfeiçoaram sobre o banco das suas disecções uma estrofe sentimental, um verso ao menos. A seus olhos, o coração é simplesmente uma viscera, obrigada a certo numero de funcções organicas. As lagrimas são um humor excrementicio que lubrifica os globos oculares.

Em consequencia d'estas premissas, um bom poeta raramente será um bom medico, ou a medecina matará a poesia. *Ceci tuera cela.* Por isso, poden-

do afirmar-se sem favor que Sousa Viterbo é um poeta distincto, sempre duvidarei profundamente de que elle seja ou possa ser um distincto medico, excepto quando eu souber que abjurou a religião das musas e que expungio da taboleta do seu consultorio as cores garridas e fantasiosas que distribue prodigamente em seus quadros poeticos.

Elle é medico porque lhe é indispensavel ser alguma coisa; e ser poeta em terras de Portugal, onde a laranjeira floresce em meio de feijoeiros e batatais, é ser coisa nenhuma.

Se eu tomar a penna de jornalista a-la-moda, não hesitarei em recommendar aos meus assignantes o consultorio do clinico Viterbo, não só porque o *réclame* é moeda corrente nos dominios da imprensa, senão tambem porque livrarei algum enfermo das garras de medicos laureados que perante a vida de um cidadão valem muito menos que a applicação, o escrupulo e a honradez do medico Viterbo; mas falando de poetas, eu não seria rigorosamente justo e faria um mau serviço á poesia, se sacrificasse esta á medicina, pondo os meritos therapeuticos de Sousa Viterbo acima do seu talento de poeta.

O titulo das suas obras representa perfeitamente a indole d'ellas: *Anjo do pudor*, *Rosas e Nuvens*, *Harmonias fantasticas*,

pudor é tão virginal, tão casto, tão l se entrevê por entre a folhagem idente de um estilo imaginoso e no- *as e Nuvens* ha effectivamente perfu- volam em vapores tenuissimos, e que, em horisontes desmedidos, arrastam o para umas regiões constelladas e se- *Harmonias fantasticas* o coração come- r concessões ao espirito, mas este paira m mundos superiores, desde a cidade da escoberta pelo chanceller Thomaz Morus, intermundios de Epicuro e á republica de

prosa porém, mormente no artigo politico, como na conversação e no tracto, a imagi- cede o lugar a um notavel bom senso pra- temperado por um certo humor caustico, em se fundem uns sorrisos de Molière com os lam- os maliciosos que atravez das lunetas irrompem s pupilas do poeta.

Com estes assomos humoristicos a sua fisio- omia, que aliás nada tem de notavel, e a sua estatura mean, despreocupadamente entrajada de- monstram que o espirito de Juvenal pode afive- lar a mascara mais commum da humanidade da nossa patria, na frase de um moralista de Belem, e envergar um frak de facultativo burguez.



IV

CINCO DE OUTUBRO

O' minha mãi sem ventura!...
minha mãi!.. ó mãi querida!
abre a tua sepultura!

Aqui tens a minha vida!
vida inutil e sem dono;
acceita-a, mãi, volta á lida!

Antes eu durma o teu somno!
Sem ti, que ha de ser, agora!
n'estas fadigas do outono?

E em casa o que vai, senhora!
meu pai, olha... escuta... espera!
meu irmão, soluça e chora!...

. . . .
. . . .
. . . .

O' minha mãi! quem podéra
fazer que voltasse a vida
como volta a primavera!
Minha mãi!... ó mãi querida!...

. . . .
. . . .

Desatai-vos! correi, ó minhas lagrimas!
Flôres, velai-lhe a derradeira sono.
Passai de leve sobre a campa gelida,
aragens frias da ceifeira outona!

THOMAZ RIBEIRO.



Thomaz Ribeiro

Ha cerca de vinte annos, o presidente da camara municipal do concelho de Tondella chamava-se Thomaz Ribeiro, ou, antes, Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira, que tal era no seculo, — como se dizia em tempo de frades, — o nome do poeta.

O meu visinho Marques, um dos vereadores aldeãos d'aquelle concelho, quando em dias de sessão regressava da villa á nossa aldeia, não tinha á noite, junto da lareira, para a familia e para os amigos, senão enthusiasmos, enfases, hiperboles, a proposito do seu presidente.

— Aquillo só visto, — perorava elle; — na camara ninguem tem voto nem voz contra o presidente, porque elle a todos convence e persuade, com palavras e modos que ninguem aprendeu ainda; quando o doutor Thomaz apparece na praça, na rua, n'uma botica, em qualquer parte, formam-lhe circulo respeitoso e attento dezenas de

individuos interessados apenas... em o ouvir: fala que nem um livro. Quando fala, ninguem respira; e quando se cala, calam-se todos para o tornar a ouvir. O compadre, que ainda o não conhece, vá na quinta feira á villa, e hade ver. Vá comigo, que eu apresento-o.

O compadre do vereador aventurava ás vezes:

—Homem, se você fosse mulher, apostava...

O Marques replicava:

—Palavra de honra, se eu fosse mulher, diabos me levem...

—Cala-te ahi,—acudia a esposa;—já tens idade para fingir que tens juizo.

Estas palestras faziam-me crescer a agua na bocca; e, na minha imaginação de treze ou quatorze annos, passava uma figura lendaria, mithologica, sobre-humana, perante a qual o meu espirito acompanhava com effusão as genuflexões e o incenso do camarista Marques.

Mas, o que a meus olhos tomava proporções desmedidas, não era o presidente da camara, nem o tribuno, nem o doutor; era o poeta. Eu conhecia o mundo da poesia pela assidua e conscienciosa leitura do *Almanak de Lembranças;* e ficara-me de memoria um ou dois cantos, que ouvira ler repetidas vezes, do *Dom Jaime,* nos serões do José Francisco, um eleitor intelligente que recebia do poeta frequentes provas de estima.

Succedia que n'esse tempo eu alimentava uma grande curiosidade e umas grandes preoccupações acerca de arte poetica, que eu só conhecia por tradição, e de que ninguem me dava noticia na minha aldeia.

Sabia de cór a *Lua de Londres*, achava-lhe os versos regularissimos na harmonia e na qualidade sonica, mas, quando procedia á contagem das sillabas, segundo as regras do abecedario, achava discordancias impossiveis... Nada! aquillo seguramente devia ter regras certas, indefectiveis, mas superiores á minha previsão. Uma tortura.

Um dia, ao sair da escola, chamei de parte um condiscipulo, Bernardo Correia, parente do doutor Thomaz, e disse-lhe á puridade:

— Não digas nada, porque fiz um plano...

— Um plano! tu fazes planos?

— Espera! eu quero conhecer o doutor Thomaz, cá por coisas. Tu vaes comigo até Parada, e eu entro-lhe em casa comtigo. Para desviar reparos, vamos caçando, passamos por lá e apparecemos como por acaso. Eu peço licença a meu pai para levar espingarda, tu levas a do teu José, e verás como as pêgas fogem adiante de nós. Valeu?

— Mas olha que são duas leguas, — ponderou Bernardo.

— Não sejas maricas; as recoveiras vão todos os dias a Vizeu, a pé, e mais são trez leguas.

— Está dito, — concluiu elle.

E dito e feito.

No dia ajustado não seguimos montes e atalhos como genuinos caçadores, mas seguimos a estrada real, como quem procura o caminho mais curto e breve.

Eu ia concentrado, absorto em receios e conjecturas.

E pensava:

— Que lhe direi eu? terei coragem para lhe solicitar uma lição? com que pretexto? E depois que especie de homem será elle? como se deverá tratar um poeta, um ser superior, que conhece os arcanos da poesia, e trata por tu as divindades do Olimpo?

E o coração batia-me apressado. Ao mesmo tempo, tentava reanimar-me recordando um caso analogo, succedido com o Bernardino da Varzea. Este sujeito quando a linha ferrea ligou a Beira com a capital, veio até Lisboa. Trazia algumas libras, um grande prurido de sensações novas, uma grande curiosidade de ver, e apalpar, se tanto fosse possivel, as grandes celebridades que enchiam o mundo desde Lisboa até Lobão e Nandufe.

Chegou, viu, mas parece que não palpou nem gostou. Ao voltar a Lobão, todas as suas impressões de viagem se resumiam n'um impertinente sorriso de desdem.



—Então o que nos diz da capital, seu felizão? —perguntavam-lhe ás vezes n'um intervallo de bisca.

—Ora adeus! A gente julga cá uma coisa, e elle é outra. As gazetas enganam-nos descaradamente. Vejam o que ellas dizem do duque de Loulé: que elle é conde de Val de Reis e senhor da Quarteira; que elle casara com a filha de um rei; que elle mete n'um chinélo os politicos do mundo inteiro; que dá conselhos ao rei e faz tremer todas as grandezas; que tudo se descobre e toda a gente fecha os olhos com deslumbramento quando elle passa, *et cætera* e tal e coisas. Quiz vêr o prodigio, mas afinal de contas,—os senhores não acreditam, mas é verdade,—afinal de contas, é um homem como qualquer outro!—penteado e barbeado como qualquer official ali do 14; uma carruagem como as outras carruagens; dois cavallos mais ordinarios que os do morgado de Mollelos; um cocheiro como o da fidalga do Loureiro... um homem como os outros, sem tirar nem pôr.

Esta veridica historia dava-me alentos; e eu monologava:

—Bem pode ser que o doutor Thomaz seja tambem um homem como os outros.

E caminhamos.

Ao avistar Parada de Gonta, dominado sempre

pela imagem lendaria do poeta, murmurei instinctivamente:

> Que fresca aldeia formosa,
> nas margens do meu Pavia! *etc.*

E, ao atravessar a povoação, no local onde negrejam os restos do palacete de D. Martinho de Aguilar, murmurei tambem:

> Um dia,—quando, não sei,—
> fui ver as gastas ruinas, *etc.*

Entrámos em casa do doutor Thomaz. Não obstante o caso do Bernardino da Varzea, os meus passos eram pouco firmes, e a respiração não era livre.

Seriam nove horas da manhã. Da cosinha evolavam-se uns aromas bons que prenunciavam o farto almoço beirão. No pateo agitava-se uma multidão de gallinhas, patos e perus, disputando o milho que uma criada anafada lhes atirava da varanda ás mãos cheias. Um grande gato branco, estirado ao sol, sobre o corrimão da varanda, espreguiçava-se e bocejava, fechando os olhos sornamente. Umas pombas arrulhavam nos beiraes do telhado, e um cão perdigueiro vinha-nos ao encontro, farejando-nos familiarmente as mãos.

Até aqui, tudo exactamente como em muitas casas que eu conhecia na Beira.

Disseram-nos que o senhor doutor estava no quarto, fazendo a barba, e que podiamos entrar.

—Faz a barba! — disse eu comigo, refreando um pouco a minha fantasia e os meus receios.

Effectivamente, repotreado n'um tamborete patriarcal, soffria resignadamente as torturas que lhe inflingia um Figaro de aldeia; e, com a serenidade do justo, fechava os olhos para não ver o instrumento do supplicio.

Caí das nuvens! E depois, uma toalha atada ao pescoço, e a cara coberta de espuma de sabão... exactamente como os outros homens que se barbeiam.

O poeta, sem desviar a cara do cutello barbicida, estendeu-nos a mão e disse-nos umas frazes amabilissimas, e nem uma queixa lhe ouvi contra o seu algoz. Terminado o sacrificio, o poeta aprumou o corpo esvelto e flexivel, bipartiu a pera, amaciou o bigode, atou a gravata, com uma elegancia nobre e despretenciosa, e concluiu:

— Vamos almoçar.

— Tambem os immortais almoçam! — disse eu comigo sentenciosamente.

Não podia haver desillusão mais completa.

Á meza, Bernardo denunciou-me como autor de diversos attentados liricos, nomeadamente uma decima, escrita a lapis na frontaria de uma igreja.

Corei, gaguejei umas desculpas, articulei umas atenuantes, mas o juiz foi inexoravel.

—Venha a decima,—ordenou-me o doutor.

A toalha alvissima da meza assumiu a meus olhos umas côres fantasiosas e cambiantes.

Com voz tremula e compungida, como a de um condenado á forca ao pronunciar as ultimas preces, comecei:

> **Salvè, templo tão brilhante,**
> **das igrejas a belleza!**
> **Tu não queres que eu cante...**

O poeta, sentindo que um verso erradissimo lhe perfurava e retalhava a membrana do timpano delicadissimo, interrompeu-me.

—Depois ouviremos o resto. Que livros tem estudado?

Tomei ar, e respondi, folheando pausadamente a memoria:

—Diversos: o *Manual Enciclopedico* do senhor Monteverde, o *Almanak* do senhor Castilho, o *Lunario Perpetuo* não sei de quem, a historia da princeza *Magalona*, a confissão do *Marujo*...

—Já não é pouco, observou o doutor Thomaz, esgotando a sua chavena de cafe; —hade tambem estudar um que eu lhe empresto: o *Tratado de versificação* de Castilho.

Arregalei os olhos, de surpreza e de gula: ia

finalmente saborear um acepipe desconhecido mas entresonhado.

Recebi n'essa tarde a primeira lição poetica. Se d'ella se arrependeu o mestre não o afirmo; mas eu, alguns leitores e varios livreiros é que temos sentido as naturais consequencias d'essa lição. Dei o primeiro passo n'um caminho em que eu não desejaria ver entrar filhos meus, mas dei-o com prazer e com reconhecimento. O reconhecimento pelo menos era devido porque as intenções do mestre não podiam ser mais santas. D'ahi em diante não pude deixar de fazer côro com o vereador Marques, que no calor das suas apologias, quando a sêde lhe prendia a lingua, me cedia generosamente a palavra, em vez de pedir um copo de agua.

O meu espirito seguia com interesse e enthusiasmo os triunfos e as ascensões sociais e literarias do autor do *D. Jaime;* e observei que esse enthusiasmo e interesse não era só de um ou de poucos. A Beira, que elle muitas vezes chama *sua*, era realmente d'elle. Na cidade, na aldeia, no campo, Thomaz Ribeiro creara um culto novo, o culto do merito pessoal. Os seus versos, principalmente recitados por elle, eram elementos seguros da propagação e radicação d'esse culto.

Quando elle recita, a sua voz tem uma estranha melodia, plangente, insinuante, persuasiva;

os seus olhos ora se humidecem e descaem n'uma languidez compungida e dôce, ora relampagueiam vivissimos, illuminados por uma ideia superior; os musculos da sua fronte estremecem, comprimem-se, distendem-se, desapparecem, como as ondas de um lago sobre que se encontram e lutam virações oppostas.

Eu vi senhoras nervosas e impressionaveis passar, ouvindo-o, do enthusiasmo á febre e da febre ás lagrimas, com uma espontaneidade e sinceridade que são a maior gloria do artista.

A estes predicados de bem falar deve elle em parte os seus creditos de orador parlamentar.

D'esta vez porém a politica não matou a poesia: o deputado, o magistrado, o burocrata, o ministro, nunca deixou de ser poeta: tambem a gratidão explica o facto: se Thomaz Ribeiro não deve um dissabor á poesia!

A' politica talvez deva alguns. E só á politica? Quantas nuvens ignoradas não obumbram muitas vezes a existencia dos que mais felizes se nos antolham! A preposito disse um poeta:

A lua é calma e tem vulcões no seio.

A meu vêr, quando Thomaz Ribeiro partia para a India no desempenho de funcções officiais, não

accorria ao cumprimento de um dever civico: fugia; esquecia-se.

A sua poesia em geral é triste, não d'aquellas tristezas piegas dos romanticos de melena desgrenhada, pseudo-lamartinianos, que nos ultimos trinta annos inundaram os prélos com catadupas de trivialidades aconsoantadas. Hajam vista as estrofes que o poeta consagrou á memoria querida da que lhe foi mãi, exemplo e mestra. Não é a sentimentalidade que se derrete em versos banaes, em cantilenas prostituidas pela voz aguardentada dos guitarristas vadios; é o sentimento nobre e elevado que se evola n'uma fraze, n'uma nota, n'um som que passa.

Em meio das paisagens mais ridentes que a paleta do artista desenrola, opulentas de seiva, de cores, de luz, ha sempre um sulco escuro, um traço melancolico, que prende instinctivamente as vistas e as simpathias do observador attento.

Sentimentalista sincero, conservador e tradicionalista em sociologia e metafisica, elle, não obstante ser um poeta modernissimo de incontestavel talento, nunca poderia ser um poeta revolucionario; por sua parte, poetas revolucionarios, os poucos que entre nós merecem este nome, não sabem rir-se, quando Thomaz Ribeiro, n'uma sociedade e n'um seculo que declarou guerra de exterminio a todas as metafisicas, declara convicta-

mente que acredita em Deus: elle sabe dizel-o de maneira, que não suscita um protesto, uma ironia, um epigrama. É o poder da palavra, ou, antes, o poder do estilo, que por si explica a victoria dos sistemas e dos apostolados felizes.

A' hora em que escrevo, Thomaz Ribeiro é governador civil do Porto. A mais insignificante das suas circulares aos administradores, seus subordinados, será tudo o que quizerem os seus adversarios politicos, mas o que nunca deixará de ser é uma peça de estilo, uma obra de artista.

N'este caso, graças á politica: a administração não perde, e a literatura ganha.



V

MEMORIAS DA SOLEDADE

Voltou o lyrio do prado
e o perfume da balseira,
mas a voz da minha amada
não voltou!

Geme a tarde na floresta,
doura o lago o sol d'abril, —
e eu não vejo a face mesta
da estrella do meu amor!
A lua esconde entre nuvens
o seu pallido fulgor!
Da collina as esmeraldas
não tem orvalho do céu,

e da montanha as espaldas
não cobre o pallido véu!
Quando o lume da saudade
me beija o pranto desfeito,
busca entre sombras o leito,
fria, fria!... e véla só,
como a noite da jazida,
o sonho da minha vida.

Voltou o lyrio do prado
e o perfume da balseira,
mas a voz da minha amada
não voltou.

GUIMARÃES FONSECA.

Guimarães Fonseca

É uma celebridade sem biografia escrita. Pertence á tribu dos excentricos, de que foram patriarcas João de Deus, Anthero de Quental, Vieira de Castro, João Penha e outros.

Chegou a formar-se em direito, o que eu não comprehendo bem, não obstante ser um facto. Depois de feito bacharel, tornou-se mistico, e foi estudar theologia no seminario de Braga, onde a sua compostura, humildade e sciencia faziam antever n'elle um venerando apostolo que desbravaria as gentilidades, convertendo os sertões em pascigos uberrimos dos rebanhos de Christo.

Effectivamente, Guimarães Fonseca partiu para os sertões, não da Africa, mas da America, onde prégou literatura nos jornais da epoca, procurando converter todas as escolas á fé dos seus carinhos.

Annos depois voltou á patria, envelhecido prematuramente, trazendo do Brazil oftalmias, reumatismos, o diabo!

Em 1872 ou 1873 a academia de Coimbra organisava, sem estatutos nem approvação superior, uma associação que intitulava *União Literaria*, e que fôra installada n'uma casa da rua das Covas, ao lado da Sé Velha. Recitáram ali discursos e poesias Luiz Garrido, um investigador sisudo da historia antiga; Macedo Papança, o autor das *Crepusculares;* Alves da Veiga, um estudioso democrata, hoje presidente do centro republicano do Porto; Custodio Velloso, um vehemente jornalista ultramontano; Magalhães Lima, o conhecido e sympatico orador revolucionario; Nunes da Ponte, um poeta muito supportavel; Assis Teixeira, hoje lente da universidade, e muitos outros, entre os quaes podemos contar hoje os melhores lavradores, chefes de familia, juizes e deputados, mas tão escassamente conhecidos em o nosso mundosinho literario, que me dispenso de lhes ementar os nomes.

N'uma noite de sarau, Coelho de Carvalho, um poeta algarvio, de grandes gestos e de grande coração, apresentou na *União Literaria* um orador novo, uma reliquia da precedente geração academica, um poeta que sabia fazer versos com a singeleza de João de Deus, e que sabia beber com a elegancia de João Penha.

O orador ergueu-se para falar. Ás dores reumaticas e as calmas do equador tinham-lhe curvado um pouco a espinha dorsal. A sua fisionomia era

a de um martir suavissimo e resignado. A barba loira crescia-lhe livremente, como uma vegetação triste, na face pallida. O olhar, morno e doce, caia como uma caricia sobre a mesa da presidencia. A cabelleira descuidada e revolta recommendava o perigrino á bemquerença dos *unionistas* conimbricenses.

Falou. Recitou. E a sua voz evolou-se como um suspiro de ave ferida. Cada verso tinha o tremor vago e limpido de uma lagrima infantil. Em cada palavra ia uma saudade infinita. O orador, Guimarães Fonseca, ao acabar de falar, tinha os olhos marejados de sinceras lagrimas. Os seus tempos academicos estavam ali resuscitados, rejuvenescidos.

A *União* abraçou-o cheia de enthusiasmo e commoção; mas elle, o maior favor que solicitava dos seus amigos era que lhe comprassem alguns exemplares da *Fada*.

Tinha razão. O poema, com aquelle titulo, estava impresso ha oito ou dez annos; mas a imprensa não o deixava sair dos seus depositos, emquanto não estivesse paga a impressão e o papel. Ora, as riquezas de Guimarães Fonseca, se bem que elle chegava do Brazil, não subiam a tão levantados commettimentos.

O livro exhumou-se effectivamente d'aquelle vasto cinerario da imprensa da universidade, e pôz-se á

venda. Mas, entre a data d'este facto e a da impressão havia tal distancia, que a imprensa periodica, distraida para assumptos mais graves, quasi que não deu signal do apparecimento da obra; se bem que a par de alguns defeitos de fórma, a *Fada* tinha incontestaveis bellezas de linguagem e de inspiração.

Mortas as saudades de Coimbra e resgatada do limbo a *Fada*, Guimarães Fonseca internou-se em Lisboa; e, como não podia advogar, porque já não conhecia nem de nome os livros de direito; e como tambem não conseguiu uma posição definida e lucrativa porque lhe faltavam padrinhos, vadiou, isto é, tornou-se um d'aquelles conspicuos varões que Teixeira de Vasconcellos denominava, para os distinguir, *vadios illustres*.

Com o fim, porém, de não perder inteiramente o conhecimento da letra manuscrita, e de adquirir uns leves cobres para um jantar de oito vintens, ia escrevendo umas noticias e umas revistas no *Diario Illustrado*, até que o anjo casto das boas inspirações lhe ensufflou uma luminosa ideia: a biografia encomiastica do barão do Rio Zezere.

Feita esta obra, a mais colossal da iniciativa utilitaria do *Hobbes* Guimarães Fonseca, o barão do Zezere atirou o lendario chicote para um canto da caserna, calçou as suas luvas mais brancas, meteu na bilheteira um cartão elegante, e foi-se á pro-

cura do seu amavel biografo. Procurou debalde. Cansado já de pesquizas, parou offegante, limpando o suor, junto á porta de um commissario de policia. O commissario vinha saindo.

— Ó aquelle, — disse o barão; — você não saberá onde diabo mora o Guimarães?

— Qual Guimarães?...

— O que escreve nos papeis.

— Então insultou a *Carta* ou V. Ex.ª? É preciso tomar nota nos registos da policia?

— Não é isso, homem. Quero falar-lhe, e ninguem sabe se elle tem morada.

— Ah! n'esse caso, talvez a parte da policia diga alguma coisa; esta noite deu-se caça aos vadios, e talvez... se V. Ex.ª quer, mando vêr.

— Não diga asneiras; não me chegue a polvora ás ventas. Um homem que escreve para o publico, e que escreve como Guimarães, não é um vadio. Se eu podesse fazia-o general; é homem para falar ás tropas.

O commissario teve uma ideia, caso raro:

— Onde viu V. Ex.ª a escrita d'elle?

— Na gazeta do *Illustrado*, se me não engano.

— Então, indo ao *Illustrado*, ali na rua da Atalaia, talvez lá lhe digam... ou talvez o encontre.

—Boa ideia. Obrigado.

E o barão partiu, e entrou na sala da redacção do *Diario Illustrado*. Ferreira Lobo escrevia, com

ar grave, um artigo ácerca de questões economicas; Gastão da Fonseca rimava umas quadras ao chicote do barão; e Guimarães Fonseca solicitava com facecias a Fernandes Costa a prenda de um cigarro de Xabregas.

O barão, ao penetrar n'aquelle santuario da letra redonda, sentiu uma timidez, que lhe não era propria, e balbuciou:

—O sr. Migarães, quero dizer o sr. Guimarães...

Guimarães Fonseca levantou-se coxeando de dores e de alegria.

—Oh! o sr. barão! Quanto estimo...

—Eu desejava apenas saber onde mora para ter o gosto...

—Em toda a parte, sr. barão, em toda a parte; onde houver quem me receba, ahi me encontrará.

—Não percebo. Eu recebel-o-ia perfeitamente, e comtudo não o encontro lá.

—Engana-se, meu amigo, deixe-me chamar-lhe assim. A que hora quer V. Ex.ª encontrar-me em sua casa? a que horas almoça?

—Ás oito horas, exactamente como quando eu me chamava simplesmente Joaquim Bento.

—Pois bem, a essa hora, tenha V. Ex.ª a certeza de me encontrar em sua casa.

Guimarães Fonseca não sabia faltar a compro-

missos d'esta ordem. Com uma pontualidade telegrafica, o barão do Zezere encontrou-o no outro dia á sua propria meza ás oito horas em ponto.

O encontro repetia-se diariamente, e por fim o barão começou a parafusar com os seus botões que as biografias em Portugal não eram das coisas mais economicas, e uma bella manhan apresentou ao seu commensal uma engenhosa evasiva, sob color de proposta deslumbrante.

— Ó dótor! você assim não está bem; precisa de um aconchego duradoiro, de uma coisa assim que lhe dê para as sopas...

— De accordo.

— Pois eu se você tomasse a serio um logar publico, quero dizer, uma posição, um emprego, talvez eu lhe conseguisse um certo arranjo...

— Dá elle ao menos para o almoço?

— E ainda sobejam uns cobres para cigarros.

— Ó barão, você é o meu redemtor. Trate-me já d'isso, e não largue o ministro ou quem quer que é.

Dias depois, Guimarães Fonseca já não era commensal do barão, mas tinha nas obras publicas um logarzito que lhe dava para o almoço e para os cigarros.

Ha quatro ou cinco annos, que o não vejo. Que faz elle? canta os seus achaques como Henri Heine? escreve officios de secretaria, ou documentos

de viação? Dorme? trabalha? Ninguem o sabe, e creio que poucos o vêem.

No entanto, do cerebro do obscuro funccionario poderiamos dizer como André Chenier do seu: — *il y avait quelque chose là!* — Assim a saude e a fortuna lhe dessem asas e lhe alumiassem o horisonte!

VI

S. MARTINHO

Não ha nenhum santo com tantos devotos
como é S. Martinho.
No céu não ha santo que tenha mais votos
de más peccadores,
nem tantos devotos, nem tantos amores,
como é S. Martinho.

Por isso as más linguas, que nada respeitam,
nem a santidade!
na terra não querem, no céu não acceitam
quem bebe bom vinho,
e negam, se negam, seu culto e amores
ao bom S. Martinho!

Deixae'-os, que o santo não quer nem precisa
d'um falso carinho:
da seita só presta quem tenha a divisa
de livre devoto;
quem beba sem susto, quem dê seus amores
ao bom S. Martinho!

Os santos são muitos; mas tão populares
como é S. Martinho,
com tantos festeiros, com tantos altares,
não ha nenhum santo;
nem quem mais mereça singelos amores
que o bom S. Martinho!

No dia da festa do santo mais santo
da corte celeste,
saudemos alegres, aqui, n'este canto,
quem bebe bom vinho;
jurando devotos eternos amores
ao bom S. Martinho!

Luiz A. Palmeirim.



Luiz Palmeirim

Chamaram-lhe o Beranger portuguez. Teve a sua hora de celebridade; e ha vinte annos, era ainda um poeta popularissimo. As agitações semeadas pelos *patuleas* e *cartistas* deram por vezes á sua lira uma nota que parecia a vibração da alma popular. Nos theatros, nos salões, nos campos, a sua musa nervosa e patriotica arremangava-se como a celebre guerrilheira do Minho, soltava as tranças ao acaso, accendia nos olhos umas indignações generosas, e fazia proclamações ousadas e energicas. Depois á proporção que sentia dominar o espirito do povo, — d'esta eterna criança que ha de sempre seguir quem melhor a embellecar e comprehender, — baixava o diapasão revolucionario, e adormentava n'um berço de rosas o espirito do povo, embalando-o com deliciosas lendas, e cantos ingenuissimos. Assim, não é difficil comprehender a transacção artistica do *Guer-*

rilheiro, da *Vivandeira*, do *Veterano*, para a *Avezinhas*, para a *Fiandeira* e para todas as toadas singelissimas, que ainda hoje nos cantam nos ouvidos como aquellas musicas faceis e inspiradas que, ouvidas uma vez, não esquecem mais.

Os versos de Luiz Palmeirim obtiveram do povo a mais solene apotheóse, porque eram cantados e repetidos em todos os angulos do paiz, como as canções anonimas, que nascem do povo e que o povo eternisa.

A imprensa e os homens de talento renderam ao poeta popular as mais subidas homenagens; e Lopes de Mendonça, com a sua prosa viril e autorisada, accentuou os meritos do artista em palavras que o tempo não expunje.

Expontanea ou casualmente, Luiz Palmeirim achou-se um pouco afastado do actual movimento literario. Os mais recentes versistas mal o conhecem de nome; os mais intransigentes literatos de seita enfeixam-no com as bagagens romanticas de 1850, e despacham-no para os jardins de Chipre; os seus amigos velhos, azafamados nas secretarias, nos conselhos d'estado, e no mourejar da coisa publica, não teem vagar para lhe dar conversa; os jornalistas vi-os eu passar por elle, apertar-lhe a mão como uma reliquia, e... até logo.

Quando o vejo passar distraido, seguindo vagamente com a vista as espirais de fumo do seu



charuto, caminhando lentamente, quasi sempre só, triste, nostalgico, esguio, cingido elegantemente pelo seu frak irreprehensivel, penso no seu *Veterano*, ponho-me a cogitar se o poeta que passa é um homem ferido de saudades, ou maguado pelo desrespeito que á sua susceptibilidade se antolha no demolidor afan das gerações novissimas.

D'onde em onde, por baixo do folhetim d'um jornal, apparece o nome do poeta: umas vezes é um queixar doentio das injustiças humanas; outras vezes é um recordar saudoso das crenças e costumes populares. Depois, um silencio raramente interrompido: ninguem ouve o poeta, ninguem fala d'elle.

Dentro porém da sua consciencia, e no viridente labirinto das suas memorias mais festivas e gloriosas, acha elle decerto sobejas compensações de immerecidos olvidos.

VII

NO CALVARIO

Maria, com seus olhos magoados,
céus espirituais, lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, emquanto
ria ao pé um dos tres crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dôr no casto manto;
uma mulher de Hermon chorava a um canto,
jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, as pingas de sangue, alva açucena,
dir-se-ia no bom seio recolhel-as;
alguns riam brutais d'aquella pena!...

Salomé tinha um mar nos olhos bellos;
João fitava a cruz... Mas Madalena
limpava a Christo os pés com seus cabellos!

GOMES LEAL.

Gomes Leal

Eram seis horas da tarde. Um rapaz de vinte e tantos annos subia o Chiado, com uns passos curtos, estugados, firmes. Da polaina branca resaltava-lhe um sapatinho polido e ponteagudo. A calça côr de flôr de alecrim obedecia ao mais recente figurino da casa Keil; o frak denunciava as tesoiras magestrais da mesma casa. As guias do bigode subiam petulantemente pelas faces que o Godfroy acabava de barbear. O olhar curioso e inquieto hesitava entre as janelas dos primeiros andares e as *cocotes* transeuntes. As luvas, a julgar pelo aroma, tinham sido compradas no *Centro Commercial*. A gravata *plastron* com um alfinete do *Cento e tres*, a rosa da lapella, o *cheviot* do frak, e o *batiste* que espreitava de uma algibeira exterior, tudo trescalava os pivetes do toucador de uma princeza.

Entrou na *Havaneza* e fez cumprimentos:

— Oh! Magalhães de Lima! já por aqui! tinha-o deixado agora no Baltresqui, e surge-me na *Havaneza!* é como as ideias: — voa! Olá, Seguier! onde diabo se escondeu você hontem á saida de S. Carlos? Sabe que tomei informações da estamparia do camarote 7? Mora lá para as bandas de Buenos-Ayres; é o diabo! Bonitos braços! hein?

E comprou uns *brevas.*

— É verdade, ó Quim: ainda não leste a minha *Traição?* Lá te mando ámanhã um exemplar. Se te parecer, dize francamente a tua opinião no jornal. Fala á vontade; não penses que me zango. O Chagas suppoz-me zangado, mas enganou-se. Eu sou livre, quero dizer o que entendo, e reconheço nos outros o mesmo direito. Onde vais tu passar a noite, ó Vianna? Anda d'ahi comigo, vou jantar com a Lolota ali ao Silva; queres vê-la? *Vêr* é só o primeiro dos cinco sentidos, mas tu não és ambicioso. Vem.

Os dois sairam; e o Carvalho, — os leitores sabem quem é o Carvalho; se os leitores não conheceriam o Carvalho! — o Carvalho perguntou:

— Ó doutor Lucio, quem diabo é este *galantuomo?*

— Não é Victor Manuel, — respondeu Agostinho Lucio; — não é monarca, nem os monarcas lhe devem grandes finezas: chama-se Gomes Leal.

A boca de Carvalho abriu-se de espanto, levan-



tando uma interjeição sobre dois dentes que custaram duas libras no Alexander.

Rafael Bordalo assestando o monoculo, perguntou, sem falar, o motivo do espanto. Carvalho explicou-se:

— Que os demagogos do seu tempo não usavam luvas aromaticas nem fumavam *brevas*. Que o theatro, a grande escola da verdade, nunca apresentara, desde Molière até Scribe e Giacometti, scelerados com encadernação tão taful...—

Magalhães Lima apanhou a luva:

— Scelerados! Quem se chama Carvalho está implicitamente obrigado a ser sereno e firme e a ter sombra amiga como o seu homonimo das florestas.

— Quando não ha tempestade, — ponderou Gervasio Lobato.

— A tempestade, — proseguiu Magalhães, — ruge na consciencia do povo, mas não entra na *Havaneza*, nem mesmo quando a guarda municipal a empurra e agita. Scelerado! não repita a palavra, Carvalho, a proposito de Gomes Leal. Gomes Leal é um caracter illibado, a joia dos republicanos, a fina flôr da poesia revolucionaria. Na sua alma de artista e de pensador, não ha lugar para o crime. Respeitem-se os homens de bem e os homens que honram a epoca.

Um dos circunstantes, Antonio Candido, um ra-

considerais vossos adversarios. Sabeis porque? É porque os estadistas não se improvisam, a administração publica é empresa mais grave que a construção de uma estrofe ou a apologia de um sistema. Se a republica ao surgir proscrevesse os homens praticos leais e prestadios, cujos serviços ao paiz datavam do tempo da monarquia, essa proscripção seria o suicidio da nova instituição, porque uma republica nascente não achará nunca nos velhos republicanos um pessoal sufficientemente exercitado para uma reorganisação politica, administrativa, judicial, economica e burocratica. Ora as minhas convicções são genuinamente democraticas; mas, como a republica não me offerece por ora uma escola pratica de administração e de politica, matriculei-me n'uma das escolas existentes, não para fazer serviços á monarquia, mas para aprender como melhor se pode gerir a coisa publica, seja qual fôr o regimen politico. E aqui está como um republicano pode, sem ser desleal ás suas crenças, alistar-se n'um partido que a monarquia aceita e reconhece.—

O orador não reviu o seu discurso, mas as suas palavras produziram uma sensação estranha.

Magalhães Lima arripiou convulsivamente uma das guias do bigode, sacudiu como Childe Harold a sua cabelleira loira aos ventos da procella, e bradou:

— Assente-se o Agostinho Lucio, presida e dê-me a palavra. Responderei apenas a duas ou tres affirmações do orador precedente. Eu não sei se os versos de Gomes Leal offendem ou não offendem algum cidadão d'este paiz... Não temos ainda escolas de esthetica nem de exegese literaria, para bem estudarmos e discutirmos o valor pratico e a significação real de um alexandrino, quando na sua construtura entram as *coleras supremas*, as *alcovas reais*, e os eternos odios das almas virginais. O que eu sei e affirmo, e o que eu posso provar, é que na grande alma d'aquelle poeta não entram odios eternos nem temporais; o que eu sei e affirmo é que elle é incapacissimo de uma offensa contra quem quer que seja. Digo mais: se ámanhan o ultimo representante da realeza em Portugal, ao tomar o caminho que seguiram os seus confrades descriptos por Alphonse Daudet, encontrar Gomes Leal, este, no meio de uns enthusiasmos de republicano victorioso, terá uma lagrima de compuncção, e deixará cair na mão do foragido, não a maquina infernal de Guillotin mas o obulo humanitario de um poeta de coração.. Da *força da consoante* é que derivam essas suppostas offensas. N'um poeta, ha sempre duas coisas distinctas; o seu caracter de homem e a necessidade de uma rima. Não se confundam. Faça-se pois justiça.—

O Carvalho não ouvio mais. Correu ao *Silva*, abraçou Gomes Leal, que estava erguendo o quarto brinde a Lolota, pegou n'um calix de Johanisberg, e brindou :

— Aos poetas da republica ! —

Supplemento. — Alguns soes eram passados depois dos acontecimentos atraz referidos e já a relação dos mesmos acontecimentos fazia gemer um prélo da rua dos Calafates, quando as carpideiras do noticiario indigena entraram a gemer tambem sob os despojos mortais da finada liberdade de Gomes Leal. A misera encolhera as azas possantes ao contacto frio e sinistro de um mandado judicial : ella, que, sempre altivola e magestosa como as aguias, fitara os olhos no sol e nas tiaras e nos diademas, para adorar o primeiro e derribar os ultimos, baixou as pupilas soberanas sobre um protocolo judiciario e caiu exanime nos braços de Agostinho Duarte Cruz, director das cadeias do Limoeiro. D'ella só resta agora o fragil involucro, como se diz nos necrologios de provincia ; esse involucro é um rapaz adoravel, que se chamou Gomes Leal mas a quem hoje André Chenier daria o nome de *joven captivo.*

Não esperem que eu o lastime : é o poeta mais

feliz do seu tempo, pois que, a troco de algumas semanas de reclusão, verá esgotar-se uma e muitas edições dos seus poemetos e das suas cartas ao rei e á rainha e aos corinthios.

Hade ter muito quem lhe inveje o destino.

Antigamente, e ainda não ha muito tempo, propalava-se apenas um meio seguro da rapida extracção de uma obra literaria ou scientifica: era conseguir que ella fosse condenada pela santa sé. Um dia, n'uma livraria da rua do Oiro, encontrei desalentado e triste um panfletario illustre.

— Só pelo diabo! — justificava elle; — contava mandar fazer este anno um *chalet* na Porcalhota, e comprar ao Relvas um cavallo marroquino para passeiar em Pedroiços, na epoca dos banhos, e afinal o papa, nem palavra!

— Mas que tem o papa com os teus cavallos ou com os teus *chalets?*

— Essa é boa! cavallos e *chalets* demandam certas sommas e eu não me habituei ainda a moedeiro falso.

— Então és parente dos Mastaï Ferretti e intentaste acção de alimentos contra Pio IX; hein? Se queres procurador em Sinigaglia ou no Vaticano, apparece e deixa *preparo.*

— Não brinques: o caso é mais serio do que podes suppôr. Gastei bem boas noites n'um folheto contra o poder temporal dos papas, torneio ener-

gico, vulcanico, dinamitico, empertigado de apostrofes jacobinas e textos biblicos, tão lardeado de toucinho scientifico e de heresias apetitosas, que forçosamente havia de atrair as vistas e os raios do Jupiter do Vaticano. Ora, collocado o meu livro no *Indice* das obras prohibidas, era infallivel e immediata a extracção de dez edições successivas, e já vês como eu poderia ter cavallos e *chalets*, sobrando-me ainda o necessario para uma viagem ao estrangeiro, no qual eu não esqueceria de passar pela cidade do Tibre, só para agradecer ao nosso bom pontifice... Mas qual historia! espero ha quatro mezes a condenação do livro, e nada! Vou todos os sabbados lêr o *Eco de Roma* e perguntar ao Sousa Monteiro se tem algumas noticias de lá, e tudo na mesma! Já fui falar a um Ribeiro, que é pro-notario apostolico e mandou-me para o auditor da nunciatura, um tonsurado bem parecido, que tem um nome que termina em *ati*, excellentes palavras, carta de doutor e muito conhecimento da *Monita secreta*. Falei-lhe da minha pretenção, disse-lhe que esperava ha muito aquelle favor da santa sé e que me dissesse elle o melhor caminho que eu tinha a seguir. O homemzinho tirou da abbatina uma caixinha de oiro, sorveu uma pitada e disse-me, n'um tom de muita beatitude e convicção: — Nem todos os caminhos levam a Roma, creia; ha grandes difficul-

dades em obter, por vias seculares, as condescendencias do santo padre; depois, as distancias, e o pessoal reclamam certos dispendios, e em verdade já o texto sagrado dizia que *dignus est operarius mercede sua*...— Citou-me ainda outros textos que eu não percebi, mas fiquei comprehendendo que, para conseguir o meu fim, era mister um bom empenho canonico e um bezerro de oiro. Ora, se eu tivesse, não digo já um bezerro de oiro, mas as pontas do dito, não tinha eu armado aquella buiz aos passaros do Vaticano. —

Dei-lhe os pezames por tantas decepções; e, emquanto o cavallo marroquino do Relvas engordava nos estabulos da Gollegan e emquanto a alta vida de Pedroiços e Cascais deixava nas ondas a poeira da rua Garrett, elle, o meu feroz panfletario gastava quatro vintens n'um omnibus do Freiria e fazia uma viagem de recreio á *Perna de pau*.

Tudo isto se passava em tempos que não vão longe, quando os literatos ainda tresuavam na conquista de muitas edições e suas legitimas consequencias. Hoje, o problema está resolvido, graças á persistencia com que o poeta da *Traição* procurou a pedra filosofal: um mandado de captura, trez semanas de ocio forçado, quatro jornalistas atacando a intolerancia das autoridades, e quatro jornalistas defendendo a observancia da lei, tudo isto adubado de adjectivos vehementes e

interjeições elegantes... nada mais é precizo para a celebridade de um homem e para se esgotar immediatamente uma tiragem de vinte mil exemplares de um foliculo em verso ou de uma diatribe em proza.

Não lamento pois o poeta. Se n'esta hora não sente o espirito despreocupado e alegre que o caracterisa, lá terá na conta corrente dos livreiros sobeja compensação do curto dissabor de agora.

Creio que vale a pena estar *guardado á vista* algumas semanas, obtendo, com este bafejo da sorte, o premio grande dos autores felizes.

Que lição e que exemplo!

VIII

A FLOR E O LAGO

Era uma vez um cristalino lago
e d'elle á beira debruçada flôr;
que linda flôr de namorado afago!
que lago aquelle de encantado amor!

Ella mirava-se estampada na agua,
elle entranhava a retratada flôr;
ella por dar-se nem sonhava magua,
elle por têl-a só sonhava amor.

Nem folha solta, nem travessa aragem,
toldando o lago, baloiçando a flôr,
nada ali vinha desfazer a imagem,
quebrar o espelho, perturbar o amor.

A estes sentimentos de brio se deve talvez a creação do *Trovador*, a mais notavel folha literaria d'aquelles tempos. O caso é assim narrado:

Na rua e bêco dos Palacios Confusos, em Coimbra, haviam assentado domicilio duas colonias academicas de rapazes já então distinctos. Uma era representada por Teixeira de Vasconcellos, pelos Queiroz dos Arcos, e pelos Borges de Infias; a outra contava no seu gremio João de Lemos, Xavier Cordeiro, Augusto Lima. Entre as duas havia uma tal ou qual rivalidade, sem quebra de boas relações; e uma noite, Xavier Cordeiro, ao entrar em casa, achou na porta um pasquim, em que se beliscavam os seus brios de poeta.

Descobriu-se que o pasquim era de Teixeira de Vasconcellos. Cordeiro não se azedou, mas parece que se resentiu um pouco e desabafou o seu resentimento com João de Lemos.

João de Lemos era dedicadissimo amigo de Xavier Cordeiro; offereceu-lhe até uma poesia em que confessava:

> **Duas almas assim sempre se entendem**
> **pendem ambas de instincto a confundir-se;**

e ouvindo a historia do pasquim, resolveu:

— Pois bem! tu vais mostrar, nós vamos mostrar que os poetas novatos valem alguma coisa.

— Então?

— Faz-se um jornal.

— Concordo.

— Que titulo te agrada?

— Sei lá? *Trovador*, talvez...

— Seja! o *Trovador!*

E sentou-se á banca de estudo, escrevendo, nervoso, enthusiasmado.

Era o programma, um programma pomposo, inverosimil, mas eloquente e seductor.

Xavier Cordeiro correu logo á imprensa de Trovão & Companhia, e, duas horas depois, o programma era distribuido ás centenas de exemplares, e os assignantes affluiam em chusma.

Quem não daria um pataco por cada fasciculo de uma folha poetica, redigida pelos moços mais talentosos e simpaticos da academia de Coimbra?

O *Trovador* é de facto um repositorio interessantissimo do que em poesia havia de melhor em Coimbra por aquelle tempo. João de Lemos, Xavier Cordeiro, Augusto Lima, José Freire de Serpa, ali deixaram as opulentas primicias do seu raro ingenho poetico.

João de Lemos tinha n'aquelle cenaculo um lugar de honra, sem invejas nem contestações. A sua poesia, exuberante, fluente, elevada e suavissima, era um centro luminoso em volta do qual,

como n'um sistema planetario, gravitavam com ufania satelites de fama.

A imaginação juvenil de João de Lemos tinha uns arroubamentos ineffaveis de que achamos parentesco em os extasis junevis de Anthero de Quental. Com uma differença porém : Anthero, pantheista identificado com a Essencia Suprema, tratava familiarmente por tu o Infinito, e invadia-lhe os dominios levantando tendas nas planicies constelladas, emquanto que João de Lemos, cheio de reverencia, pedia um abrigo ás estrellas, *palmeiras de luz em varzea santa.*

No vigor da vida e do talento, João de Lemos collecionou os seus versos, e descançou, ou julgou descançar, no travesseiro espinhoso e ingrato da politica partidaria. Foi pena : João de Lemos tinha direito a um futuro mais dilatado e glorioso do que o pedestal em que o levantaram os seus contemporaneos, se a politica lhe não tolhesse a graciosa penna e lhe não desviasse a imaginação fecunda para os problemas de uma politica esteril, embora cheia de abnegações.



IX

MELANCOLIA

Eu sinto ás vezes repassar-me o peito
uma tristeza vaga, que parece
onda que corre mansa e depois cresce,
e, crescendo, trasborda do seu leito.

E n'essa hora, em que me tem sujeito
um destino que eu amo e me aborrece,
eleva-se-me a alma n'uma prece
ao Deus que me provoca e eu respeito.

Aureo tempo da minha mocidade,
em que vivi na doce paz clemente
da ignorancia que dá felicidade:

oxalá tu voltasses de repente,
para eu fugir á magoa que me invade
e recolher-me em ti, eternamente.

JAIME VICTOR.

Jaime Victor

Começa agora a mostrar o que vale e o que pode valer, e já podemos com justiça chamar-lhe um poeta. Os seus versos não parecem de rapaz: parecem, antes, de um homem que reflecte, e de um artista que não esboça uma paisagem sem idear os ultimos retoques. Vê-se que ha ali predisposição e unidade, condições não vulgares em versistas modernos.

Jaime Victor é um moço extremamente modesto, singularmente trabalhador, cheio de bons affectos e sem ambições desmedidas. Magro, pallido, um pouco triste, elle é talvez dos lutadores ignorados que levam desveladas as noites, amalgamando as perolas do talento com as camarinhas da fronte de operario.

Poeta, jornalista, lexicografo, revisor de provas tipograficas, elle é um exemplo e uma lição severa aos moços seus contemporaneos, muitissimos dos

quais não trocariam pela mais afestoada gloria o seu doce e beatifico *far niente*.

Sua irman, um formoso talento de mulher, e uma infatigavel evangelista da instrução popular, Margarida Victor, acompanha-o intelligentemente, devotamente, nos mais ingratos labores da imprensa; e esta cooperação amiga e permanente explica talvez a persistente coragem do juvenil escritor.

Se elle, d'aqui a alguns annos, já não fizer versos, não nos admiramos. Não ha nada como as luctas da vida material, e a pressão do trabalho estipendiado, para apagar as mais largas aspirações, e para estiolar as mais enfloradas esperanças de um sonhador de quimeras.

Se tal succeder, — o que Deus não permitta, — ficará em todo o caso no logar do poeta um prosador prestimoso, esclarecido e honrado.

X

FRAGMENTO

Ai! esses longos passeios
nas lindas tardes do estio,
os saudosos devaneios,
o dulcissimo scismar,
e a casta melancolia,
que, ás horas do fim do dia,
vinha o seu véu de poesia
na fronte de Emma poisar,
isso não conta o poeta!
não quer a musa indiscreta.

São as paginas sagradas
do livro do coração;
são os misterios sublimes
d'uma primeira paixão!
Tem as flores da existencia
o aroma e a fina essencia,
que, perfumando o sacrario
da ridente juventude,
se esvai ao contacto rude
da mais leve indiscrição.

PINHEIRO CHAGAS.

Pinheiro Chagas

Os seus traços fisionomicos lutam um pouco com a sua energia de temperamento e de caracter. A sua face, trivialmente cheia e rosada, a sua cabelladura castanha, macia e muito cuidada, a sua luneta de miope, o seu todo naturalmente elegante e simpatico, podem muito bem revelar aquelle Arthur que Pinheiro Chagas cantou no seu *Poema da Mocidade*...

Chama-se Arthur o heroe do meu poema.

Mas o que decerto não annuncia é o lutador incansavel do jornalismo hodierno, o escritor indefesso de todas as horas e em todos os generos, o sisudo investigador das chronicas politicas, o orador vehemente, que na sua palavra facil encontra sempre amplos recursos no mais ateado das refregas parlamentares.

Quem podesse ler todos os seus livros, todas as suas revistas, e todas as publicações que elle dirige, difficilmente comprehenderia como um escri-

tor, que é ao mesmo tempo um homem publico, logre tempo, vida e coragem para tanto.

Uma das coisas que mais espantam os que de perto o avaliam é a sua prodigiosissima memoria. Eu duvido um tanto do muito que se tem dito da memoria de João Pico de Mirandola, do Cardeal Mezzofante, e da do nosso fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo; mas do que eu não duvido é da de Pinheiro Chagas; simplesmente pasmosa. As datas precisas dos innumeraveis e mais secundarios factos da historia nacional e estranha; as particularidades menos conhecidas das chronicas e das lendas; tudo a sua memoria reproduz com prontidão e exacção admiraveis.

De sua casa até ao escritorio do seu periodico ou á sala do parlamento, e do parlamento ou do escritorio até sua casa, tem elle feito artigos, discursos, scenas dramaticas, sem penna nem papel, mas tais quais os hade proferir ou escrever.

Em geral, o escritor, o mais que planeia, antes de escrever, é o assunto; a forma, essa surge dos bicos da penna segundo a inspiração de momento; mas Pinheiro Chagas, quando o tempo e a materia lh'o permitem, dispõe, a um tempo, de assunto e forma, e, ao escrever, tem só que reproduzir: não pensa, recordar-se apenas. Algumas scenas dos seus dramas, recita-as elle aos seus intimos, antes de as haver escrito.



Exemplos analogos, só tenho encontrado um nas minhas excursões pelo nosso microcosmo literario: uma dama de Vizeu, D. Emilia Mota. Ouvi-lhe recitar um extenso conto em verso, e pedi-lhe venia para o publicar no *Repositorio*, um jornalzito que o sr. A. F. Barata publicava em Coimbra, em 1869 ou 1870. A poetisa annuiu, mas ponderou-me que lhe era mister mandar primeiro escrever os versos, porque estes não só eram ineditos mas tambem nunca haviam sido escritos, nem a autora se resignava a escrevel-os.

Só de longe em longe é que ella pegava na penna, para mandar algum recado ou carta aos seus amigos Silva Gaio e Thomaz Ribeiro, escritores de sua particular e merecida veneração. Servia-lhe de secretaria sua irman Gloria, um bello talento feminino, quasi iguorado entre as serranias da Beira, onde a sua musa difunde uns aromas silvestres, de que ainda me recordo com saudade, como quem se lembra da patria em paiz longiquo.

O conto de Emilia Mota, quando o ouvi, estava feito desde mezes antes e foi escrito semanas depois pelo melhor dos secretarios.

Reatemos ideias. Pinheiro Chagas, é uma poderosa individualidade literaria, sem ser um grande romancista, nem um grande poeta, nem um grande historiador, nem um grande dramaturgo; mas

a parte que elle toma de cada um destes predicados constitue um cabedal que muitos invejam e poucos possuem.

O seu *Poema da Mocidade* é um livro de rapaz, tem froixo o enredo e a narração monotona, mas é obra de um poeta e de um versificador correcto, como de quem escrevia sob os olhos do primeiro mestre de versificação portugueza.

O *Poema da Mocidade*, com um prefacio de Castilho, foi o pomo de discordia atirado sobre a mesa dos literatos coevos.

Veio d'ali a celebrada *questão coimbran*. Um grito de revolta reboou pelos sinceirais do Mondego, cujas ramarias sabiam de cór as *Cartas de Eco* e *Narciso*, as trovas dos Serpas e os threnos de Soares de Passos. Anthero de Quental e Theofilo Braga prégavam a cruzada dos iconoclastas do romantismo, e os prelos portuguezes gemiam com o parto de mil e um foliculos, — bombas incendiarias, que choviam a flux em ambos os arraiais contrarios.

Passou a *questão*, e com ella passou o que havia de exagero e demasia nos arremessos das hostes aguerridas; mas ficou o que havia de verdade e de justo; e, falando verdade, não se nos dá, antes nos apraz, ouvir ainda hoje, n'um salão ou n'um theatro, os clamores energicos e profundos d'aquella potente e amorosa lava que se chama



Liberdade, quando Pinheiro Chagas lhe interpreta os rugidos, os prantos, os anceios e a dedicação suprema.



XI

NO CAMPO

Oh! dai-me o campo, e vereis
como me desato em flores!
Quando fujo da cidade,
cantam-me na alma os amores!
Vicejo e sou toda festa!
sinto abril no coração!
Co'a suavissima canção
do seu ar livre e contente,
a campestre solidão
traz-me logo ao peito e á mente
alma, vida, inspiração!

Nasci para homem do campo;
não sou homem de cidade.
Nasci para as oliveiras,
nasci para a soledade,
para os fundos castanhais,
para os choupais e as ribeiras,
para os ermos pinheirais!
Amo os placidos verdores!
amo os amenos vergeis!
Oh! dai-me campo e vereis
como me desato em flores!

JULIO DE CASTILHO.

Visconde de Castilho

(Julio)

Tem um perfil distincto: faz-me lembrar ás vezes os traços fisionomicos da familia Orleans. O olhar é doce, insinuante e, ao mesmo tempo, grave. O seu bigode grisalho, n'um rosto levemente pallido, acareia-lhe respeitos que a idade não exige. A polidez do gesto e do trato cercam-no de simpatias que muitos invejam e poucos conquistam.

Entre os predicados morais que mais o enaltecem, sobresai o culto que sempre tributou a seu pai e á memoria d'este. Caracter essencialmente benevolo e bom, elle tudo perdoaria, menos qualquer beliscadura, ainda a mais ligeira, em o nome querido de seu pai. Isto, que muitas vezes será uma injustiça, nunca deixará de ser uma grande virtude.

Entretanto, para si, ninguem ha mais desprendido de vaidades. Não procura nunca impôr o seu

merito: compraz-se na obscuridade e modestia do seu labor intelligente e digno. O segundo visconde de Castilho herdou do primeiro, além do nome, as predilecções artisticas: Julio de Castilho venera exemplarmente a antiguidade classica; os seus trabalhos literarios trazem o cunho d'essa veneração excepcional, e se não canta Febo e Latona, o Pindo e o Pégaso, é porque bem vê que ninguem o leria.

Mas d'esse culto pelo classicismo derivou o merito principal dos seus escriptos: a vernaculidade de frase, a puresa de linguagem, e a prudentissima escolha dos assutos.

A maior parte dos seus livros é escassamente conhecida do publico portuguez: quasi todos impressos no estrangeiro, essas obras pouco ou nada tem apparecido no mercado portuguez; mas quem as conhece estima-as em muito, e quem estuda a lingua acha que aprender ali.



XII

DANTON

Leão no arrojo, era um titan na altura;
terrivel, fero, audaz, mas adoravel,
os dèspotas acharam-n'o indomavel,
sua mulher vencia-o com ternura.

Dos tres a mais simpatica figura,
tinha da sua raça o genio instavel;
não teria um caracter impeccavel
se é verdadeira a historia que o censura.

Mas ao filosofo, que importam vagas
denuncias, vis accusações, torpezas!
Mar da Revolução, que o mundo alagas,

retorico antigo, ou por um poeta romantico, ao eco misto da grandeza magestosa dos desertos, e das profundas tristezas da solidão infinita.

Antes de eu conhecer Fernando Leal, ninguem o crismava de poeta, nem elle se exhibia como tal.

Publicara em jornaes uma brochura acerca de coisas theatrais, fizera uma tradução de Mery, escrevera a respeito de literaturas orientais, mas versos... não constava.

Diz-se que Alexandre Herculano descobrira Augusto Soromenho e que o visconde de Castilho, pai, descobrira Silva Tullio; eu..., para em alguma coisa me parecer com os grandes homens, eu descobri Fernando Leal.

O caso foi assim:

Uma noite, saímos juntos do theatro normal; eram onze horas, pouco mais. Em Lisboa é cedo para dormir. A noite estava serena, e o luar vestia de branco a estatua de D. Pedro em meio da praça que tem o nome do rei soldado.

Passeiámos. Conversámos de tudo, *de omni scibili*, como qualquer enciclopedista... em miniatura. Fernando Leal glosava umas approximações, uns confrontos entre algumas originalidades poeticas de Guerra Junqueiro e umas passagens da *Legende des siècles* ou dos *Châtiments* do grande poeta francez. A proposito, citava-me as respecti-



vas passagens de Hugo, mas citava-m'as em portuguez, em magnificos versos alexandrinos.

Surprehendido pela revelação, consegui que o poeta me recitasse em verso portuguez poesias inteiras do autor dos *Miseraveis*, e franjei com uma d'ellas o *Diario de Noticias*, atirando-a ás ondas da publicidade.

Não houve naufragio: a poesia chegou em boa hora aos portos demandados, e as alfandegas literarias, verificando-lhe as boas qualidades, deram-lhe passagem franca e honrada.

A publicação e boa acceitação d'aquelles versos foi um estimulo providencial: tempos depois, Fernando Leal publicava um volume, composto de diversas peças originais que intitulou *Penumbras*, e de muitas traducções de Hugo, ás quais deu o titulo geral de *Reflexos*.

O livro é dedicado a Victor Hugo e occupa um lugar distincto entre os modernos trabalhos da boa literatura.

XIII

SONETO

Senhoras do meu tempo, é bem notorio
que eu vos servi com lira, harpa, e laúde;
cantei-vos e chorei-me em quanto pude,
com ares de Antonio, não de Tenorio.

Gastei-me entre as paixões e o escriptorio,
raivando contra amor tredo que illude,
e protestando em prosa vil e rude
que o escrever e o amar são purgatorio.

Depois de oitenta livros, com oitenta
roladoras paixões, já não me escapa
nem frase nem gemido! Hoje me alenta

brilhante luz, que os olhos me destapa,
quando, senhoras, vejo essa mão benta
pedindo uma esmolinha para o papa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



Camillo Castello Branco

A primeira vez que o vi, ha hoje dez ou doze annos, Camillo Castello Branco estava triste, doente. Repisava, a passo lento, a curta diagonal da saleta de uma hospedaria coimbran, fumava um bom e aromatico charuto e falava pouco. A lenda haviam'o figurado um moço alegre, alto, bem disposto, que em numerosos combates incruentos florejava com tanta efficacia as armas do seu estilo seductor, como despedia as azagaias do seu olhar magnetico, dominador, irresistivel. O seu olhar achava-se agora velado por dois melancolicos vidros convexos, esfumados; e as faces levemente palidas e as primeiras cans de uma velhice prematura faziam-me scismar no destino de quasi todos os homens de genio, que, fieis ao seu ideal, não afastam os pés da via dolorosa dos obreiros das letras, em vez de fazerem auto de fé aos arquivos da letra redonda, engravatarem os bocios com

a prosapia homerica de um ignorante feliz, tomarem algumas acções de companhia do *olho vivo*, e refocillarem os quadris refegados nos coxins da mandriice peralta.

Camillo é dos mais fieis e corajosos lidadores da milicia literaria. Não pede baixa do serviço, nem a aceita, emquanto a mão lhe brandir a penna, e do cerebro lhe brotarem ideias. Este homem não é um literato, é uma literatura. As suas obras reunidas constituem uma bibliotheca selectissima, que representa um longo e seriissimo trabalho, e que é para os estudiosos a mais completa escola da boa linguagem portugueza.

Presumo que dos meus contemporaneos um ou outro haverá que, estribando-se na facilidade e prontidão com que estão apparecendo escritores que nunca leram Vieira, Sousa, Bernardes, e se abandeiam com o Santo Officio nos odios que votam a Filinto, trejeitam uns desdens adoraveis ao ler algumas paginas de Camillo, e salpicam-as com o labéu de velharias fradescas, locuções obsoletas, arcaismos. Isto succede todas as vezes que ao alludido critico se deparam nos escritos de Camillo palavras que não acha na boca dos seus commensais de *restaurant*, ou dos seus collegas de redacção.

Inutil é ponderar ao leitor intelligente que tais apodos promanam maximamente do desconheci-

mento evidente do que seja a lingua portugueza, a sua indole, a sua vastidão e os seus direitos.

Exemplifiquemos, que o tempo chega para tudo, até para isto. Um critico beirão lê em qualquer livro a palavra *avonde*, que elle nunca ouviu na sua provincia, nunca leu nos autores seus dilectos, e exclama,—uma velharia! seguramente um palavrão fradesco.—O desgraçado ignora completamente que tal palavra é vulgarissima em toda a provincia do Algarve e em parte da do Alemtejo, e não pode dizer-se que seja um provincianismo arbitrario, porque tem por si a autoridade dos mestres antigos.

Além dos vocabulos n'esta hipothese, ha outros legitimamente construidos por derivação, e outros ainda, embora não vulgares, mas portuguezissimos, que só revertem no aformosentarem e engrandecer a lingua. Creio ser evidente que quantos mais sinonimos uma lingua tem para designar uma ideia, quanto mais recursos e quanto menos recorre a idiomas estranhos, tanto mais formosa e rica é.

Um dos grandes serviços pois que a lingua e a literatura portugueza devem a Camillo Castello Branco, é ter generalisado locuções, só conhecidas n'uma ou n'outra parte do paiz, ter produzido algumas pelos processos legitimos da derivação e da accommodação, e ter rejuvenescido algumas

outras, que só estranha quem préze a depauperação das linguas.

Ha todavia um caso, em que o vernaculissimo escritor parece esquecer um pouco os seus tesoiros de linguagem. É quando algum critico de Liliput lhe arranha ao portão da quinta para ir morder-lhe os borzeguins intactos. N'esses momentos, fecha respeitosamente a *Vida do Arcebispo,* consulta o vocabulario das modernas algaravias literarias, arma-se do calão nacional, e, como só assim é que os criticos lilipucianos o entendem e percebem, agora o vereis! Após um tiroteio de chufas e facecias, abre o portão da quinta, e não vê o inimigo: nos humbrais ha simplesmente uns pellos ensanguentados, e na estrada uma poeira que elle suppõe levantada por alguma azemola fugitiva.

E se alguem lhe perguntasse porque foi que elle não trouxe para a refrega as armas mais luzidias da sua nobre panoplia, elle responderia que os alfagemes de Toledo não fabricam laminas para combater lebreus mal ensinados, e que, além de tudo, não quereria nunca o pungente remorso que Almeida Garrett desabafou n'aquelles versos:

> **Pois a tais cerdos vorazes**
> **estas perolas de preço**
> **fui deitar! oh! são capazes**

de as vomitar na torpeza
da sua bruta natureza.

Não é pois como polemista que elle conquistou a sua immarcessivel coroa literaria: deve-a ao romance, e no romance concentrou os mais vividos esplendores do seu talento excepcional, e o cunho profundissimo da sua poderosa individualidade.

Deixemos porém o romancista, e falemos do poeta.

Esta feição do fecundo escritor está menos accentuada do que aquella: o romancista escureceu o poeta. Se Camillo Castello Branco não tivesse escrito mais de um cento de romances, cujo renome se impoz universalmente, os seus livros de versos seriam mais conhecidos e estimados do que realmente o são. Ainda assim abrem-lhe elles lugar entre os mais apreciados poetas do meiado d'este seculo.

Os versos de Camillo, dominados aliás pelo vago sentimentalismo dos poetas de 1850, accusam uma tal espontaneidade, e conservam uma tal discrição e sobriedade na palavra e na frase, que podem enfileirar-se sem anachronismo com os versos liricos de Guilherme Braga e Anthero de Quental, dois poetas de coração, mas sem paixões pelo luar nem pelas brisas.

Todavia Camillo Castello Branco, arrastado pela

corrente que arrasou os canteiros do romantism desadora hoje os seus versos de hontem, e, s faz versos, não chora nem suspira, como se vê d uns sonetos que ha tempos me enviou, e um d quaes rezava assim:

Quando eu tinha vinte annos saluberrimos,
andava sempre a declarar ao mundo
que eu tinha cans, e um dissabor profundo,
e dentro d'alma uns espinhais asperrimos.

Certos criticos, juizes integerrimos,
sorriam das canções do moribundo,
pois viam no meu rosto rubicundo
uns bocios brazileiros e uberrimos.

Que tempo! que saudades! que tolice!
Ora, hoje que eu me sinto quebrantado
sob o pezo da tremula velhice,

não digo que estou velho nem cansado;
desgosto-me, se sei que o leitor disse
que o meu bigode já reluz pintado.



XIV

LIRISMO

Nas tuas espessas tranças,
entre os teus labios risonhos,
aninham-se as esperanças,
volitam doidos os sonhos.

Nos grandes olhos profundos,
cheios de casto esplendor
brilham dois astros, dois mundos,
dois infinitos de amor.

Da tua mimosa pelle
o colorido subtil
é segredo do pincel
do loiro Watteau, — abril.

Tens os misterios suaves
d'uma balada alleman.
Ao ver-te, cantam as aves,
os lirios chamam-te irman.

Quando o teu olhar se expande,
ás vezes fico assombrado
de caber alma tão grande
em corpo tão delicado...

Lembram-me então os supplicios
dos velhos monges e ascetas,
que rasgavam nos cilicios
as carnes febris, inquietas,

e depois iam de rastos,
prostrados, os olhos fixos,
poisar os seus labios castos
no marfim dos crucifixos...

assim concentra-me, pensa
nas angustias ignoradas
e sinta a extase immensa
das almas despedaçadas..

JAIME DE SEGUIER.

Tens os misterios suaves
d'uma balada alleman.
Ao ver-te, cantam as aves,
os lirios chamam-te irman.

Quando o teu olhar se expande,
ás vezes fico assombrado
de caber alma tão grande
em corpo tão delicado...

Lembram-me então os supplicios
dos velhos monges e ascetas,
que rasgavam nos cilicios
as carnes febris, inquietas,

e depois iam de rastos,
prostrados, os olhos fixos,
poisar os seus labios castos
no marfim dos crucifixos...

assim concentra-me, pensa
nas angustias ignoradas
e sinta a extase immensa
das almas despedaçadas..

JAIME DE SEGUIER.

As nuvens passam, ainda
a harmoniosa canção,
e dizem: — a noite é linda!... —
dizendo, passam sorrindo;
sorrindo, passando vão

....

E se o poeta precisa
ter sublime inspiração,
ha de encontral-a segura
na folha triste, mas pura,
do livro do coração.

ANTONIO DE SERPA.



terra das Hispanhas, quero dizer, sobre o asfalto da rua Garrett? *Anch' io son pittore!*

E rompe magestatico por entre a turba respeitosa, e vai a *S. Carlos* dizer á Borghi-Mamo que lhe adora o veludo da laringe com o mesmo enthusiasmo com que abraça o genio das revoluções, e com que digere as cruezas de Baudelaire.

E de facto, quando elle, a sós com as suas inspirações, dá vulto e forma ás suas amenissimas fantasias, a estrella do realismo illumina-lhe a subitas a mente devaneadora, e a penna do poeta traça uns esboços largos e frios da escola realista.

Disseram-lhe talvez que ser poeta lirico é ser anachronico, e elle offendeu-se, e disse comsigo:

— Não serei eu que fique atraz do meu tempo. —

Por isso, o seu futuro literario, se é licito antevel-o, afastar-se-ha progressivamente da sua indole primitiva; e, de hoje a dez annos, se o moço poeta ainda fizer versos, estes versos terão o cunho de um espirito revolucionario, e talvez de um pensador ousado.

Seja porém como fôr, o talento não é apanagio de uma escola; e, onde quer que elle exista, as suas manifestações hão de ser sempre um progresso e uma gloria.

homem, que faz ou fez versos, para pouco ou nada presta nas coisas praticas da vida.

O natural corollario d'estes principios é elevar-se o numero dos imbecis e patifes nas grandes emprezas industriais, nas secretarias, no funccionalismo, ás portas da Bolsa, e no convivio dos potentados reinicolas.

Eu não sei se, revelando Antonio de Serpa como poeta aos muitos que como tal o não conheciam, estou ou não cerceando os creditos do intelligente estadista. Que elle tenha porém paciencia. Ha cerebros ennoitados, em que não é possivel fazer-se luz sem lhes abrir as abobadas craneanas com bordoada de cego; e eu necessito de ensaiar-me n'este rude labor, para ver se um dia posso descarregar com mão destra n'aquelles aridos toitiços o devido golpe de misericordia.

Proclame-se pois *urbi et orbi* que Antonio de Serpa é autor de um livro de versos liricos, e foi um collaborador glorioso das principais folhas literarias de ha quarenta annos.

A revolução romantica, que de França e da Inglaterra passava para Portugal nas malas de Garrett, ia-se aclimando entre nós, favorecida pelos melhores engenhos de então. José Freire de Serpa e alguns outros exageravam todavia a genuina feição do romantismo, e a imprensa literaria inundou o mundo de solaus e xacaras e rimances e



cantatas, e lendas e menestreis e bardos; do alto dos castellos roqueiros a castellan, por noites de luar, aguardava tremula a chegada do conde que fôra na Palestina combater infieis; e, entre tanto um pagem imberbe urdia com seus encantos nos camarins do castello a teia das aventuras. As tragicas lendas medievais e os cavalleiros andantes, prostrados á gargalhada pelo genio agudissimo de Cervantes, resurgiam em pleno seculo dezenove em todo o vigor da redondilha maior.

Antonio de Serpa não seguio precisamente essa esteira; não pôde, é verdade, esquivar-se inteiramente áquellas influições; mas o bom senso e a desambição deu aos seus versos uma feição mais espontanea, mais natural, mais *verdadeira*. Por isso muitos dos seus versos, como as boas obras de arte, são hoje tão apreciados, como o serão ámanhan e como o eram ha quarenta annos.

Se o relembrar as tradições poeticas de Antonio de Serpa é um desserviço ao seu ideal politico, confesso que é esta a mais vigorosa *opposição* que tenho feito em politica, e que jámais me penitenciarei de tal culpa.

XVI

O LIRIO DA GERMANIA

(Fragmento — 1875)

A minha musa livre, ingenua e franca,
envia um terno adeus a Dona Branca,
a heroina do dia, a flôr sem par,
que, saudosa das nevoas da Allemanha,
deixou a velha Hispanha
e a alegria da luz peninsular!

Findaram das gentis cavallerias
os torneios de amor; as correrias
á luz do incendio; as bellas saturnais!
e, quando mais robustas as suppunha,
morrem de novo ao sol da Catalunha
as tradições feudais!

GUILHERME DE AZEVEDO.

Guilherme de Azevedo

É mais um dos que podem dizer aos amadores da plastica: os poetas não se medem a palmos. Pertence á numerosa pleiade dos poetas magros, mas compensa a exiguidade dos adipes com a exhuberancia de espirito e de imaginação. O bigode curto e negro descobre amplamente o sorriso alegre do observador intelligente. A sua ironia é, a um tempo, subtil e despretenciosa. Elle cura pouco de elegancia, mas respira a pulmões cheios o ar penetrante e fresco da critica moderna. Dá-se bem n'uma atmosfera impregnada de são e vivaz espirito. A *verve*, usando a palavra de alguns seus amigos e dos francezes, é o seu sonho dilecto de cada hora. Em Portugal conhecia-a elle de nome, adivinhava-a, sonhava-a. Quiz vê-l'a de perto, palpa-la, abraça-la, identificar-se com elle e por isso, n'uma bella manhan despediu-se de uma linfatica visinha que, sabendo-lhe da balda poetica, vanmente

lhe pediu durante cinco annos uma qûadra ao menos para recitar ao piano; o poeta vestiu o seu guarda-pó de viagem, chamou um mariola de Tuy, poz-lhe ás costas uma pequena mala, e foi-se para o paiz da tal *verve*, uma femea graciosissima, de amor um pouco cosmopolita, e que ás vezes fuma charutos e bebe cognac e hirsch.

Guilherme de Azevedo vive em Paris. Em vão o *Antonio Maria*, o *Occidente*, o Chiado e o café *Martinho* o apodavam de ingrato, fazendo beicinho ou amuos de virgem melindrada; debalde *Zé-povinho*, o eterno Quasimodo do desespero e da sensibilidade, limpava uma lagrima furtiva á manga da jaqueta de burel, suspirando:

— tu vais deixar-me, sem talvez que o pranto...

O ingrato partiu. A esta hora o ventre de Paris, — palavras de Zola, — aquelle ventre enorme e fertilissimo, conta-o entre os seus dissecadores e anatomistas.

As gangrenas que se lhe depararem não hão de contamina-l'o por certo: elle possue os melhores profilaticos e antisepticos; traz as mãos embebidas em fenato e o seu bisturi de operador descança muitas vezes entre frascos que tem a marca de Johan Maria Farina.

Qual será agora o futuro literario d'este poeta? É difficil n'esta conjuntura fazer horoscopos. Do

que elle tem sido, o poeta, mais facilmente se discretiará.

Em trez epocas podemos talvez dividir a vida literaria de Guilherme de Azevedo, como diria um professor ingenuo de biografias illustres.

Essas trez epocas são designadas por trez factos : *Radiações da Noite; Alma Nova ;* critica. Os seus trabalhos criticos, que deram ao *Antonio Maria* um dos grandes elementos da sua justa e invejavel popularidade, são um pouco estranhos ao meu fito. As *Radiações da Noite* são a manifestação espontanea das faculdades liricas do poeta. Prepondera ali o sentimento e as aspirações indefinidas dos vinte annos enamorados e florentes. Na *Alma Nova,* o lirico cedeu quasi em tudo o campo ao pensador; e a poesia social, armada do gladio de Tarquinio, entra no jardim das primaveras romanticas, e decepa as flôres mais candidas do coração do poeta. Mas o coração dos poetas tem mais vitalidade que as papoilas romanas, e prescinde ás vezes da cabeça para dictar leis por sua conta e risco. Temos exemplos em Guilherme de Azevedo.

Renegadas as suas velhas crenças liricas, e publicada a *Alma Nova,* com grave escandalo dos pianos de provincia e do cantochão dos sacristas, Guilherme surgiu como um tubarão nefasto nas costas da Póvoa de Varzim.

As alciones fugiram espavoridas; as brisas esconderam-se nas fragas; as estrellas desmaiaram a lua pediu um copo de agua, e o padre Rademaker foi prégar a outra freguezia.

Por esses tempos, uma formosa creatura, filha de um titular minhoto, e irman de dois simpaticos rapazes muito apreciados em Coimbra e Lisboa pompeava n'aquellas praias o seu nome e a sua graça de hispanhola, e, oh prodigio! perante os donaires d'aquella nereida, o tubarão fez-se homem, o homem tornou-se romantico, e Guilherme de Azevedo cantou assim:

O seu nome é gracioso e muito proprio d'ella:
respira um vago tom de musica innocente;
e lembra a placidez de um lago transparente,
recorda a emanação tranquilla de uma estrella.

Lembra um titulo bom, que logo nos revela
a ideia do poema. E todo o mundo sente
não sei que afinidade entre o seu ar dolente,
a sua morbidez e o proprio nome d'ella.

E chego a acreditar,—ingenuamente o digo,—
que havia um nome em branco, e Deus pensou comsigo
em traduzi-l'o emfim n'uma expressão qualquer:

de fórma que a mulher suave e graciosa
faz parte d'este nome um tanto côr de rosa,
e este nome gentil faz parte da mulher.



A poesia lirica dos namorados estava vingada, mas, em todo o caso estava ali um renegado; e João Penha, indignado por vêr um prosélito do realismo e da ideia nova aos pés de uma G. P., despediu-lhe do alto das suas coleras olimpicas esta scentelha coruscante:

Vate, que odeias as brisas,
não ceifes na seara alheia:
já que sofraldas a Ideia,
não requestes Cidalisas.

Prosa e verso tem balisas:
tu na prosa és de mão cheia;
explora portanto a veia
d'essas coisas que nos guisas.

Deixa-me o velho Collares,
e as brancas musas sem tosse,
e o paio dos meus cantares.

Respeita-me a lira, e a posse
d'estes assuntos vulgares:
respeito ao doutor Pangloss.



XVII

A' señorita

NATALIA MUÑOZ

Ó juventude ruidosa,
ó primavera sem par,
linda estação côr de rosa
que passou léda a cantar!

Ó coragem, ó hombridade,
que faz do homem senhor,
ó fonte de heroicidade,
que sorri á morte e á dôr!

Ó formosura, ó magia,
à flôr da vida, condão,
sonho fugaz que inebria,
que enfeitiça o coração!

O' trindade cubiçada
mais que os thesoiros de Ofir,
quem nos perdeu na jornada
quasi deixou de existir.

Sinto-o. Adeus, mocidade!
de ti, que não voltas mais,
se vivo, é pela saudade
que me diz triste—jámais!

Só vive quem sente na alma
da juventude o vigor,
quem tem da belleza a palma
e arde á chamma de amor.

Vives tu, flôr de Castella,
em plena manhan de abril;
vives tu, Natalia bella,
entre as mais gentis, gentil.

A. XAVIER RODRIGUES CORDEIRO.



Xavier R. Cordeiro

Uma creança enthusiasta, ingenua e boa, coroada pelas primeiras cans dos cincoenta annos.

Elle é o idolatra mais fervoroso e sincero de tudo quanto é generoso, ou grande, ou bello. Nos variados espectaculos da comedia humana, não conhece nem ensaia a pateada: o seu bom animo confrange-se dolorosamente diante dos defeitos e desastres alheios, sejam elles de que natureza forem. Ou applaude, ou cala-se; mas, quando applaude, não espera pelos bravos uniformes e convencionais das *claques* disciplinadas. Todo espontaneidade e franqueza, succede ás vezes que a sua voz simpathica ecôa isolada por sobre a multidão silenciosa. Nem por isso se arrepende, pergunta apenas ao espectador mais visinho: — mas eu tinha razão; hein?

E tem quasi sempre razão. O enthusiasmo não lhe aniquila a prudencia; e o seu grande bom

senso põe-n'o a salvo de muita decepção dissaboreante.

Francisco Gomes de Amorim, um dos mais intimos e mais provados amigos de Xavier Cordeiro, define-lhe a bonhomia e lhaneza de caracter, appellidando-o habitualmente, não Cordeiro, mas... *Borrego.*

Deputado, jornalista, burocrata, nunca perdeu a feição nativa do bom provinciano das Córtes,— uma aldeia banhada pelo rio Liz, por aquelle rio a que Francisco Rodrigues Lobo deve algumas das suas melhores inspirações bucolicas. Amolda-se com difficuldade ás exigencias convencionais da moda ou do costume elegante. Uma dama distinctissima em dotes de espirito e de coração, muito apreciada entre a primeira sociedade de Lisboa, e cujo destino a fortuna ligou ao destino de Xavier Cordeiro, luta muitas vezes desesperadamente para que seu marido substitua a gravata ou dê melhor feição ao desalinhado *cache-nez.*

Xavier Cordeiro não se deixa prender em laços frivolos, e desforra-se de sua propria modestia, prodigalisando bisarrias e bom gosto nos saraus literarios e nas agradabilissimas reuniões a que elle preside em sua casa: torna-se então elegante, recita versos, frazeia amabilidades, comunica alegrias francas e ruidosas, o seu pequeno corpo agita-se nas convulsões do enthusiasmo, o seu bi-



gode pendido, crespo e grisalho, reproduz o movimento celere dos labios por onde sai á palavra facil e animada; e os olhos castanhos, de uma radiação franca e simpathica, espelham a alma do poeta, do amigo, do anfitrião.

N'estas reuniões falta hoje um dos elementos que Xavier Cordeiro mais apreciava. Entre uns versos recitados por Thomaz Ribeiro, e uma pitada de rapé offerecida pela senhora baroneza de Almeida, soava uma nota scintillante, original, imprevista: o visconde de Castilho, de olhos cerrados e longa barba nevada, fazendo girar entre os joelhos n'um jogo combinado, e que lhe era habitual, os dedos pollex e indicador de cada mão, proferia serenamente uma sentença, um bom dito, um epigrama, um commentario alegre.

Cordeiro venerava sinceramente o visconde de Castilho. Lembro-me até de lhe ter visto o golfar das lagrimas, quando, em meio de compacta multidão, pronunciava uns adeuses compungidos, á beira do tumulo do traductor de Anacreonte e Ovidio.

Cordeiro vinculara por mais de um titulo os seus affectos á familia Castilho, fôra o continuador d'aquella conhecida enciclopediasinha popular, o *Almanak de Lembranças*, que vive ha trinta annos, e cuja fundação é devida ao talento pratico e sinthetisador de Alexandre Magno de Castilho.

Mas o titulo, que justifica a inserção do nome d
Xavier Cordeiro n'uma galeria de poetas contem
poraneos, são as producções que lhe abriram luga
assignalado entre a pleiade dos bons engenhos qu
ha trinta annos enalteciam as columnas do *Tro*
vador de Coimbra, e que se chamavam Antoni
de Serpa, Alexandre Braga, Aires de Gouveia
Freire de Serpa, Castro Freire, Couto Monteiro
tantos outros.

Nunca foram collecionadas as poesias de Xavie
Cordeiro; obtiveram no entanto uma popularidad
invejavel, mormente o *Tasso no hospital dos di-*
dos, e *A doida de Albano*. Estas composições, pela
energia do estilo, e espontaneidade da frase, re-
sairam quasi escandalosamente, das telas em que
se espreguiçava a poesia morna e doentia dos
solaus e cantatas de José Freire, Casal Ribeiro e
outros trovadores que, nos fins do segundo quar-
tel d'este seculo, deliciaram os serões de nossas
mãis: accusam a influição d'aquella onda de luz,
que deu côr e vida ás concepções mais poderosas
de Mendes Leal e Palmeirim.

XVIII

DEVANEIO

Se os cantos melancolicos
da minha froixa lira
voassem, ao crepusculo,
no vento que suspira,

ir-te-iam com som tremulo
falar do meu amor,
beijar-te o seio angelico
e o rosto incantador.

E se em teus olhos, lagrimas
talvez de dôr secreta
bailassem, como perolas
nas folhas da violeta;

se ouvindo as aves timidas,
que adejam pelo prado,
trinar em doces modulos
seu canto apaixonado,

a tua voz simpathica
não respondesse então,
e se ficasses pallida,
cravado o olhar no chão:

meus cantos, com som magico,
talvez que a acerba dôr
trocassem logo em jubilos
de indefinito amor;

se os cantos melancolicos
da minha frouxa lira
voassem, ao crespusculo,
no vento que suspira!

EDUARDO VIDAL.



Eduardo Vidal

Meu adoravel publico: permitte-me por um momento um ledo engano d'alma, uma fantasia vaidosa, uma *illusão fagueira*, como se dizia ha annos, e deixa-me que eu imagine entre os meus leitores um do sexo feminino. Para a minha hipothetica leitora, um agradecimento do autor feliz, e a palavra respeitosa do *cicerone* que a vai guiando por esta caprichosa galeria de esbocetos sem arte.

Minha senhora. Eu sei que V. Ex.ª gosta de versos e sabe recita-l'os ao piano, e tem de memoria o que ha de melhor em Soares de Passos, Thomaz Ribeiro, Eduardo Vidal...

V. Ex.ª não conhece decerto o Eduardo Vidal; ah! mas V. Ex.ª conhece-lhe a alma, porque lhe conhece os versos; estima-o, ama-o talvez. Ha dois annos V. Ex.ª começou a soletrar os *Cantos do Estio* e as *Folhas Soltas*, e nunca mais estes livros andaram longe da mesa da costura, e do

travesseiro de V. Ex.ª, como o outro de que rezam os *Luziadas;* lê Vidal

> .... de maneira,
> Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

V. Ex.ª acha ali verdadeira poesia do coração: é poesia doce, como devem de ser os calices em que as abelhas haurem a essencia dos seus favos. A musa dos amores bucolicos, aljofrada pelas auroras d'abril, vê-se entornar o seu cabaz de flôres nos verdes leitos em que se estiram, n'uma voluptia inconsciente e primitiva, os faunos irrequietos da lenda arcadica.

V. Ex.ª quer de certo conhecer o inspirado mortal a quem deve tantos momentos de innocente e suavissimo devaneio. Pois bem: o seu braço minha senhora. Não a levarei aos bosques de Cithera, em procura do internecido e adoravel poeta. Cithera é longe, e Vidal está mais perto.

V. Ex.ª sabe o que é o ministerio da fazenda? Eu tambem não sei ao certo, mas supponho que é uma coisa monstruosa, um mar de papeis e cifras, em que ha ondas e escolhos e dividas fluctuantes... eu sei lá! A alfandega é um braço d'aquelle mar; barris de vinagre, pautas aduaneiras, pipas de vinho, consignações, marcas geroglificas... um inferno, minha senhora, um inferno!



Não trema, traga o seu frasquinho de ether, e acompanhe-me. Subamos os degraus da secretaria do ministerio da fazenda. O director geral das alfandegas, um rapaz que aos trinta annos subiu aos primeiros lugares da burocracia e da consideração publica, saiu ha pouco do gabinete. O seu secretario ficou: está organisando uns mappas de importação de cereais, e annotando umas reclamações sobre uns fardos de algodão, que vieram de Philadelphia á consignação de James & C.ª — É um secretario amavel e podemos entrar-lhe no gabinete sem nos annunciarmos.

Repare V. Ex.ª: todo afanado com assuntos de alfandega, apontou-nos cortezmente duas cadeiras, e proseguiu na sua tarefa.

Effectivamente a firma consignataria James & C.ª não tem matricula na praça de Lisboa; a firma reclamante James Cresley talvez tenha razão, mas... V. Ex.ª enfada-se? Pois são as cogitações de um poeta; porque elle, o verificador, o secretario do director geral, é... não desmaie, minha senhora, — é Eduardo Vidal.

— Horror! — brada V. Ex.ª; — *où la poèsie se va-t-elle nicher?* O meu frasquinho de ether! Saiamos, saiamos!

Sairemos, minha senhora. Adeus, Vidal; dá saudades ao Lopo Vaz e a James Cresley.

Emquanto a reconduzo ao seu *boudoir*, diga-me

V. Ex.ª que tal lhe pareceu o Vidal; um funccionario intelligente e honesto, não? Mas tem uma apparencia grave; fala gravemente, veste gravemente, assesta a luneta com gravidade... Um burocrata, *comme il faut.*

— Será tudo isso; mas o poeta? onde está o poeta?

— Está na alfandega, ou antes a alfandega está no poeta: este é um possesso d'aquelle anjo mau mas um possesso pacifico e prestante. A alfandega com o seu olhar, cheio de seducções estranhas, enleiou-o em braços de bronze, e elle suspira ás vezes:

Quero fugir-te mas não posso, ó virgem.

E não póde. O demonio cravou-lhe as garras no estomago, e grita-lhe implacavel: — Se tentas fugir, estrangulo-te.

Não se contriste porém V. Ex.ª, *je vous en prie,* — como lhe diria aquelle petulante *attaché* da nossa legação em Vienna d'Austria, um impertinente *petit crevé*, que V. Ex.ª atura, tantas vezes, em casa da excellente viscondessa de Gandarinha.

Não se contriste, digo. Quando V. Ex.ª vai passar o verão na sua quinta de Bemfica, succede que V. Ex.ª vem muitas vezes, ao sol posto, debruçar-se á janella que deita sobre a estrada. Reina



um silencio grato, quebrado apenas pelo zumbir de algum insecto ou pelo pipilar dos pardais que, em revoadas se acolhem á larangeira proxima. V. Ex.ª estira demoradamente, melancolicamente, os olhos sombreados de longas pestanas, sobre os estendais de relva que ladeiam a estrada, d'onde resaem, como cravejações artisticas, os brancos malmequeres, de involta com as flôres vermelhas da dedaleira. V. Ex.ª compraz-se no singelo e despretencioso viçor d'aquellas flôres silvestres, e envia-lhes n'um leve suspiro um pensamento de gratidão e uma vaga saudade de outras flôres e de outras paisagens. D'ahi a instantes, vai passando na estrada um jumento ronceiro e magro, seguido e guardado por um gaiato que se distrai apanhando e comendo as amoras da silveira. A alimaria empoeirada e fatigada, distrai-se tambem, desviando-se da estrada, e espoja-se indolentemente, voluptuosamente, sobre os malmequeres e as dedaleiras.

O coração de V. Ex.ª confrange-se instinctivamente, e nos seus longos cilios pretos treme cristalina uma lagrima de piedade. Consummada a obra nefasta, o jumento retoma a estrada, vagaroso, cabisbaixo, triste, filosofando sobre a inanidade das passageiras vaidades e bellezas do mundo.

E V. Ex.ª julga perdidas aquellas flôres, suas visinhas e amigas. Mas, durante a noite, a grande

mãi natureza instila-lhes um novo sopro de vida em cada gota de orvalho. A theoria da transfusão do sangue colhe ali um argumento novo, e no dia immediato V. Ex.ª pode saudar as suas flôres, como se n'ellas não incidisse a pata infame do filosofo quadrumano.

Assim as flôres poeticas de Eduardo Vidal. V. Ex.ª viu-as viçosas, rescendentes, garridas, mas a alfandega, a besta impiedosa, ajoujada de pautas e consignações, observou que as flôres de Vidal não eram objectos de exportação, e espojou-se sobre ellas.

V. Ex.ª não desmaiou porque levava o frasquinho de ether. Quer ver agora reproduzido o milagre da resurreição das suas flôres de Bemfica? E' facil : á noite, no tepido ambiente do seu quarto, quando já tudo fôr silencio, como na *Noche escura del alma*, e antes de soprar á luz e abrir o cortinado do leito, tome entre as mãos as *Folhas Soltas* de Eduardo Vidal; afague-as amorosamente, relembre-lhes o aroma que ellas trescalaram, e, quando acaso marejar uma lagrima nos olhos scismadores de V. Ex.ª, deixe-a cair n'aquellas folhas vilipendiadas; e ámanhan verá V. Ex.ª que as flôres apparecerão rejuvenescidas como se as não machucasse nunca a besta da alfandega.

E para terminar, como o tal *attaché*, o de Vienna, *bon soir*, *mam'zelle*.

Agora tu, meu publico, omnimoda entidade mal defenida, Jano ou camaleão, heroe de tragedia ou *pierrot* farçante, verdugo ou idolatra, tolo ou sapientissimo, quem quer que tu sejas, ouve-me:

Do teu seio misterioso e opulento, onde ha thesoiros e monstros como n'um oceano profundo; onde ha preces e bençãos como n'um santuario perfumado; e ranger de dentes como nas trevas de que falla a biblia; onde viceja a innocencia das Margaridas, e onde escorre a sanie da alma pustulenta de Mefistofeles; onde ha pombas e abutres, a vingança e o perdão, o bem e o mal, a verdade e o erro, a contradição eterna, a antithese suprema: do teu seio, meu publico, tem surgido, como de uma cratéra incendiada, uns rugidos pavorosos contra a forma lirica do sentimento poetico. Eduardo Vidal ha sido apontado como o simbolo do romantismo piegas, e da sentimentalidade nervosa e esteril.

Livre-me Deus de discussões estheticas n'um livrinho d'esta indole, e n'um paiz onde mal se intendem uns aos outros os que mais falam d'estas coisas. Em geral, o estudo e a reflexão são considerados como elementos muito secundarios para as questões da filosofia da arte.

Discreteia-se á ventura, assentando-se theorias por intuições, com a gravidade cathedratica de um prelector da Sorbonna.

Sem perguntar se a questão é de assunto ou de forma, porque talvez não obtivesse resposta; e sem destrinçar o que ha de justo e sensato nas mais recentes manifestações do genio poetico, parece-me que podemos todos concordar n'um ponto: — trivial ou sublime, apopletico ou anemico, romantico ou realista, arcaista ou neologista, grego ou troiano, Eduardo Vidal é um poeta, por esta clarissima razão: tem imaginação, faz versos irreprehensiveis, e conhece a lingua em que escreve.

Isto de saber e escrever portuguez, como deve faze-l'o um escritor laureado, antolha-se erradamente a muitos um predicado vulgar. E não é. Mas que seria de quem se votasse ao labor inglorio de esvurmar os furunculos grammaticais de uma boa parte dos mais applaudidos escrevedores reinicolas!

Se o não crucificassem, espedaçariam pelo menos os seus telhados de vidro, chamar-lhe-iam nomes feios; e, quando o encontrassem em S. Carlos, ou no *Martinho*, teriam palavras sêccas e um ar desconsolado e azedo de quem provou um vinho ruim, mas caro. Nada! este pequenino reino de *Yvetot* é muito amplo em vaidades e prosapias; sobretudo, a familia dos vates, para não fugir ao proloquio *genus irritabile vatum*, é de uma susceptibilidade tal, que mais parece uma creatura his-

terica e nervosa, com a sensibilidade pervertida á força de mimos, e com achaques de dispepsia á força de gulodices.

Mas que estava eu dizendo? Ah! já sei. Que Eduardo Vidal sabe portuguez, que faz versos irreprehensiveis; que é um poeta. Não sei dizer mais, quando quero dizer alguma coisa.

XIX

IN AMARITUDINE

Chovam, sôbre outros, rios de venturas,
cubram-lhe o chão, que pisam, brancas flores,
a luz lhes doire a vida, e das alturas
desçam-lhes risos mil, graças, amores!
Eu, triste eunuco
fadado para o mal, irei passando
sem uma vez libar divino succo
da taça que o prazer vae entornando.
Verei outros haurir o nectar puro,
que os rostos illumina,
e terei de ficar humilde e escuro,
abraçado co' a sombra que me involve,
co' a dôr que me domina!

E todavia os cantos me imbalaram
da doce voz de mãi, que o peito volve,
e sobre o berço meu faces gostosas
com benignos sorrisos se inclinaram.
Tive na infancia c'rôas de alvas rosas,
e sobre a fronte loira me lançaram
os fluctuantes mimos de mil flores.
E comtudo sorvi gratos olores
dos perfumes que em roda me intornaram.
Com sorrisos de amor pagava tudo,
e caras de anjos mil me rodearam!
Oh natureza! Oh Deus! porque não muda
esta dor em prazer, em paz a guerra?
Passar ante essa turba, ignota e muda...
saber quanto se goza,
e não poder gozar! e em toda a terra
não ter onde repouse a alma anciosa!
Meu Deus! para que foi saber venturas,
e não poder gozal-as?
Ou tu me desses só sombras escuras,
ou eleva-me aos céus em que te imbalas!

SANTOS VALENTE.

SANTOS VALENTE

Em 1863 ou 1864, quando o mau séstro de aprendiz de versos me levava a assignar, lá dos recessos da Beira, para as folhas literarias de Coimbra e Lisboa, decorei muitas estrofes de um poemeto notavel, de que saía um excerpto em cada numero de um jornalzito de Coimbra, e que, segundo creio, ficou incompleto. Por esta circumstancia e pelo genero do poemeto, lembrava elle muitas vezes o *Diablo Mundo* de Espronceda e o *Don Juan* de Byron; e, quando em 1869 assomei á *porta ferrea* da Universidade, eu pensava ainda n'aquelle poemeto, na *Ermelinda,* e procurava entre os academicos que passeavam, fumavam e discutiam no *pateo* e na *via latina*, o autor do poemeto, Santos Valente. Era tarde. Santos Valente tinha-se bacharelado annos antes e desapparecera de Coimbra,

ascendendo talvez ás alturas de qualquer Broken social,

como Fausto na noite de Walpurgis,

porque o seu merito lhe dava direito a invejaveis ascensões.

Em 1875, foi-me preciso ir á secretaria do ministerio da justiça. Um amanuense guiou-me ao gabinete de Thomaz Ribeiro e entrou comigo; folheou alguns papeis e despediu-se de Thomaz Ribeiro que o tratou familiarmente por collega.

Tive a indiscrição de perguntar quem era o amanuense que tinha a fortuna de ser collega do director geral dos negocios da justiça.

Thomaz Ribeiro pronunciou o nome de Santos Valente.

Fiquei aterrado.

E porque não? Na minha ingenuidade provinciana, suppunha eu que um bacharel formado e escritor de merito poderia ser tudo, menos amanuense de uma secretaria.

Constava-me que na maioria das nações cultas, os individuos, ao terminarem os seus cursos officiais, tinham diante de si um futuro condigno do seu trabalho e das suas habilitações; mas em Portugal vigoram de ha muito outros principios.

Eu sei que os cursos officiais não são a unica

via que leva ao saber e á conspicuidade: comprovam-n'o os nomes de Herculano, Rebello, Mendes Leal, Sampaio, e de tantos que apenas ao seu estudo e talento devem o lugar a que subiram na politica, nas letras e na diplomacia; mas tambem sei que as mais pingues prebendas, as funcções de mais gravidade e responsabilidade são muitas vezes confiadas aos dilectos da insciencia e aos afilhados da fortuna, com preterição dos homens prestimosos e das capacidades reconhecidas.

Não é milagre por isso o facto de vermos homens de largas habilitações no desempenho de funcções humilimas.

Santos Valente é hoje, desde ha pouco tempo, official de secretaria; mas a manga de alpaca do modesto amanuense hade, por longos annos, apparecer-lhe em sonhos, como um remorso vivo da patria desnaturada. E foi talvez aquella manga, funebre como o crepe de uma eça, o que o fez triste, palido, misantropo.

Raras vezes apparece em publico. Com poucos fala, porque poucos o conhecem e apreciam.

Pois merecia bem que n'elle pensassemos mais. Além de prosador correcto e poeta muito recommendavel, é poliglota de raro merito, e conhece a literatura helenica nas suas fontes, como nós conhecemos Victor Hugo, Espronceda ou Garrett.

Em latim ha d'elle excellentes versos, alguns

dos quais sairam no seu primeiro livro, *Primicias;* e, em francez, tenho á mão umas quadras que me parecem dignas de que as firmasse qualquer dos correctissimos e elegantes parnasianos, Coppée, Sully Prud'homme ou Verlaine. São versos escritos no dia da crise de uma grave doença em janeiro de 1878, e aqui os dou, convencido de que muitos me agradecerão o brinde:

Mes amis, bien près de la mort,
J'ai failli entrer tout-à-l'heure
Dans l'épouvantable demeure
D'où personne jamais ne sort.

Il semble qu'une main quelconque
Entre deux bords me ballotât.
—Le jeterai-je çà ou là?—
Mais nulle main je ne vis onques.

Mes amis, le fatal chemin
Ne semble pas chose si laide
Pour qu'on fasse venir en aîde
Tant de saints et tant de latin.

Maintenant que je suis en vie
Et que j'ai bien vu le trépas,
Voilà mon mot: Ne croyez pas
Qu'il soit besoin d'y penser mie.

Digam-lhe que collecione as suas principais poe-

sias, ou que traga para a luz *Ermelinda*. Leiam-no depois, se é que o não leram ainda; e, quando elle passar, triste, modesto, com a sua pera e bigote hirsutos, com a sua calvicie prematura, com o seu andar lento e ar pensativo, hão de por certo descobrir-se, porque passa um poeta.

XX

Á HISPANHA

(Fragmento, 1870)

Ergueu-se a inquisição...
e tu, no derradeiro paroxismo,
adormeceste ao som de um cantochão
entre os braços mortais do despotismo...
....

Mas acordaste, Hispanha!
e do passado a fúnebre montanha
tombou no abismo, ao lampejar da ideia..
....

Ó ponte de Alcoleia,
foste a ponte de luz por onde um povo,
rasgando a treva do horisonte escuro,
passou do mundo velho ao mundo novo,
das praias do passado ás do futuro!...

GUERRA JUNQUEIRO.

Guerra Junqueiro

Pela estatura, é dos nossos pequenos poetas; pela originalidade e arrojo da concepção, e pela valentia e colorido da frase, tem logar entre os maiores.

O seu nariz de aguia, pronunciadamente voltaireano, os olhos, de uma radiação inquieta, maliciosa, o desdem que o seu pequeno bigode mal encobre por todas as vulgaridades, reflectem um espirito caustico, um tanto excentrico, ensaiando uns pairos aquilinos em regiões superiores.

Os seus dotes mais caracteristicos de poeta vigoroso e original revelaram-se inopinadamente com o apparecimento da *Morte de D. João*. Nos oito ou dez annos anteriores, publicara elle numerosos versos e alguns volumes, mas nada d'isto prenunciava a *Morte de D. João*. *Vozes sem eco* é uma collecção de versos de rapaz, mais ou menos correctos, mais ou menos romanticos. Durante o seu

curso universitario, durante a sua vida coimbran, que devia ser propicia ás manifestações mais authenticas do seu engenho, apenas o poemeto *Crime*, e uma ou outra estrofe vagamente revolucionaria, refletiam, como que a distancia, os esplendores de um talento viril e original. A batina academica, funebre, negra, fradesca, supponho que lhe empecia os vôos do espirito, e que o tornava misantropo, concentrado, triste. Depois que Alvaro de Carvalhal, aquelle mallogrado talento que nos legou um volume de contos, exçentricos, opulentos de imaginação e de estilo, mas que deviam ser catalogados com as chamadas *Bibliothecas para homens*, — depois que Alvaro de Carvalhal, no penultimo anno da sua formatura em direito, sucumbiu a um aneurisma, Guerra Junqueiro, ao subir a rua da Couraça, parava muitas vezes, e murmurava tristemente, pondo a mão direita no coração, e alongando os olhos pelas insuas do Mondego:

— Não ha duvida: o saco aneurismatico não resiste!

Esta aprehensão desvaneceu-se-lhe com o ultimo trapo da batina, mas, seis ou sete annos depois era substituida por outra que tem alguma graça.

Ha mezes topei-o na rua do Oiro, já casado, merencorio, deputado, triste. Estranhei-o.

— Como vai isso? — perguntei-lhe.

— Assim, assim. Adoentado.

— De que?

E Junqueiro respondeu solenemente.

— Molestia de pelle interior.

Ri-me. Elle ponderou.

— Tambem o Sousa Martins se ria, mas afinal teve de concordar comigo.

Dias depois ia tratar-se para Canterets, mas não passou de Paris, onde iniciou o tratamento com canções de *Vaudeville*, harmonias da Opera, digressões no *Bois de Boulogne*, passeios no *Boulevard* e perspectivas de duelo.

Mas vinha eu dizendo que a *Morte de D. João* foi uma revelação brilhante e talvez inesperada.

De facto, em poucos poetas contemporaneos se nos deparará trecho mais vigoroso, mais nobre e mais levantadamente poetico, do que a introducção d'aquelle livro.

A imprensa registou o facto, e a *Morte de D. João* obteve o que os gallicistas chamam um *successo*.

No entanto, pena é dizel-o, ainda não está feita a critica d'este livro, pela simples razão de que não ha criticos, ou de que, se os ha, não apparecem, pelo receio fundado de melindrarem a nossa exquisita sensibilidade. No logar dos criticos, apparecem os amigos e os inimigos ou invejosos: estes não conhecem senão o vituperio, aquelles só sabem louvar.

De um lado, surdiram, contra a *Morte de D. João*, chascos, satirasinhas, chalaças, coisas que não demandam trabalho e estudo, e que não partem nunca de apreciador liso; de outro lado, o louvor cego, incondicional; quando virá a critica? Bom era que viesse, pois que seria para o livro uma honra merecida, mas não esperem que venha.

XXI

VELHO THEMA

Sempre que penso em ti,
ó minha boa amiga!
recorda-me que li,
n'uma balada antiga,

que n'um tumulo frio,
ás horas do luar,
um rouxinol sombrio
ali vinha cantar.

E a sua voz, então,
serenamente calma,
enchia o coração
e illuminava a alma.

As lampadas celestes
tremiam pelo azul,
no ramo dos ciprestes
quedava o vento sul..

Ora eu, que emfim achei
em ti a immensa vida,
e como que avistei
a terra prometida,

recorda essa balada,
tão doce e tão leal,
e lembra, minha amada!
que o canto de cristal,

o solta á luz do sol,
mas não sobre um jazigo,
minha alma,—o rouxinol,
de que tu és o abrigo...

JOAQUIM DE ARAUJO.

Joaquim de Araujo

N'uma calmosa tarde de julho de 1874, Manuel Emigdio Garcia, professor na universidade, José Simões Dias, professor n'um liceu, e eu, professor *in partibus infidelium*, bocejavamos aborrecidos e fatigados, na sala de uma hospedaria do Porto, agitando indolentemente umas ventarolas baratas. O governo mandara-nos á cidade invicta, examinar estudantes e approvar os que soubessem alguma coisa de geografia, chronologia e historia. A segunda parte do mandato não podera cumprir-se n'aquelle dia, porque desgraçadamente nada houvera que approvar.

As reprovações, aliás conscienciosas, enchiamnos de um vago dissabor e de um mal disfarçado desprazer, que nos tornava sorumbaticos e pouco sociaveis. Evitavamos até os cumprimentos pessoais d'aquelles que, por uma usança pouco de-

mocratica, vão, na vespera do seu exame, *implorar a protecção* dos examinadores.

Simões Dias começava a toscanejar, e o criado da hospedaria annunciou:

—Um estudante que quer fallar aos senhores doutores.

O doutor Garcia acudiu:

—Que não se incommode em subir. Que estamos recolhidos. Que deixe o seu nome, se quizer, e que conte com benevolencia e justiça.

O criado saiu e voltou:

—É um estudante, mas diz que não vem implorar protecção; (o basofia!).

Trocámos um olhar de curiosidade interrogativa, e concordámos intimamente:

—É algum dos reprovados de hoje; vem agradecer... a seu modo; quer desabafar; não se lhe impeça ao menos esse prazer supremo.

—Que suba,—dissemos.

Instantes depois, um moço de quinze ou dezeseis annos, imberbe, palido e loiro, entrava com timidez na sala, e sentava-se a nosso lado.

—Chamo-me Joaquim de Araujo;—disse elle com certo embaraço; – tenho publicado *tambem* alguns versos, e sou redactor de um periodico literario, intitulado *Harpa.*

O doutor Garcia previu tudo e atalhou:

—Perdão: tenho que ir ainda hoje a Villa Nova

de Gaia, mas estes dois amigos dar-lhe-hão a attenção que merece; *tambem* são literatos, e intendem muito de harpa; eu é que percebo pouco ou nada. Estimei conhecel-o.

Apertou-lhe a mão, e saiu, o malvado, deixando-nos em braza.

— Pois é verdade, — continuou Joaquim de Araujo, córando um pouco: — eu queria, desejava que os senhores... sim, quando tivessem lugar, escrevessem qualquer coisa para o meu jornal, favor que eu...

Respondemos o melhor que nos occorreu. Que desejavamos ser agradaveis ao senhor de Araujo, mas que os tempos corriam pouco propicios para a literatura amena, e que nós andavamos tão azafamados com serviços tão pouco poeticos, que mal podiamos... emfim quando podessemos...

No outro dia, recebemos alguns numeros da *Harpa*. Lêmos, e filosofámos:

— O rapaz não escreve mal, e o jornalzito é muito apresentavel.

Depois d'isto, Joaquim de Araujo não teve que instar muito pela annuencia ao seu pedido: Simões Dias deu-lhe uns versos e eu dei-lhe um artigo consagrado á memoria de Guilherme Braga.

Joaquim de Araujo deixara-me as impressões de um excellente moço e de um escritor de largas esperanças. O tempo vai justificando as mi-

nhas previsões. O seu recente livro de versos dá a mais inequivoca revelação de um talento e de um poeta.

A sua poesia é essencialmente espontanea, vaporosa, affectiva, um pouco infantil. Os seus versos tem uma harmonia vaga, que nos obriga a devanear e que nos adormenta deliciosamente, fazendo-nos sonhar umas regiões povoadas de luz, silfos, constellações e aromas.

Em todo o caso, são versos de um escritor moço; e, quando se é moço, muito moço, como Joaquim de Araujo, poder-se-ha ser um notabillissimo poeta, mas difficilmente um notavel escritor. A sciencia da linguagem reclama aprendizagem demorada e profunda.

Podemos porém, sem receio de contestação, consignar este asserto:—Quando um homem chega a ser escritor consummado, o poeta, se elle o era, desappareceu ou transformou-se.

Por isso quando Joaquim de Araujo fôr um escritor irreprehensivel, como é um poeta dos mais espontaneos e inspirados, elle já não fará um livro tão sentido e tão perfumado como a *Lira intima*, que será sempre, principalmente para elle, o melhor livro que saiu da sua penna.

XXII

BEATRICE

(Excerpto)

Depois que, dia a dia, aos poucos desmaiando,
se foi a nuvem de oiro, ideal, que eu vira erguida:
depois que vi descer, baixar no céu da vida
cada estrella, e fiquei nas trevas laborando:

depois que, sobre o peito os braços apertando,
achei o vacuo só, e tive a luz sumida,
sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
a flor do meu jardim, que eu mais andei regando:

retirei os meus pés da senda dos abrolhos:
virei-me a outro céu, nem tive já mais olhos
senão p'ra a estrella ideal, que a luz de amor contém.

Não temas pois, — oh vem! o céu é puro; e calma
e silenciosa a noite; e doce o mar; e a alma...
a alma! não a vês tu? Mulher, mulher! oh vem!

ANTHERO DE QUENTAL.

ANTHERO DE QUENTAL

É um dos mais definidos caracteres da moderna geração literaria. A sua passagem por Coimbra deixou vestigios indeleveis e gratos na tradição academica. A academia de Coimbra renova-se incessantemente, mas ha nomes lendarios que ella transmitte de geração para geração, como coetaneos e impereciveis. Para exemplo, João de Deus, João Penha, Anthero de Quental.

Alto, nervoso, excentrico, barba serrada e loira, cabelleira solta aos ventos do *Penedo da Saudade*, Anthero tinha a solenidade austera e a uncção mistica de um profeta: a palavra caía-lhe dos labios, sibilina, apocaliptica; e os confrades e neofitos ouviam-no como se ouvia um vidente em epocas de crença e de profecias. N'esses momentos, se *a noite corria branda*, se o céu se constellava de safiras, se a *fonte do Castanheiro*, os olivedos do *Penedo da Saudade* e as larangeiras do Cidral

cretearam consoante as posses de cada qual. Ouviu-se muita coisa sensata, e ouviu-se muita tolice: é costume tocarem-se os extremos.

Mas as *Odes Modernas* representam apenas uma fase do genio poetico de Anthero de Quental.

As demais fases, denuncia-as a sua *Beatrice*, o seu volume de poesias liricas, e a moderna collecção dos seus sonetos.

A *Beatrice* é um delicioso poema de amor enflorado por um idealismo transcendente e casto.

Se eu fosse critico, diria que os sonetos de Anthero de Quental, valendo muito, valem menos que a *Beatrice*.

Um dia, no escritorio de uma revista literaria que eu dirigia em 1875, o marquez de Sousa Holstein fazia umas objecções amigaveis á condescendencia, com que eu publicara n'aquelle periodico uns versos, meio libertinos, de um rapaz intelligente.

N'essa occasião, trouxe-me o carteiro um soneto de um collaborador effectivo da mesma revista. Relanceei os olhos pelo soneto, e respondi ás objecções do marquez:

—Aqui tem a expiação do meu delicto: é um soneto firmado por um dos nossos collaboradores mais distinctos. Intitula-se *Plena gratiæ*, e é dedicado á *Virgem Santissima, Senhora nossa.*

—De quem é?

— Adivinhe.

— Sei lá! pelo assunto e pela ingenuidade da dedicatoria, parece ser de estudante de seminario ou de collaborador gratuito e eventual da *Nação;* mas, collaborador distincto... não sei.

— Pois saiba que é de um socialista, de um republicano, talvez de um atheu.

— Então é troça.

— Pois não é. Veja. É um soneto respeitoso, grave e serio, como é serio e grave o seu autor, Anthero de Quental.

E era assim. Este e outros sonetos que constituem a alludida collecção, desorientariam os mais perspicazes glossadores, se entre nós houvesse a exegese literaria, como a ha na Allemanha, na Inglaterra, e na Italia, onde as obras de Goethe, Shakspeare e Dante são o texto das mais eruditas prelecções criticas, literarias e historicas.

Se cada obra de um poeta correspondesse sempre a um fenomeno psicologico, eu diria que os sonetos de Anthero de Quental denunciavam uma indefinida preoccupação de espirito, um mal-estar nervoso, uma excitação que não cede ao chá de tilia nem ao brometo de potassio; uma misantropia egoista de filosofo incomprehendido.

No entanto, os que o tratam de perto protestam contra esta interpretação, e continuam a reconhecer no poeta um espirito vigoroso e juvenil, uma

sistematisação racional de factos e theorias, uma intelligencia desanuviada e ampla. Pelo menos, quem nas mais calmosas noites de verão cruzasse a praça da Alegria, em Lisboa, poderia, cosendo-se cautelosamente com as sombras das acacias, assistir de perto ás mais scintillantes discussões, aos mais lucidos discursos, aos melhores ditos, de que possa ufanar-se o mais selecto cenaculo de homens de espirito e talento.

No cenaculo da Alegria entra apenas Anthero, João de Deus, e poucos mais.

O que sairá d'aquellas discussões e d'aquelles conluios? A republica? Um poema? O nihilismo? A aniquilação do café Martinho? Uma opereta comica? Uma guilhotina?

Dicant paduani.

XXIII

DUAS ROSAS...

O meu jardim é pequeno,
mas não é facil havel-o
nem mais alegre e mais bella,
nem mais risonho e sereno!

São duas as minhas rosas,
quasi do mesmo tamanho!
pois se até qualquer estranho
pasma ao vel-as tão graciosas!

O' meu rosal, como brilhas!
— Que este amor se me perdôe
e o Senhor m'as abençôe...
que as rosas são... minhas filhas.

Para as conservar mimosas,
nos seus pequenos canteiros,
somos dois os jardineiros
a cuidar das duas rosas.

ALBERTO PIMENTEL.

Alberto Pimentel

Ainda o buço lhe não sombreava os labios, e já fazia versos: versos de rapaz, mas escritos em purissima linguagem e repassados de uma certa suavidade ingenua, que faz pensar nos antigos serões de aldeia, e n'uma sonhada innocencia paradisiaca de gentes que foram.

Hoje, que o bigode se lhe bifurca em duas guias pendentes, não sei se faz versos. O que elle faz com certeza é politica nos jornais, romances em livros, e officios n'uma secretaria.

E não faz pouco. Franzino e nervoso como uma condessinha romantica, elle tem a coragem de trabalhar por longas horas sucessivas, fornecendo um pabulo assiduo ao minutauro da imprensa. É de uma tenacidade assombrosa e de uma grande força de vontade. Um dia, deixou-se seduzir pela farda administrativa e foi administrador de Portaegre. Os poetas porém não nasceram para admi-

nistradores, por mais que me digam; e Alberto devia ter sempre presente a chave de um soneto que foi a despedida de Guerra Junqueiro aos seus collegas da universidade, e que eu conservo no meu album, como uma das melhores sentenças proferidas por este poeta. O soneto resa assim:

Hoje o mundo está mesmo desgraçado;
o velho Jehovah, que anda escondido,
já não lança o enxofre derretido
nas lepras verdenegras do peccado.

Nos palacios de el-rei bate-se o fado
e celebram-se as graças de Cupido...
No meio d'este mundo corrompido,
que hade fazer um bacharel formado?

Levantai sobre a praça as barricadas,
tornai-vos miguelistas, salteadores,
vendei cautelas, decifrai charadas;

fazei-vos maus, hipocritas, traidores...
Sómente o que eu vos peço, oh camaradas,
é que nunca sejais adm'nistradores!

O ultimo verso é mau, mas a recommendação é digna de registo. Alberto Pimentel conheceu esta verdade, deixou os regedores de Portalegre, e voltou a sentar-se entre os seus collegas do *Diario Illustrado* e, uma vez ou outra, no gabinete da Procuradoria Regia.

Os collegas e os amigos estimam-lhe o caracter, mas tem de observar cuidadosamente uma precaução: não lhe falar mal de Camillo Castello Branco nem de Barjona de Freitas. Barjona é o homem que o hade fazer deputado, e Camillo é o homem que o fez escritor. Quando Camillo remoça ou produz uns adjectivos ou uns verbos, de que nem o diabo se lembrava mas que, sob o impulso da sua penna magica, tomam uma vivacidade e um colorido estranho e atrahente, Alberto Pimentel repuxa o canhenho e assenta. E tanto tem assentado, que chegamos ás vezes a confundir a prosa dos dois escritores, o que constitue de certo o maior e mais justo elogio de Alberto Pimentel.

O conhecimento da lingua, habilita-o para amoldar a penna, sem grande esforço, aos mais diversos e difficeis assumptos. Não é um sabio, não é um historiador, não e um luminar da pedagogia, e comtudo tão facilmente decanta as folhas de um lirio como escreve um livro de historia, um relatorio escolar, uma monografia criminal, um artigo de polemica. Isto depende essencialmente de um largo conhecimento e exercicio da boa linguagem, em que pese a muitos, que muito escrevem e pouco estudaram a lingua que escrevem.

Outro exemplo em abono d'esta theoria é o visconde de Benalcanfor, um simples literato, mas um bom literato; por isso, note-se bem, — *por*

isso podem pedir-lhe um trabalho que não seja de simples literatura, um estudo critico, por exemplo, ácerca da pintura flamenga, uma memoria ácerca da arquitectura corinthia, um confronto dos methodos profissionais da Europa e da America, a historia futura do invento de Mongolfier, tudo o que quizerem; e elle fará tudo isso, e tudo será lido sem que presumâmos que elle é um simples literato, e não um sabio especialista.

E tanto mais aprecio estes factos, quanto deploro o facto vulgarissimo de irem muitos escritores de talento bater ás portas do pantheon, antes de bater ás portas da escola.

Confranjo-me sinceramente, doe-me a alma, se assim posso fallar, quando um escritor, que os jornais crismam de distincto, laureado, eminente, perpetra inconscientemente em cada pagina que escreve, uma tolice grammatical. Ha effectivamente escritores eminentes, — no sentido em que tomam esta palavra varios noticiaristas illustres, — ha escritores eminentes, que, se a boa fortuna lhes deparasse um critico autorisado, sensato e amigavel, voltariam de boa avença aos bancos escolares, para fixarem bem as legitimas relações entre o sujeito e o verbo, e entre o verbo e o attributo. Assim, não havendo criticos que ensinem sem offender e que moralisem sem filaucia, e não havendo igualmente para aturar criticos serios, um

publico sufficientemente numeroso, para que as estantes dos livreiros não soffram eternamente o pezo de criticas bafientas, deixar-nos-hemos ir boiando, mascarados de Ofelia, n'esta corrente indefinida, mixto de cristal e de lodo, de limos e nenufares, corrente em cujo leito ha saibros e diamantes, corais e cascas de ostra.

XXIV

AS DUAS ESTRELLAS

Ha no céu duas estrellas,
uma fixa, outra errante:
a primeira, deslumbrante,
e a segunda, sem alvor;
esta gira em torno áquella,
por simpathia attraída,
e recebe a luz perdida
da que tem maior fulgor.

D'aquellas duas estrellas
uma é tua e outra é minha;
o destino as encaminha,
fazendo-as approximar.

Deixa-as seguir seu misterio
sob o manto do futuro;
se o teu affecto é seguro,
Deus as mandarà juntar.

GOMES DE AMORIM.

Gomes de Amorim

Quem sobe do Chiado pela calçada do Sacramento, até ao largo do Carmo, vê entre o *club* e as *ruinas* do senhor Possidonio, um largo portão de ferro, que dá entrada para um pequeno jardim, cuidadosamente tratado, onde, em tardes de verão pleiteiam primazias o chilrear dos passaros, os versos dos poetas e a garrulice de um côro de crianças adoraveis.

O colono d'aquelle delicioso Tibur mora no predio contiguo, abaixo do nivel do jardim, e seis andares acima da rua Nova do Carmo; e, se o não encontramos cuidando das suas flôres, vamos encontral-o entre as flôres que o chamam pai, na sua luxuosa bibliotheca, lendo, ou ditando, ou revelando os primores do seu espirito e a fluencia da sua palavra n'uma conversação scintillante e animadissima.

É um enfermo, completamente inutilisado para

as agitações da vida ordinaria, e ninguem o dirá, ao vel-o e ao entrar pela primeira vez em sua casa. A tristeza raramente lhe ensombra a fisionomia; a sua habitação tem o conforto e a tranquillidade de um homem felicissimo, e quem desconhecer as amarguras que se velavam nas ironias de Henri Heine, quem não comprehender o *livro de Lazaro*, mal comprehenderá a vida intima d'aquelle a quem me refiro.

Em frente da sua meza de estudo, vê-se a celebrada *cadeira abbacial* de Garrett, conservada ali, menos como movel de uzo constante, do que como recordação do mais affectuoso amigo.

A sua livraria, escrupulosamente escolhida, sistematicamente disposta em estantes de pau brazil, graciosamente trabalhado, para logo nos revela que estamos no gabinete de um artista.

Esse artista é um poeta, um escritor notavel. Os trabalhos e as aventuras da sua juventude rasgaram-lhe horisontes estranhos, insuflaram-lhe uma vitalidade extraordinaria e prematura. Aos treze annos conhecia as florestas virgens da America, salvava as cachoeiras do Xingu, subia o Amazonas, familiarisava-se com o tigre, com a onça, com o tamanduá, com o jacaré, retezava o arco da tacoára, dava caça ao veado e á anta, e fazia versos nas margens sertanejas do Curumuru, entre o rugir das feras, o despenhar das cachoeiras, o

murmurio das florestas e á ingresia dos selvagens tupis.

Surgira a inspiração, mas faltava a gloria.

De regresso á patria, o poeta incipiente teve no immortal Garrett o mais desvelado mestre, o mais fervoroso amigo; e, á sombra de tão boa arvore, pôde colher as corôas que havia entrevisto nos seus sonhos de gloria.

Garrett, Mendes Leal, Rebello da Silva, Rodrigo Felner, os homens que ha vinte ou trinta annos predominavam na politica e nas letras portuguezas, aggremiaram fraternalmente ao seu convivio o moço poeta; e a academia real das sciencias abriu-lhe as portas, quando ella difficilmente as descerrava ainda a escrevedores tão modestos como o signatario d'estes apontamentos.

E merecia aquellas honras o laureado poeta. A sua primeira manifestação literaria, *Cantos matutinos*, livro que já hoje conta trez edições, facto sobremaneira significativo, é o espelho fiel das suas primeiras inspirações, bebidas na solidão das selvas, á beira dos grandes lagos, e á sombra de florestas seculares. A forma ali não conhece os cinzelados de Cellini; ha um não sei que de rude e de espontaneo, de grandeza e de simplicidade.

Portugal admirou o livro, o Brazil comprehendeu-o, e o autor dos *Cantos matutinos* logrou in-

vejaveis estimulos para commettimentos de maior vulto.

No seu livro dos *Ephemeros*, a forma já nos apparece mais culta, e apparece sobretudo a feição mais caracteristica do talento poetico do autor: a poesia maritima. Emquanto o primeiro livro reflectia a viçosa espontaneidade dos sertões, o segundo traduz-nos as variadas scenas do drama infinito, em que são protogonistas o mar e o homem. A *Corveta* e as *Duas fragatas*, por exemplo, são duas poesias que justificam plenamente a seguinte apologia do autor, feita pelo visconde de Castilho: Saiu do oceano coroado de perolas.

Mas o poeta não era só poeta, na restricta acepção da palavra. A maleabilidade do seu talento chamou-o para o theatro e para o romance, e todos sabem os applausos e os triunfos que elle conquistou com o *Odio de raça* e com o *Ghigi*, para não falar de muitos outros dramas, como o *Cedro Vermelho*, os *Herdeiros do millionario*, os *Figados de tigre*, os *Aleijões sociaes, Os incognitos do mundo.*

No romance, produziu os *Selvagens*, quadro completo dos uzos e costumes dos indigenas da America, em que se descobre o conhecimento directo e pessoal de muitas scenas que descreve; o *Remorso vivo*, um dos romances mais engenhosamente enredados do nosso tempo, e em que a

imaginação de Ponson não suplanta o bom senso e o primor da linguagem; os *Fructos de vario sabor;* e sairam do prélo as *Fiandeiras,* romance de costumes minhotos, e o *Amor da patria,* romance maritimo.

É assombroso, quasi inacreditavel, como uma enfermidade gravissima e pertinaz, que ha tantos annos tortura o distincto escritor, lhe deixa forças e animo para não deixar descançar os prélos.

Pois um lutador d'esta tempera, um escritor de tal distincção, passa pouco menos que desapercebido por entre as numerosas e faceis gloriolas da imprensa contemporanea.

Nem todos lhe pronunciam o nome, porque nem todos o conhecem. Elle tem o grandissimo defeito, imposto pela doença e pelo temperamento, de não ir ao *Gremio,* não cear no *Silva* do Chiado, não comprar *brevas* na Havaneza, não orar nos comicios, não fazer versos em noites de *beneficio,* não ter uma cadeira de jornalista nas *Variedades* ou na feira das Amoreiras, não dispender emfim as duas horas de caminho que se gastam, hoje em dia, desde a escola primaria até ao vertice do capitolio.

Entretanto, amigos escolhidos e muitos dos seus mais selectos admiradores lhe frequentam a apreciavel convivencia; e, nos bancos do seu cuidado jardim, ou nas cadeiras da sua graciosa biblio-

theca, não é raro gruparem-se familiarmente: o conselheiro Bartholomeu dos Martires, antigo magistrado, de uma probidade e instrucção rarissimas, que cita Homero, Virgilio, a Biblia e o Digesto com uma surprehendente fidelidade de memoria; Xavier Cordeiro, o melhor dos amigos; Antonio Rodrigues Sampaio, o marquez de Sabugosa, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Gonçalves Crespo, Thomaz Ribeiro, Rangel de Lima, Carlos Relvas, Frederico Laranjo, Sousa Viterbo, os viscondes de Porto Carrero, os artistas Caggiani, Ferreira Chaves... sei lá quantos!

Estas e outras valiosas individualidades, compensam de sobejo nos seus preitos o sistema ou a ignorancia dos que calam o nome de Francisco Gomes de Amorim, imitando Caligula na distribuição das honras consulares. Os homens como elle tem, é verdade, consciencia do que são e do que valem; mas, á falta de pantheon em que nos imponham respeito os homens notaveis e prestimosos, devemos, todos os que presamos as nossas glorias, distribuir os preitos e as homenagens consoante os meritos indiscutiveis. *Magis amica veritas.*

XXV

GRANADINA

(Excerpto)

Vens tu de alguma flor da arabica Granada,
dos que brotam no Darro ou do Jenil na alma'gem,
na «Veiga,» onde suspira a brisa embalsamada
que a laranjeira em flor perfuma na folhagem?

Talvez ao pôr do sol, na Alhambra rendilhada,
surgiste, como surge esplendida miragem
de palida visão, que foi moira encantada,
ou christan que morreu ás mãos de abencerragem?

Ou, talvez, incarnaste a nota mais plangente
que, outrora, foi vibrada em liras do crescente,
e triste, a suspirar, buscava uma querida?

Não sei! perco a razão, ó meu doce misterio!
não sei se és corpo humano ou meteóro ethereo,
sei que és o eterno amor que me alimenta a vida!

LUIZ DE CAMPOS.

Luiz de Campos

É um d'estes homens que não podem ter inimigos. Expansivo e insinuante, elle concilia admiravelmente a mais estremada franqueza com a mais desinteressada urbanidade. Como official superior de exercito, como deputado, como par do reino, como artista, como industrial, em todos os postos finalmente em que o temos visto, e em que são vulgares as rivalidades e as opposições, Luiz de Campos tem acareado as mais invejaveis simpatias, pela lhaneza do seu trato e pela delicadeza e espontaneidade do seu talento.

Era jovial e de uma grande vivacidade. Nos periodos mais serios da infermidade que o tortura ha muitos annos, succedia que, no revolutear de uma valsa vertiginosa, o sangue do pulmão vinha humidecer-lhe os labios, Luiz de Campos retirava-se por alguns instantes, e apparecia logo em seguida, a tomar parte no mais delirante *cotillon*.

Do parlamento foi elle uma vez, ou mais, retirado em braços, extenuado, golfando sangue, em meio das lutas da palavra em que elle se empenha denodadamente, sempre que a tal o obrigam o brio e a coherencia partidaria.

No dia immediato, quando todos o julgavam pelo menos moribundo, elle retomava no parlamento, com a costumada vehemencia, a palavra que lhe ficára reservada de vespera.

Um prodigio!

No quadro da sua historia intima, ha um traço de finissimo lavor aristocratico: a sua dedicação pessoal a el-rei D. Luiz.

Nas lutas mais asperas do partido *reformista* contra as prerogativas do poder moderador, e contra as suppostas predileções politicas do monarca, Luiz de Campos, *reformista* corajoso e leal, distinguia-se dos seus correligionarios pela maneira affectuosa com que tratava a pessoa do rei, o qual lhe compensou sempre tais sentimentos com demonstrações de sincera estima. Falando-se do rei na presença de Luiz de Campos, era vulgar ouvir-se-lhe dizer d'elle: — É um excellente rapaz! —

Em geral, costumamos chamar *rapazes* a todos os individuos da nossa idade. Luiz de Campos segue a regra.

Ha tempos porém que o vejo triste, abatido. Doença? aprehensão? não sei. Em todo o caso

ao ver-lhe o andar cançado e o gesto melancolico, comprehendo e estimo, melhor do que nunca, umas linhas que ha n'uma poesia, escrita em mais felizes tempos, ha quatorze annos, a proposito de uns versos meus. Essas linhas, primeiras de uma doce e perfumada composição, dizem assim:

Da esp'rança a esquiva flôr levanta a fronte
no cume de escabrosa, ingreme rampa:
cansado, ardendo o peito, busca a fonte,
que lhe mitigue o ardor, febre e cansaço.
O misero, trepando, arrasta o passo
e vai bater na cruz da humilde campa,
que para sempre o estreita em ferreo abraço,
aniquilando a dôr
e a sempre fugitiva esquiva flôr!

Eu vou n'esse caminho!

Mas não vai. A sua antiga energia ha-de realenta-lo para as lutas da palavra e para os torneios das letras. Dos homens de imaginação viva, raros ha que não tenham um periodo triste de profundos desalentos e de dolorosas aprehensões.

As letras portuguezas exigem que elle conclua o seu adoravel poema a *Granadina*, e que collecione as suas innumeras composições liricas, dispersas pelas folhas volantes do jornalismo literario.

Nos meus vivos desejos da completa resurreição

moral e literaria de Luiz de Campos, vai de involta, — para que hei-de occulta-lo? — um sentimento de egoismo. Luiz de Campos, como Thomaz Ribeiro, teve seu berço em umas agrestes serranias da Beira Alta, entre as quais a boa fortuna me construiu o berço humilissimo; e, quando sinto e vejo que d'aquelles cerros alguem se vai sublimando até ao pantheon das glorias nacionais, comprehendo então que o patriotismo não é uma ideia van, e todo eu me ufano da gloria alheia, como se fosse gloria minha.

XXVI

SONETO

Quando escondida em teu jardim florido,
te vi sair das aguas murmurantes,
postas as mãos nas pomas palpitantes,
solto ao vento o cabello humedecido;

e sorrindo-te, o corpo enlanguecido
reclinaste nas relvas ondeantes,
dando-me assim aos olhos coruscantes
uma estatua de marmore polida;

não tive, como a santa Biblia conta,
as ideias dos lubricos juizes
vendo a nua Suzanna, que se affronta.

Desejei-me nos barbaros paizes
dos canibais, e tive a ideia tanta
do selvagem voraz! não te horrorises!...

JOÃO PENHA.

João Penha

Em volta d'este nome aggremiaram-se durante um decennio as mais vivas simpathias, as mais gratas fraternalidades, os preitos mais espontaneos, do maior numero da mocidade academica de Coimbra.

João Penha, de uma individualidade tornou-se um simbolo; excentrico como um yankee, grave como um espartano, independente como um barbaro, escovado como um parisiense, o seu todo tinha a natureza de um iman singular, e o seu nome, o nome de *João*, sem mais nada, era pronunciado por centenares de bocas com o mesmo laconismo intelligente e amigo, com que se diz: a arte, o mestre, a bohemia.

O seu viver era de uma simplicidade elegante, e tinha a regularidade de um pendulo. Dormia pouco. Ás oito horas da manhan, descerrava os olhos, corria-os pelos compendios de direito, e

preparava-se ligeiramente para a lição do dia. Ás dez, barbeado e anafado, erguia a vidraça do quarto e regava uma planta exotica, a que elle votara mais carinho que Jussieu ou Brotero.

Almoçado e embatinado, accendia um charuto, assestava o monoculo, e seguia o caminho das aulas. Durante as horas de prelecção, o seu espirito, um tanto avesso á jurisprudencia pratica, perdia-se n'um labirinto de rimas e ironias, e um grande numero dos seus melhores improvisos é o que lhe suavisou as horas fastientas da prelecção academica. Muitas vezes eram os proprios lentes o alvo dos seus epigrammas. O doutor Albuquerque, o doutor Monteiro, o doutor Brito, e outros, emquanto se embrenhavam nos altos misterios de Waldeck, Paiva e Pona, Pegas e Krause, estavam dando pabulo ás caricaturas liricas de João Penha. Não lhe escapavam os condiscipulos, sem que por isso houvesse um despeito ou uma desavença. Um d'elles, que se notabilisava por um magnifico pulmão, voz cava de baritono incipiente, e faces bojudas, estava um dia dando a sua lição de direito natural ao doutor Brito, e João Penha escrevia no ante-rosto do compendio:

Em pé diante do Brito,
dá lição Pinto Lambaça:
parece a voz do infinito,
de dentro de uma cabaça!

A quadra percorreu todas as bancadas do curso, e emquanto o Pinto falou, foi difficillimo conter a gargalhada.

Depois de jantar, descia á *sala do fumo*, onde os seus commensais e companheiros de casa infringiam os regulamentos administrativos, arriscando uns vintens na *batota*. Em torno do banqueiro, que umas vezes era o Pareto, do Rio de Janeiro, outras o Marques, de Nellas, offegavam as respirações e arriscavam-se os ultimos cobres da mesada. João Penha, sempre de pé, porque nunca se sentava, senão por obediencia ás leis de alimentação e ao regimen das escolas, seguia imperturbavelmente os movimentos do banqueiro e as tentações dos devassos. No meio das mais difficeis operações do banqueiro, quando este, lento e tremulo, descobria, uma a uma, as cartas d'onde viria a boa ou má fortuna, João Penha interrompia solenemente:

— Jógo!

O banqueiro voltava as cartas, e aguardava receioso. João Penha, depois de cogitar e hesitar uns momentos, concluia:

— Á quina de oiros.

E atirava dez réis para cima da mesa. As operações do banqueiro proseguiam. Se a sorte era propicia, João Penha recebia o vintem, mandava com elle comprar um charuto, e jogava ainda dez

réis. Perdidos estes, voltava-se para Gonçalves Crespo e intimava-lhe:

— Anda d'ahi. Isto é uma caverna de Caco. As covas de Salamanca não tinham mais bandidos.

Gonçalves Crespo era mais corajoso. Filho de brasileiro, chegava a jogar, de uma só vez um pataco. Ás vezes, estava perdendo quatro vintens e mais, e respondia com azedume:

— Não vou. Estou perdendo muito, e quero desforra. Deixa-me, sombra má, eu lá irei ter ao *homem do gaz*..

E João Penha saía, aprumado, grave, e descia lentamente a rua da Couraça de Lisboa, que domina o Mondego, a Lapa dos Esteios, a Quinta das Lagrimas e a mata do Choupal.

O crepusculo caía docemente sobre a cidade, e João Penha parava, a meio da rua, voltava-se para as insuas do Mondego, e embriagava-se, como um Sileno de bigode e monoculo, nos esplendores d'aquella natureza admiravel e unica.

Depois, internava-se no bairro baixo da cidade, entrava n'um pequeno quintal, que elle denominava enfaticamente o *Luxemburgo*, e por ali penetrava na sala reservada da taberna de um homem illustre, o *Homem do gaz*. N'aquella sala, sem forro nem cadeiras, mas espaçosa, e allumiada por um bico de gaz que lhe dera vasto renome, reunia-se a flôr dos academicos letrados, e ali se

discutia com o maximo desassombro a pluralidade dos mundos, o peixe frito da tia Camella, a existencia da alma, as pernas do dr. Pedro Monteiro, a filosofia de Kant, as videiras da Bairrada, o falansterio de Fourier, os versos de Rosalino Candido, e a federação das nações. Conhecem, que eu saiba, aquella historica sala, Guerra Junqueiro, Marçal Pacheco, Bento Moreno, Sergio de Castro, Gonçalves Crespo, e muitos outros que o leitor conhece pelo que são na politica ou nas letras.

Acabavam sempre tarde as sessões da sala do gaz. Acompanhado ou só, João Penha ia depois cear. A ceia tinha invariavelmente lugar em uma de duas casas: ou na do *Conselheiro*, ao caes, ou na da tia Camella, na rua Larga. Se João Penha tinha recebido pouco antes a mezada ou a importancia de alguma assignatura da *Folha*, e se possuia portanto uma quantia não inferior a um tostão, ceava no *Conselheiro*, e ahi tinha por esse preço lauta ceia de frangão assado, queijo da serra, laranjas, e dois decilitros de bom vinho. Mas se as algibeiras se espapavam leves sobre os femures, ia bater á porta da tia *Camella*, porque só ella seria capaz de lhe vender por trinta e cinco réis o melhor peixe frito d'este mundo e o vinho mais insuspeito de Coimbra.

A tia Maria Camella tem uma pagina de oiro na historia academica dos ultimos quarenta annos.

Morreu ha pouco e Deus terá premiado a sua santidade e honradez. Era uma velhinha magra, um pouco corcovada, e tinha os olhos avermelhados e humedecidos pela sua ternura de coração e pelo fumo da frigideira. Nunca sentira amor mundano, e não sabia para que servissem os homens, a não ser para freguezes de peixe frito e vinho. Acreditava piamente na existencia de um coro celeste de onze mil virgens, entre as quaes sabia que teria um logar, visto que Deus não falta ao que promette, e o reino dos ceus está promettido aos bons e aos pobres... de espirito.

O estabelecimento da tia Camella era uma lojinha escura, cheia de fumo e de aromas de azeite frito, com uma porta para a rua Larga, e outra para a rua do Borralho. Uma tripeça encebada e negra, e um ou dois pipos vazios serviam de cadeiras. Facas, havia duas: uma para os hospedes partirem o pão, e outra com que a tia Camella partia o peixe para frigir; garfos, igualmente dois: um para os hospedes, e outro para virar o peixe na frigideira. Este ultimo garfo era ás vezes cedido generosamente a algum freguez mais rabujento, que não queria sujar as luvas.

Uma vez, Alberto Braga, querendo sentar-se, e vendo a tripeça muito luzidia, pediu carqueija para a interpôr ás calças e á tripeça.

A tia Maria Camella abespinhou-se com o al-



fenim, e, com a sua voz de contralto assucarado, ponderou que a sua casa não fazia vergonha a ninguem; que nunca teve nem teria outra, que o seu aceio era conhecido em Portugal, no Brazil e nas colonias; que se tinham sentado n'aquella mesma tripeça, bebido d'aquelle mesmo copo, comido com aquelle mesmo garfo o senhor Teixeira de Vasconcellos, o senhor Casal Ribeiro, o senhor Aires de Gouveia, o senhor Barjona de Freitas, o senhor Soares de Passos, o senhor Eça de Queiroz, e muitas outras pessoas consideradas e capazes.

Luiz Torgal, um estudante que já pensava em politica, acudiu:

—Ó tia Maria! e o senhor Dias Ferreira não honrou tambem esta casa?

—Olhe, jurar, não juro,—disse a boa velha,—mas quer-me parecer..., sim, tenho uma ideia... de que elle, se não entrou esteve ali á porta, e provou do melhor.

—É que você não estará bem lembrada,—tornou Torgal;—o senhor Dias Ferreira, que é filho do povo, homem muito dado, e sagaz, não havia de deixar só aos regeneradores, republicanos e poetas o privilegio... sim...

O padre Barros assoprou ao ouvido da tia Camella:

—Não faça caso do que elle diz: aquelle malandro é constituinte.

A velha não percebeu, mas calou-se.

João Penha, deitava-se ás duas ou trez horas da manhan, e não adormecia logo. Desde que se deitava até que apagava a luz, é que elle compunha os seus adoraveis sonetos.

Muitos d'estes sonetos foram publicados com o titulo generico de *Vinho e fel*. De facto, sob um veu transparente de alegrias fantasticas, avulta a ironia acerba da desventura estoica, que não quer desnudar-se a olhos profanos, e que não implora lagrimas nem compunções alheias.

Na forma, isto é, na versificação e na linguagem, não conheço poeta que possa legitimamente antepôr-se a João Penha. Temol'-os mais imaginosos, mais ardentes, mais fecundos e inspirados; temo-l'os tão artistas e vernaculos como elle; mais, não.

Na direcção do periodico literario, a *Folha*, era de um tal rigor e intransigencia em questões de linguagem e versificação, que se malquistou com varios escritores muito applaudidos, aos quais elle negou entrada na collaboração d'aquelle jornal. Outros, conhecendo-lhe a tempera e o caracter, passavam de largo e desopilavam despeitos nos outros jornais de Coimbra, e nos de Lisboa.

Aquella atitude era, a certos respeitos, nociva á prosperidade da *Folha*, e afugentava involuntariamente bons talentos, que, conscios de si, não se aventuravam a uma recepção pouco amoravel

da parte do escrupuloso artista. A este proposito, occorre-me que entrei um dia no quarto de Gonçalves Crespo, e achei muito amofinado o futuro poeta das *Miniaturas*. Deu-me a razão:

— Entalações do diabo, — disse elle; — o Queiroz, (Bento Moreno), deu-me hoje um romancito para a *Folha*, porque não quer discutir pessoalmente com o Penha as excellencias do romance realista. O escrito não me parece máu; mas tu sabes o que é o João; como ainda não conhece a penna do Queiroz, é capaz de me cobrir de improperios, sem appellação nem agravo. Depois, quem paga as custas sou eu, porque não tenho cara para dizer ao Queiroz...

Um ou dois annos depois, ufanava-me eu de publicar n'uma revista minha, o *Cenaculo*, alguns dos contos que haviam de fazer parte da *Comedia do Campo* de Bento Moreno; e, a pouco trecho, este escritor tomava assento entre os primeiros romancistas da nossa epoca. Bento Moreno comtudo, contemporaneo e amigo de João Penha, nunca apparecera nas columnas da *Folha*. Não lancemos porém tudo á responsabilidade de João Penha, que talvez nem conhecesse, até 1874, os escritos de Bento Moreno; mas a timidez do Crespo perante a rigidez do autor do *Vinho e fel*, accentua uma das saliencias do caracter moral e literario de João Penha.

Vejam porém que provação o destino reserva aos Catões da literatura! Formado em direito, e recolhido a Braga, escrevia-me elle para Lisboa, na sua calligrafia inimitavel:

—Estou finalmente juiz ordinario do julgado da Sé!—

XXVII

DIES IRÆ

É novembro e faz um frio!
Eu então é que ando em brasa!
Pudera! Se a senhoria
me pede a renda da casa!

Magro cobre em vão recruta
no lidar da vida insana!
Desertam n'um só minuto
as vis poupanças de um anno.

Embora á carne dê tratos,
á velha carne exigente,
deixando passar os «pratos»
«sem pôr nos pitéus o dente;»

embora esguia quinzena
traga já no extremo fio,
e córte a rara melena
por anno uma vez, no estio;

padeça embora a barriga
jejuns ao jantar e á ceia;
amanhan salva á fadiga
de ir enchendo o pé de meia.

De nosso sei que bem cedo
o meu peculio espatifo.
Ai! meia! que és o rochedo
d'este moderno Sisifo!

Sob o teimoso aguaceiro
de tanta renda de casa,
depennado, em meu poleiro,
metto a cabeça na asa.



Já agora da vida o resto
tem de ser assim passado.
Por isso a ninguém empresto,
a todos peço emprestado.

Cança o sorrir da ventura,
O rigor da sorte cança.
Só por entre o que não dura
vai sempre durando a esp'rança.

Eu espero a moradia,
onde de graça me acoite,
no seio da terra fria,
nas sombras da infinda noite.

Ao menos no eterno gêlo,
nos fundos antros escuros,
não terei por pesadêlo
meus senhorios futuros.

Um é Deus. A esse um amigo
satisfaça em padre-nossos.
Outro é o verme, eu cá a espiga,
dando-lhe em paga os meus ossos.

FRANCISCO PALHA.

Francisco Palha

É um Tolentino de boa extracção, não encadernado no cotiado briche do antigo e anemico mestre-escola, mas na sobrecasaca burocratica de official maior de secretaria do estado.

Debaixo d'esta encadernação grave, ha um espirito irrequieto, sarcastico, alegre, que tanto se compraz no epigrama acerado e brilhante, como nas coplas brejeiras de uma opereta decotada.

O seu nome está agradavelmente vinculado á *Fabia*, um disparate dramatico, que tem feito as delicias de umas poucas de gerações academicas de Coimbra. Mas o que mais particularmente tem chamado a attenção dos intendidos são as suas mais recentes composições satiricas. Que um poeta aprenda e progrida até aos vinte, até aos trinta annos, é vulgar e comprehende-se; mas que Francisco Palha, aos cincoenta annos, exhiba progressos, que vão muito adiante dos seus anteriores me-

ritos de literato e versista, é quasi um fenomeno, mormente em Portugal, onde crescem prodigiosamente a laranja e *o pomo que da patria Persia veio,* mas onde a poesia vegeta mal, quando o outono da vida começa a branquear as barbas dos que levaram a juventude subjugando palavras ao metro e á rima.

É quasi um fenomeno, mas dá-se. Os admiradores de Palha, de ha dez, vinte e trinta annos, estão sendo agradavelmente surprehendidos pelas ultimas producções satiricas do director do theatro da Trindade.

Não esperem d'elle porém um poeta lirico, suave, meigo, columbino... É verdade que elle tem uns olhos ternamente azues, um bigode idealmente loiro e ameaçado das tristes neves do inverno, uma face rosea de Antony escanhoado, mas... aquelle abdomen, aquelle femur, aquellas omoplatas, aquelles bocios, não se criam com saudades e chá de violetas. Os liricos de alma e coração não engordam assim: definham á sêde de ideal, apanham bronquites nas serenatas, ciliciam as carnes com o latego das ingratidões, e escaveiram-se no supplicio da insomnia e das nevroses incuraveis.

Francisco Palha é de outro estofo. Ao almoço, entre o bife e o café com leite, escreve a lapis uma satira n'um cartão de visita, dirige-se depois

á secretaria do ministerio do reino, onde dá umas pennadas n'um projecto de portaria; e á noite, no *seu* theatro, afaga com ambas as mãos, n'uma beatitude satisfeita, as lapellas da sobrecasaca, e estira com enlevo a longa restia do seu bello olhar pelas sedas e cambraias das suas formosas *escrituradas*.

— *Onde está a felicidade?* — perguntou ha annos Camillo Castello Branco.

Responda-lhe Francisco Palha.



XXVIII

O TEU LENÇO

O lenço que tu bordaste
trago-o sempre no meu seio,
com medo que desconfiem
donde este lenço me veio.

As letras que lá puzeste
são feitas do teu cabello;
por mais que o veja e reveja,
nunca me canço de vêl-o!

De noite dorme comigo;
de dia trago-o no seio,
com medo que os outros saibam
donde este lenço me veio.

Alva, da côr da açucena,
tem um ramo em cada canto;
os ramos dizem saudades,
por isso lhe quero tanto!

O lenço que tu bordaste
tem dois corações no meio;
só tu no mundo é que sabes
donde este lenço me veio.

É de cambraia o teu lenço,
o lenço que me offertaste;
parece que inda estou vendo
os dedos com que o bordaste!

Para o ver, até me fecho
no meu quarto, com receio
que m'o vejam, e perguntem
donde este lenço me veio.

Eu os olhos n'estes bordados,
nem sei até no que penso;
os olhos tenho-os já gastos
de tanto olhar para o lenço.

Se ás vezes lhe dou um beijo,
guardo-o logo no meu seio,
com medo que desconfiem
donde este lenço me veio.

Nas letras que tu bordaste
vem o meu nome e o teu;
bemdito seja o teu nome,
que se enlaçou com o meu!

Por isso o trago escondido,
bem guardado no meu seio,
com medo que me perguntem
donde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vel-o,
mais o amor se renova;
no dia do meu enterro
quero leval-o p'ra a cova.

Vem pol-o sobre os meus olhos,
que eu hei-de tel-o no seio,
mas não descubras ao mundo
donde este lenço me veio.

SIMÕES DIAS.

Simões Dias

Não conheço temperamento mais genuinamente meridional. O sol andaluz como que roçou com as suas restias de fogo o berço do poeta. Os olhos e os cabellos negros, a face morena, as veias entumecidas, e a palavra colorida e requebrada, repercutem os ecos sonoros do seu mundo intimo. Nas suas creações artisticas palpita o genio musical e ardente das trovas peninsulares. Os seus cantos têm uma pronunciada feição popular, ora apaixonada e triste, ora festival e lubrica.

Ao lermos alguns dos seus versos, cuidamos ler uma *seguidilla* ou uma *malagueña*, e pensamos involuntariamente no bolero, na pandeireta, nas castanholas, no *salero*. Esta indole literaria aproximou-o muito dos homens letrados de Hespanha, e um grande numero d'elles foi por Simões Dias biografado e apreciado. Eu achava e acho legitimissima esta aproximação, e n'ella me deixei ar-

rastar até aos braços de D. Benigno Martinez, que, sendo aliás o melhor amigo hispanhol dos escritores portuguezes, tem a ingenuidade de acreditar que são ibericos todos os que amam as letras hispanholas. Creio que ainda conservo uma affectuosa carta, em que D. Benigno, exaltando as excellencias da seita iberica, me apontava, como bons apostolos d'aquella doutrina, muitos nomes illustres que em Portugal occupam elevadas planas na politica e nas letras; e a maioria dos quais logram merecida fama do mais incendrado patriotismo. Uns foram deputados e ministros, outros hão de sel-o provavelmente, e uns dois já não existem.

Não serei eu quem dê armas aos adversarios politicos dos suppostos ibericos, fazendo-me eco das crenças ingenuas do notavel jornalista hispanhol; não prejudico porém a memoria nem os interesses de ninguem, recordando que o meu amigo D. Benigno chamava a minha attenção para o iberismo do meu talentoso e mallogrado conterraneo o doutor Silva Gaio, autor do *Mario*. Iberico o pobre Silva Gaio! E d'ahi quem sabe? D. Benigno lá tinha as suas razões. E foi por estas e por outras que Simões Dias passou por iberico em todas as Hispanhas; e os nossos amaveis visinhos, reconhecidos e enthusiasmados, atiraram para cima d'elle a commenda de Isabel a Catholica; amolga-

ram-no, achataram-no; e o poeta, paciente e resignado, gemeu e aguentou.

E eis ahi como de um republicano coimbrão, e de um delicioso poeta lirico, se faz um commendador, por graça da magestade catholica.

Nunca me lembro d'este commendador, sem que me recorde, por espirito de antithese, mas com verdadeira saudade, de umas celebres merendas de laranjas e salada de alface, na estalagem da Jesuina, ao pé da Lapa dos Esteios, quando a mesa se convertia em tribuna de Graccos imberbes, as paredes em album de versos e caricaturas, e os olhos da Jesuina em cataractas de ternura e admiração.

Como o tempo perverte as naturezas! *Perverter* é um modo de falar: Simões Dias não é um pervertido; é antes um convertido ás praxes salutares da burguezia conservadora e pacata. Que, diga-se a verdade inteira, Simões Dias nunca foi dos mais genuinos representantes da bohemia academica. Como bom estudante de theologia, que era, observava como podia o preceito do apostolo das gentes: *se não és immaculado sê ao menos cauto.* — Por isso, no seu quarto de cama e de estudo, na rua da Trindade, elle passava noites e dias successivos, unicamente em companhia dos seus livros e do seu inseparavel cigarro, *o companheiro do pobre,* como elle lhe chamava. Tudo deixava

crer que se estava ali preparando um futuro lente de theologia e um feliz herdeiro de seu tio padre Simões, capitalista e professor do liceu de Coimbra. Conseguido porém o grau de bacharel, n'aquella faculdade, Simões Dias calcou o programma de uma vida de opulencia e de ostentação, deixou crescer o bigode, disse adeus á theologia e ao testamento do padre Simões, e casou, mas não se póde dizer que caiu: ergueu-se para a vida do trabalho e da intelligencia livre; e, no professorado e no parlamento, tem elle grangeado simpathias invejaveis.

E vejam mais uma vez se um poeta não póde ser tambem um homem util.

XXIX

N'UMA LAPIDA

Sombra, passaste. Pó, levou-te a aragem.
Voltaste ao nada. É esse o fim commum.
Surgiu-te o escolho, em meio da viagem;
colheu-te, entregue aos prismas da «miragem,»
entre as asas de fogo, o simoun.

Mas quando, lirio, fulminado na haste,
pendida a fronte, a luz perdeste e a côr,
ai! em que magua e êrmo nos deixaste!
Nossos olhos buscaram-te em redor,
ávidos, longos... Não te viam. Tudo
era escuro. Cobrio-nos um véu!
Chamavamos-te... e o espaço estava mudo.
Tu já não eras nosso, eras do céu!

PEREIRA DA CUNHA.

Pereira da Cunha

Não o conhecem? Eu tambem o não conheço, mas adivinho-o. A sua individualidade moral resalta nitidamente do proprio desconhecimento, que d'elle tem um certo publico e a parte mais numerosa da pleiade dos escritores novos.

Para esse desconhecimento contribuem maximamente dois factos, o primeiro dos quaes é a mais singular e extraordinaria modestia que ainda conheci em homem de letras. Elle estremece, retrai-se, e mais immerge na sombra, quando se vê ameaçado de lhe proferirem o nome em publico, de o biografarem, de lhe apreciarem os versos que escreve por necessidade de temperamento.

Organisação essencialmente nervosa, cheio de duvidas infantís e de aprehensões doentias, elle só está bem ao lado de poucos mas escolhidos amigos, no seio da familia, no campo, ou n'algum recesso aonde não chegue o *brohahá* das praças,

nem o estridor das lutas sociais, nem o clarim das pugnas literarias.

Mas ha ainda outra razão porque nos centros e gremios, onde se agita a moderna vida literaria, economica e politica, raramente se pronuncía o nome de Pereira da Cunha. É a politica, a velha impudica que, quando a não subordinam principios elevados e nobres, prostitue e derranca todos os organismos que avassala.

Aos olhos do mundo, Pereira da Cunha tem um grande defeito, que encerra ao mesmo tempo uma grande virtude: é *legitimista*, dizem.

Fidalgo pelo sangue e pelo caracter, embalado pelas tradições do seu Minho, educado na escola tradicionalista de Gomes de Abreu e Silva Bruschy, o poeta Pereira da Cunha tomou para lemma do seu viver a celebrada quintilha:

> Homem de um só parecer,
> de um só rosto e uma só fé,
> de antes quebrar que torcer...

e afastou-se heroicamente do caminho trilhado pelas gerações modernas, para só viver da sua grande fé e talvez de uma esperança.

E a fé, seja qual fôr a estrella que a norteie, é tão rara nos tempos que correm, que eu disse haver uma grande virtude no defeito que apontam em Pereira da Cunha.

Os corifeus e os primeiros patriarcas das seitas politicas, literarias e sociais, são tambem quasi sempre os primeiros a quem melhor quadra a apostrofe do sublime pescador da Galileia: — *homens de pouca fé!* —

Conveniencia, utilidade, opportunidade, eis a grande lei. Convicções... Quem ha ahi, de inteiras convicções nos principios que proclama, na trilha que rasga aos seus prosélitos, nos programmas que desenrola perante a ingenuidade e a ignorancia publica?

Em Pereira da Cunha, a fé é tanto mais evidente e nobre, quanto mais desinteressada é.

É difficil que eu seja, ou venha a ser, alguma coisa em politica, e é mais difficil que eu me converta ás ideias da politica legitimista; mas aprazme declarar que, na presença de legitimistas como Pereira da Cunha, João de Lemos, Pinto Coelho e alguns mais, não me constranjo tirando o meu chapéu, porque a abnegação e a fé que os nobilita são um protesto mudo, mas eloquente, contra a turbamulta que chatina soffregamente no telonio das multiformes politicas pessoais.

Em todo o caso, é mister proclamar, já que muitos o ignoram, que Pereira da Cunha é poeta, e poeta não vulgar.

Quando elle nasceu, ha hoje uns bons sessenta annos, João Evangelista Sarmento, um dos poetas

mais notaveis d'aquelle tempo, inflorou com uma ode o berço do recemnascido, invocando para este a protecção das musas. Tal invocação não foi simplesmente um recurso retorico de poeta arcade; viu-se ao depois que foi um vaticinio seguro.

Os seus versos, que eu conheço ha muito, impressionaram-me sempre de uma maneira tão agradavel, como estranha: ha vinte ou vinte e cinco annos, Pereira da Cunha, a par de Mendes Leal, Augusto Lima, Latino Coelho, Xavier Cordeiro, e poucos mais, distinguia-se dos poetas, seus coetâneos, não só pela sua versificação variada e correctissima, senão tambem, e principalmente, por um colorido novo na pintura dos affectos, pela delicadeza dos traços, pela nobreza de linguagem, por uma simplicidade desaffectada e elegante, e pela moldura grave e digna em que enquadrava os mais delicados sentimentos. Os dois Serpas, (Antonio e José), Castro Freire, Couto Monteiro, Casal Ribeiro, José Osorio, Aires de Gouveia, e outros poetas que lograram boa fama ha trinta annos, haviam dado, não obstante o seu merito relativo, á poesia a languidez das *molles noites do harem;* surgiam de cada lado as castellans e os pagens; um sentimento doce e profundo raras vezes se vasava no verso, sem um cortejo de *luas* e *lagrimas* e *corações* e *delirios*, quasi tudo em redondilha maior e odes saficas.

Pereira da Cunha desenvencilhou-se d'esses artificios dengues e effeminados, e deu ás suas creações uma fórma acertada, nobre, muito fóra do vulgar.

XXX

NO ALTO MAR

Nem principio nem fim! O mar e o céu unidos
n'um transparente globo, enorme, cravejado
de cardumes de estrellas!
Um murmurio suave: o eco dos gemidos
que ao longe as ondas vem soltando no teclado,
onde mais tarde irão palpitar as procellas.

Na immensa laga a espuma, em franjas prateadas,
branqueia a curva dorso ás limpidas boiadas
de mugidoras vagas,
que vão pastar ao longe ás solitarias plagas
do murmuro deserto.

No immenso mar soluça o aquatico concerto.
Em todo o vasto oceano apenas uma véla...
Na aurea, purpurea téla,
nuvens que não descendo
desenham sobre o azul o seu contorno escasso.

E no extremo horisonte
surgem, os céus fendendo,
do crescente da lua as curvas pontas de aço.

CHRISTOVAM AIRES.

Christovam Aires

Entre as raridades orientais que Thomaz Ribeiro trouxe comsigo, ao regressar da India, avultava uma joia que o poeta estimava em muito, e que elle descobrira entre a luxuriante e opulenta vegetação indiana, á sombra dos arecais frondentes, em meio de perfumes que a natureza entorna prodigamente sobre o decantado berço da humanidade e da civilisação.

Essa joia era um diamante, mal lapidado ainda, mas que denunciava o seu valor pela pureza e intensidade de seus revérberos. Esse diamante, como todas as joias lendarias, tinha um nome: Christovam.

Thomaz Ribeiro achegou-o para si e disse-lhe amorosamente:—vamos para a Europa; aqui, poucos te conhecem, e difficilmente brilharás; lá, pela sciencia e pela arte, perderás o que tinhas de as-

pero e inutil, e valerás muito, se muito souberes valer.

Mezes depois, de uma casita na rua de S. Pedro em Coimbra, saía todos os dias, seguindo a rua do Infante até ao edificio do liceu, um rapaz de dezoito annos, alegre, elegante, despreoccupado, ingenuamente altivo. O desassombro do *caloiro* impressionava os veteranos academicos.

—Quem é você, seu caloiro?—perguntavam-lhe ás vezes como ensaiando troça.

—Christovam Aires de Magalhães Sepulveda; —respondia elle, sorrindo imperturbavelmente, e andando sempre.

Os veteranos enfiavam de respeito e pavor, como se lhes surgisse de frente, de subito, *Christovam Colombo*, *Fernão de Magalhães* e o general *Sepulveda*, decantado por Côrte Real.

Eu, como n'esse tempo estudasse o sanscrito, e escrevesse no *Instituto* umas coisas ácerca da India, tive a curiosidade de estudar aquelle producto, aquelle especimen das minhas sonhadas regiões. Não obstante a minha qualidade de *veterano*, invadi o aposento do *caloiro*, com o mesmo respeito com que qualquer piedoso hindu visita um brahmane ou ainda um chatria. Decepção!—Na banca de pinho do moço estudante, nem um exemplar dos *Vedas*, nem o codigo de Manu, nem uma reliquia de Elora ou Elefanta. O meu sonhado

brahmane, estirado sobre a coberta do leito, fazia rimas portuguezas na margem de um compendio de arithmetica. Ao ver-me, soergueu-se festival, rosado, imberbe, cofiando com as unhas do pollegar e o indicador uma esperança de bigode que promettia surgir.

— Veio-me a talho de foice; ora veja isto; não, oiça, oiça-me; — disse elle alegremente, com uma vivacidade de gestos e de palavras adoravelmente infantil.

— Perdão, — observei eu com a gravidade de um bacharelando que fala a um estudante de algebra elementar; — eu vinha conversar com um caloiro indio, mas vejo que me enganei com a morada...

— Isso é troça, hein? — perguntou-me entre receioso e alegre.

— Não perco tempo em troças, — continuei eu; os hindus, segundo as observações do abbade Dubois, e segundo os documentos que nos legaram Wilson, Anquetil, Colebrooke, e segundo as narrativas de todos os viajantes, têm os ossos malares um pouco salientes, a pelle bastante escura, a testa curta e levemente deprimida na parte superior; os cabellos...

— Ah! sim, sim! interrompeu elle, com muito pouca reverencia pela erudição facil do *veterano* que procura impôr-se ao *caloiro;*—eu sou indio, isto

é, nasci na India, mas meus pais eram europeus.

— Percebi. Os europeus, isto é, os portuguezes da India, importam-se pouco de coisas de interesse scientifico ou literario; por isso já vejo que o senhor...

— Christovam Aires de Magalhães Sepulveda.

— Já vejo que o senhor Sepulveda não me dará noticias do Grão-Lama, dos pagodes de Golconda, dos rajahs do Thibet... Que fazia por lá, e que faz agora?

— Lá, amava platonicamente, instintivamente, as bailadeiras, os tigres reais e o sino de oiro da Sé; nas horas de digestão, entalhava quadras nos troncos das arecas e dos bambus. Aqui, aturo como posso os cathedraticos do liceu, de caminho para a escola do exercito.

— Vocação para as armas, já se vê.

— Eu lhe digo: se as letras em Portugal fossem uma carreira, seguil-a-ia; mas, forçado a optar por alguma, escolhi a das armas. É decente e é commoda. E depois tem uma especialissima vantagem para mim, que sou doido por versos: é que a um perfeito alferes, de qualquer arma que seja, nunca fica mal o suspirar dois alexandrinos debaixo das varandas de uma Julieta, emquanto que se eu fosse medico, advogado, ou corretor de fundos, e tivesse a desgraça de perpetrar uma estrofe, mais ou menos lamartiniana, estava irremediavelmente

perdido no conceito dos meus clientes ou dos meus enfermos.

— Obrigado pelo agoiro, e adeus. Vou ali pedir ao meu lente Mendonça Cortez, que me esclareça umas palavras gregas, e uma citação russa, que metteu n'uma explicação de finanças. E appareça; é perto: largo da Feira, por cima do chafariz.

— Ha por lá troça?

— Descance: respondo pelos veteranos, meus companheiros: o Assis Teixeira de Magalhães, e o Cesar Vidcira, é gente capaz... dentro de casa. Gostam de quem tem lume no olho, e você ha-de agradar-lhes. Talvez lá possa ouvir o Castelar pela boca do Magalhães Lima, um Saint-Just de capa e batina, e o Macedo Papança, que tem bons versos, formosa cabelladura, e uns olhos magnificos, a que Voltaire chamaria *yeux de flamme*. Descance, que não ha troça; se apparecer o Guerra Junqueiro, esconda-se debaixo da minha cama, que ninguem lá vai, só se... Mas vá, vá.

E foi. De uma janela fronteira á minha, Jaime Victor, amigo de Christovam, ao vêl-o entrar, desprotegido e só, em casa de veteranos, tremeu pela sorte d'elle, e, palido de susto, debruçou-se no peitoril, aguardando os acontecimentos.

Ao transpôr o limiar do meu quarto, Christovam Aires foi recebido debaixo de um pallio, formado por uma coberta de chita, suspensa em dois páus

de vassoira. Cesar Videira e eu sustentavamos as varas do pallio. Assis Teixeira trepou a uma cadeira de pinho e fez o discurso de recepção. A oito ou nove annos de distancia, é difficil recordar textualmente as palavras do orador. Ufanava-se elle principalmente por ver reunidos os representantes dos melhores dominios portuguezes: o neofito representava o paiz divino das bailadeiras; Videira representava Castello de Vide, a terra classica do saboroso paio alemtejano; eu representava a Beira alta, onde ha vitella de Lafões, caldo verde e papas de milho; elle, orador, representava o Minho, onde ha ladainhas e mulheres esplendidas, a par do innocente e magnifico vinho verde, cujas excellencias decantou epicamente.

Na minha banca de estudo, entre o *Codigo Administrativo* e as *Doloras* de Campoamor, uma garrafa de vinho de Torres escutava impassivel a eloquencia patriotica do futuro lente da universidade. Um saco de avelans, remessa affectuosa da familia de Cesar Videira, esbarrondava-se perdulariamente sobre umas prelecções lithografadas de economia politica. Assis, terminando a sua oração n'um impeto demosthenico: — E agora, meu caloiro, empunha a taça da fraternidade e bebe á nossa saude, que nós brindamos ás tuas bailadeiras. Bebe! nunca provarás na cidade do Mondego um nectar de mais valor; custou sete vintens na

loja do José Maria, e tudo nos leva a crêr que foi um ovo por um real. Para desenjoativo, não te damos azeitonas, porque o thesoireiro da nossa bolsa commum, — e apontava para mim, — o nosso thesoireiro diz que estão caras e não autorisa a servente a comprar acepipes que custam um despro posito. Mas.... a Providencia véla por ti: ouvisteme falar ha pouco do paio alemtejano; tu não sabes o que é um paio, desgraçado? Nunca viste um paio, bandido? Pois bem, o paio vem do porco, o porco vem da avelan, e a avelan vem de Castello de Vide, para que ao saboreal-a e ao regal-a com vinho torrezão, te convenças de que Portugal vale bem a India!

Christovam Aires sentou-se na minha cadeira, junto da mesa e da garrafa; eu sentei-me na cama; Assis e Videira trouxe cada um do seu quarto a sua respectiva cadeira, e agremiámo-nos em cenaculo para libar *torres* e trincar avelans. Havia porém só trez copos para vinho. A servente, — designação que em Coimbra se applica ás criadas de estudantes, — a servente, chamada a conselho, ponderou que não havia mais copos para vinho, e trouxe um copo grande, em que nos servia agua ao jantar. Suspirado por todos, e sorteado entre os quatro convivas, coube ao hospede, que o acarinhou tão satisfeito como se tivesse nas mãos o sino de oiro da sé de Gôa.

Christovam Aires sentia-se bem ali, entre rapazes, em meio de enthusiasmos espontaneos, e de toli‑es innocentes.

Cesar, ao esgotar o primeiro copo, começou a enrolar o inseparavel cigarro. Não pude conter-me:

— Isso é torpe; fumar cigarro em horas de gaudio, é insulto a Torres Novas, e uma affronta a Castello de Vide, que tem a estatua de um rei, e é patria de um Cesar...

— Apoiado, — gritou Assis; e, gritando ainda mais, chamou um criadito que nos fazia os recados e engraxava as botas.

— Frederico, Frederico?

O Frederico appareceu. Com uma abnegação rara, arranquei quatro vintens da caixa commum e ordenei:

— Vai ao Salazar e traze quatro charutos de vintem, bons, escolhidos, de nome *Esmeralda*; percebes?

Quando o criado trouxe os charutos, foi acremente invectivado por todos nós:

— Isto não são charutos de vintem! são charutos de *cortar*, charutos de cocheiro! Isto custa dez réis em toda a parte, até no Abilio! Ou te enganaram, ou tu sonegaste um *bronzeo*, meu velhaco.

Em todo o caso, fumámos.

Horrivel! se não fossem as qualidades sedativas do *cavaco*, a nicotina teria produzido revolu-

ções e estragos inauditos. Para complemento da festa, o Cesar propoz sarau. Houve approvação unanime.

O programa era simples: cada qual recitaria ou leria o mais recente dos seus trabalhos literarios.

Cesar tirou da algibeira um exemplar do *Diario Illustrado*, e começou a lêr-nos o seu trabalho mais recente: era uma correspondencia contra o seu conterraneo José Frederico Laranjo, que já n'esse tempo ia rasgando o caminho que o havia de levar ao parlamento. Não ouvimos sequer o primeiro periodo, e gritámos a uma voz :

— Fóra a politica !

Eu quiz ler os primeiros traços de uma conferencia que havia de pronunciar nas salas do Instituto, acerca do direito penal da India segundo Manu, mas todos levaram as mãos aos ouvidos e emmudeceram de susto. Assis Teixeira quiz ler quatro resmas de papel almaço, em que tinha lançado as *remissões*, ou notas de referencia, a todos os artigos do codigo civil, com os respectivos commentarios, casos julgados, interpretações, discussões de que ha noticia em todos os livros e periodicos do paiz e das Americas. Erguemo-nos de pronto, como se a minha cama e as cadeiras dos mais convivas fossem de ferro em brasa, e clamámos indignados :

— Abaixo os praxistas, os rabulas e os maçadores.

Christovam Aires tirou do frak um rolo de papel trescalando a rosas, e escrito com tinta de legitimo carmim. Ia lêr um poema.

— Venha o poema, — dissemos nós.

Antes da leitura, Cesar Videira inclinou-se sobre o hombro de Christovam para lêr o titulo do poema, e recuou de subito para soltar uma gargalhada homerica, franca, genuinamente alemtejana. Ficámos attonitos.

— Ora esta! — continuou Cesar, comprimindo as ilhargas com as mãos, e chorando de riso; — ora esta! Para escrever *pitéus*, pôz um *n* atraz do *t!* que ignorancia! que caloiro!

Christovam Aires ergueu-se solenemente, e solenemente retorquiu:

— Eu não canto os piteus; não ceio com João Penha na Camella, não vou á Perna de Pau merendar com Luiz de Araujo. O meu poema intitula-se *Pintéus*. Quem não vê bem ponha a luneta ou accenda o candeeiro.

— O caloiro tem razão, — bocejou Assis meio suffocado n'uma nuvem de fumo, e com os olhos velados por uma embriaguez de nicotina; — eu tambem não vejo nada; haja luz; *fiat lux.*

Feri um fosforo e cheguei-o ao bico do meu candeeiro de lata. Cesar ergueu triunfante o latego das represalias:

— Miseravel! chamaste uma torpeza ao cigarro

em horas de gaudio; pois bem; o teu candeeiro de lata alumiando um poema, é mais que uma torpeza, é uma ignominia villan, uma luva atirada á face do meu candeeiro amarelo de trez bicos, um candeeiro decente, que tanto póde alumiar um poema de Christovam como uma ceia opulenta de Nero, ou de Milon de Crotona.

—Apoiado!—resonou o Assis, deixando pender a cabeça nos braços cruzados sobre a minha banca, e segurando com difficuldade nos dedos esguios o pessimo charuto ainda fumegante.

—Desgraçados!—rugi eu com mal comprimida colera;—não são mais do que materia estreme; nunca abrigaram no cerebro um pensamento suave, uma memoria querida. Este candeeiro, verdugos, é uma memoria, uma reliquia veneranda. De joelhos, villãos! Á luz d'este bico prodigioso escreveu Lopes Praça a sua *Historia da Filosofia em Portugal* e muitas dissertações substanciosas, que representam um longo e pacientissimo labutar de monge benedictino. Ainda antes de ser propriedade de Lopes Praça, este candeeiro já tinha tradições gloriosas: esta cicatriz que elle tem no ventre, proveio de um desastrado e casual pontapé que lhe deu Manuel Arriaga em casa de Anthero de Quental. Quando Arriaga conheceu o seu delicto involuntario, ergueu contricto o candeeiro entre as mãos, osculou-o virginalmente, e compa-

rou-o ao sol, que alumia as grandes creações. De joelhos, villãos; e oiçam *Pintéus* á luz d'este sol.

N'este ponto, o charuto de Assis desprendeu-se-lhe da mão, e incendiava-me o frontispicio do *Codigo Administrativo.* Assis resonava.

— Dois desastres produzidos por um charuto, — observou Christovam; — um incendio e uma bebedeira.

— Deitem-lhe agua na região temporal, — aconselhei eu.

Assis ergueu-se estremunhado, esfregando os olhos e bocejando:

— Quem fala ahi em poder temporal? Contesto. Gregorio VII... Que horas são? Já, nove? E eu sem fazer a *cebenta!* e a lithografia á espera! *Allons, enfants de la patrie.* E subiu para o segundo andar. Fechou-se no seu quarto, e estudou até ás trez horas da manhan.

Christovam lembrou-se que tinha de estudar tambem para o outro dia a resolução trigonometrica das equações do segundo gráu, e propoz o adiamento da leitura do *Pintéus.* Cesar suspirava por *dois dedos de cavaco*, como elle dizia, e assignou vencido a proposta de adiamento.

Um dia, quatro ou cinco annos depois dos factos que levo narrados, achava-me eu na *Feira da Ladra,* em Lisboa, folheando uns livros velhos, que se vendiam a pataco. Senti que alguem me

batia no hombro; olhei, e vi Christovam Aires, que me perguntou se estava apreçando alguma obra rara. Respondi-lhe que procurava uma obra rarissima, um poema, *Pinteus*, que eu nunca lera, nem podera ouvir lêr.

Contou-me então elle que polira e mondára tanto o seu poema, que este ficou reduzido a duas estrofes apenas, — duas creanças galantissimas. Inspirara-lh'as Maria do Carmo Vaz de Carvalho, irman da musa de *Pinteus*, n'aquelle pequeno eden, d'onde saíu *Uma Primavera de mulher*, e onde Christovam Aires foi procurar a fonte mais pura das suas mais levantadas inspirações.

D'aquellas duas estrofes, — as filhas do poeta, — derivaram e desdobraram-se, como de um calice de rosa, as folhas mais coloridas, os aromas mais subtis, as cores mais nitidas da grinalda poetica de Christovam Aires.

No seu livro *Indianas e Portuguezas*, casam-se estreitamente á inspiração nativa um acrisolado amor de pai, e um sentimento profundo do grande e do bello, — sentimento que se infiltra em ondas poderosas na alma d'aquelles que o destino embalou nos frouxeis luxuriantes da natureza oriental.

XXXI

A UMA GATA

Tu só, pobre animal, beijas o triste,
tu, que o rato devoras e que os dentes
tens afiados para quanto existe!
Caprichosa excepção! Dize o que sentes
ao ver-me, tigresinha: pena? pena?
E pode na tua alma entrar piedade?
Se pode entrar! eu sei! Negar quem hade
amar ao tigre, coração á hiena?
Tudo no mundo sente; o odio é premio
dos condemnados só que esconde o inferno.
Tudo no mundo sente! a mão do Eterno
a tudo deu irmão, deu par, deu gemeo:

a mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto;
esta fera que, as unhas encolhendo,
pelas hombros me trepa, e vai, correndo,
beijar-me! Só não vivo amado existo!

João de Deus.

João de Deus

Ainda não fizeram, nem cedo farão, a biografia de João de Deus. É difficil fazel-a; impossivel talvez.

Por mais que se diga, sempre hade ficar que dizer: é este o apanagio dos heroes e dos mithos.

João de Deus é uma lenda. De hoje a um seculo, os filhos dos nossos bisnetos hão-de lêl-a e não a acreditarão. Não é só a accumulação de factos excentricos e originais, o que tornará inverosimil aquella lenda: é sobretudo o explicar-se como um espirito que se desatou em puerilidades e extravagancias de um rapaz imaginoso e estouvado, pôde abrigar uma concepção pratica, positiva, palpavel, e de tão vasto alcance, como é a educação intellectual do povo.

Que a poesia e o amor ás crianças são ideias associaveis, ou talvez associadas e congeneres, já muitos o sabiam; mas que um valdevinos, um bo-

hemio, um Almaviva das serenatas coimbrans, assumisse a paciencia de um benedictino, vestisse a grave tunica do pedagogo, levasse longas noites desveladas na solução de um problema complexo e aridissimo, é facto que toma as proporções de um misterio, se esta palavra ainda é licita. O misterio achou difficuldade em penetrar-me na consciencia; e o que me contavam as gazetas ácerca das maravilhas da *Cartilha Maternal*, trazia-me á lembrança os conhecidos versos de Tolentino:

> **Chegou Monsieur de tal,**
> **quimico em Paris formado...**

Mas a curiosidade aguilhoava-me o espirito; e, quando a soberania popular me investiu na presidencia de uma municipalidade qualquer, chamei um mestre de meninos, e dei-lhe credenciais para João de Deus. O que eu observei, um ou dois mezes depois, nas escolas da minha municipalidade, não se descreve: os analfabetos desappareciam como por encanto; e de um individuo sei, que chegou aos quarenta annos sem as mais leves noções de leitura ou escrita, e que, ao fim de dez lições, de duas horas cada uma approximadamente, lia com toda a clareza, intelligencia e correcção.

Eu não sei realmente se os plutarcos futuros

anteporão o grande reformador da instrução popular ao poeta, ou este áquelle. Seja o que for, eu abro mão de paralelos difficeis, e por agora volto-me só para o poeta.

João de Deus, como poeta, alcançou sem adversarios, e sem combate, uma victoria que me encheu de entranhado jubilo.

Nos maus tempos que têm corrido para a poesia lirica, apparecera um demolidor audaz, um rapaz intelligente, de uma intransigencia rude, Luciano Cordeiro, perante cuja critica os poetas eram simplesmente um anachronismo inutil e banal. Quando estas theorias assolavam, como um vento nefasto, os pacificos salões da provincia, e agitavam irreverentemente a tunica branca dos pontifices literarios, João de Deus surgia modestamente entre as colunas da *Revolução de Setembro*, soltava uns accordes de um lirismo inefavel, e Luciano Cordeiro, então noticiarista n'aquella folha, tirava com reverencia o chapéu, e saudava o lirico; mas, ao sentir o embate da justiça com as opiniões que preconisara, ponderava e emendava: — Fechei a porta a todos os liricos, porque não contava com este; é um lirico, mas é o ultimo, e o maior de todos.—

Aquelle *ultimo*, evidentemente, passaria a penultimo, no dia em que apparecesse outro lirico, cujo talento se impozesse como o d'aquelle á apre-

ciação dos homens que procuram ser justos como o critico de que falei.

De facto, em se tratando de questões estheticas, será difficil achar argumentos mais convincentes do que qualquer livro de João de Deus; aqui não ha raciocinios, nem sorites, nem entimemas; falta a velha casuistica, e as modernas demonstrações de Hegel, Taine, Jouffroy: ha simplesmente a verdade transparente e nitida, e nunca houve Pirrhos ou Zenões que duvidassem da existencia do sol.

A naturalidade, ou antes, — para falármos a linguagem da esthetica novissima, — o naturalismo na arte, mora, paredes meias, com o trivial e o vulgar; não obstante, os versos de João de Deus são o que ha de mais espontaneo e natural, e, ao mesmo tempo, o que ha de menos vulgar e trivial.

Este fenomeno, que é um privilegio e um segredo, é o predicado mais constante nas composições lyricas de João de Deus. Ao lermos este poeta, sentimo-nos por vezes transportados ás paisagens deliciosas que nos legou Camões, quando não pensava em heroes, descobrimentos e combates. A afinidade entre os dois poetas é incontestavel para os que devidamente os conhecem.

Ao pé das canções e pastorais do nosso epico, e ao pé das *Flores do Campo* de João de Deus, agrupam-se, como irmans mais novas e mais humildes, as harmonias silvestres e campesinas de

Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo, João Xavier de Matos. Ainda assim, o esquecimento d'estes foi soberanamente vingado por João de Deus, que não se dedignaria de assignar hoje muitas das rimas d'aquelles seus esquecidos collegas, na certeza de ser applaudido pelos nossos contemporaneos. Casos de chronologia transcendente.

Antes de mais nadà, eu sinto necessidade de confessar ao leitor uma das minhas mais singulares fragilidades. Antes da confissão, convem saber que sou tolerantissimo: tolero os monarquistas ambiciosos e os republicanos inconscientes; os sermões de Adriano Machado e os discursos do popular José Augusto; os jesuitas sem tonsura e os Tenorios tonsurados; os sinapismos Rigolot e as cataplasmas do lirismo caquetico; o histerismo das beatas e a clorose das mundanas; os cauteleiros e os credores; a visinhança de um piano de estudo e a *Traviata* de um realejo; as jornadas em carro alemtejano e as visitas de pezames; o programma de um candidato e os *reclames* da modista Cecilia; a Emilia das Neves vestida de pagem e a *Nação* coroada de esperanças; os homens que choram e as velhas que riem; uma dôr de dentes e a picadura de um callo; as viuvas envergonhadas e os amigos de Peniche... Tolero tudo! tudo, menos um verso errado! Imaginem por isso a decepção, o dissabor que me tortura os nervos,

quando de longe em longe se me depara, — a mim, o maior idolatra porventura do peregrino engenho de João de Deus, — um verso imperfeito na medida, ou uma rima de falsa consonancia, em obras d'este poeta! Elle sabe perfeitamente o que faz e não precisa lições de versificação; mas, por isso mesmo que elle não pecca por ignorancia, é que eu nunca lhe perdoarei o desamor com que ás vezes enfaixa as suas mais formosas creações.

Se nisto vai um senão, está elle intimamente travado com a indole desaffectada, simples, ingenua, franca, do autor das *Flores do Campo* e da *Cartilha Maternal.* Uma criança não tem no olhar e na expressão mais doçura do que elle. A barba preta, que lhe sombreia as faces descoradas, tempéra de uma certa gravidade o seu caracter suavissimo, a ponto que, ao fixarmos os olhos n'aquella fisionomia, ao escutarmos aquella voz, ao sentirmos a instillação d'aquelle olhar sereno e profundo, assoma-nos á ideia o vulto insinuante do grande e pacifico revolucionario de Nazareth.

XXXII

AO REGRESSAR

Sim, torno a ver-te, e esta alma que estremece
ao som da tua fala,
no doce e roseo sonho em que se embala,
suspira e desfalece.

Sim, torno a ver-te e a fervorosa prece,
que o coração exhala,
qual brando incenso, em pranto se me cala,
que os olhos me humidece.

Eu julgo ver-te assim... a fronte pura,
como um lirio inclinado,
que accende em pejo a setinosa alvura,

o peito ancioso, a voz entrecortada
de medo e de ventura,
e a mão nas minhas mãos abandonada.

MACEDO PAPANÇA.

Macedo Papança

Um adoravel rapaz. Uma joia, como se costuma dizer. Alma ingenua, enthusiasta, aberta a todos os sentimentos bons. Tem trez grandes affectos: sua mãi, o mais profundo e o mais santo; a poesia, o mais applaudido de estranhos; e a politica de José Dias Ferreira, o affecto mais fatal, o mais tragico, porque ha-de ser a morte do segundo e o rival do primeiro.

Olhos e cabellos negros, face morena e simpathica, palavra animada e rapida, gestos faceis e abundantes, o seu todo denuncia uma natureza impressionavel, capaz de heroismos, exuberante de franqueza e de magnanimidade, susceptivel das maiores dedicações, e das mais incomprehensiveis nevroses.

Reviu-lhe os primeiros versos Luiz Carlos, um poeta modesto e quasi desconhecido mas de bastante merito e de uma notavel correcção de fórma.

Macedo Papança excedeu a espectativa de Luiz Carlos, e aos vinte annos publicou um livro, as *Crepusculares*, que lhe abriu logar entre os mais apreciados dos nossos moços poetas. Depois d'isso, deu a *Catharina de Ataide*, um simpatico documento do tricentenario de Camões. Depois... depois é futuro, e eu não sei ainda o que José Dias Ferreira fará de Macedo Papança: amanuense? ministro? fiscal do real de agua? embaixador? archeiro? conselheiro do tribunal de contas? Tudo poderá fazer d'elle, menos o complemento de tão formosa aurora literaria, menos um outono avergado de sazonados frutos poeticos.

Verdade é que, entre os espinhos da politica, vicejam de longe em longe umas grinaldas de Mendes Leal, de Thomaz Ribeiro... mas ai! quantas esperanças em verso, quantas crenças em rima, quanto enthusiasmo em alexandrinos, quantas aspirações em redondilha maior, não têm definhado e desapparecido sob a atmosfera insalubre dos parlamentos, ou debaixo das listas que entulham as urnas eleitorais!

E eu receio tanto mais por Macedo Papança, quanto reconheço n'elle uma notavel impressionabilidade, uma docilidade estrema aos sentimentos de occasião. No dia em que elle se convencer que nasceu para a politica, e que esta gentil mundana merecer as suas caricias, a sombra do poeta incli-

nar-se-ha melancolicamente nas paginas das *Crepusculares*, e chorará!

Porque, excepções àparte, quando um politico surge, se elle foi poeta, pode a cantiga popular parafrazear-se:

> **é mais um ente que fugiu das musas,**
> **era um poeta que morreu... de prosa.**

XXXIII

A VIDA

Abri meus olhos ao raiar da aurora
e parti; veio o sol, e então segui-o,
a sombra, que eu julgava guiadora
a minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol: ao meio dia,
escondeu-se-me aos pés a sombra; agora,
se volvo o olhar onde passei outr'ora,
vejo a seguir-me a sombra, que eu seguia.

A gente é o sol de um dia; sobe, avança,
passa o zenith e vai na immensidade
apagar-se no mar, onde se lança.

E a vida é a propria sombra; meia idade
somos nós que a seguimos e é — «esperança,»
depois segue-nos ella e é — «saudade.»

FERNANDO CALDEIRA.



Fernando Caldeira

Os traços da fisionomia literaria d'este poeta andam por ora vagamente dispersos nas folhas do jornalismo, se bem que o theatro já procurou relacionar esses traços exibindo a *Varina* e a *Mantilha de renda*.

Elle foi governador civil, e deputado, e é jornalista; mas, se os factos não desmentissem a theoria de que o lirismo se compadece de preferencia com as compleições debeis e franzinas, todos diriam que elle não devia nem podia ser senão poeta lirico. Magro, delgado, loiro, segunda edição de Ernesto Biester, em menor formato, elle tem a polidez, o gosto, e a *pose* do fidalgo *leão* moderno, no sentido bom da palavra.

Os seus nervos impressionaveis parecem fremir como harpa estranha, ao contacto das brisas ma-

tutinas, quer venham das balseiras perfumadas, quer as agite o leque de uma hispanhola.

A musa de Fernando Caldeira tem a nota fresca, alegre, e vibrante de uma frauta campesina.

Se os seus quadros não primam pela novidade ou grandeza da ideia, e pela originalidade de concepção, ha n'elles todavia um colorido vivaz, uma adoravel delicadeza de forma e contornos, uns perfumes exquisitos, que ora lembram a madresilva do campo, ora parecem exhalados d'aquelles cristais em que encerra as mais finas essencias uma condessinha de vinte annos.

Se eu fosse o arquitecto de um pantheon nacional, instinctivamente iria agrupar trez bustos n'um só dos santuarios destinados aos homens letrados: Fernando Caldeira, Eça de Queiroz, e Luiz de Campos. Eu lhes digo; é que os trez mencionados literatos realisam o mitho da Hebe pagan. Se me perguntarem a idade de qualquer d'elles, eu não sei dizer se tem vinte ou se tem quarenta annos. Tanto pode ser uma coisa como outra. O seu espirito é sempre juvenil; e a sua fisionomia, como se fosse uma escultura em marmore, não revela o vestigio que as azas do tempo gravam sempre, ao roçar a face dos miseros mortais.

Aquella mocidade perpetua dá viço e frescura, um colorido pantheista, ao verso do poeta: primaveras, alvoradas, aragens perfumadas, fontes que

tintilam, regatos que serpeiam, ramarias que murmuram, pradarias que verdejam, e no mais esconso d'essa florescencia paradisiaca...

— oh que famintos beijos na floresta!

XXXIV

A PRINCEZA E O BISPO

Do altar, as luzes mortiças
derramam clarão sumido
sobre um Christo esmorecido,
á voz d'aquella mulher;
mas o bispo, vendo a infanta
a orar, com tanta humildade,
disse: — é ella, a caridade,
e é quem nos pode valer! —

Deitou-se-lhe aos pés clamando:
— Perdão para os desgraçados! —
— O' bispo, os nossos soldados
necessitam de expansão;

e tu... cuidado, cuidado,
não rogues tanto por elles,
que o que se dá com aquelles...—
E pediu a communhão.

BULHÃO PATO.

Bulhão Pato

Anda cá, meu velho. Tu és um excellente rapaz. Dá cá um charuto e conversemos. Mas, por Jupiter! não me fales portuguez: não queiras ser o que não és. Nasceste hispanhol, e has-de ser sempre hispanhol. Tens a alma de Espronceda e os filtros de D. Juan Tenorio.

E não mintas. Tu não nasceste em Bilbáo; tu és mais da Andaluzia que das Vascongadas. As cortinas do teu berço eram mantilhas de Granada, os teus brinquedos infantis eram leques de Sevilha, a agua lustral deu-t'a o Darro e o Xenil.

Não te interneças, amigo. Isto são metaforas que não obrigam a lagrimas. A saudade fica-te bem nos olhos claros e profundos, mas, caramba! uma lagrima, a ensopar as guias de um bigode grisalho, é um destempero, em frente da ribalta que illumina a comedia humana.

É verdade: quando voltas á caça? Os pantanos

de Benavente já têm saudade dos teus burzeguins de vitela; as narsejas de Salvaterra suspiram pelo teu chapéu tirolez; o padre Quaresma diz que ha por lá codornizes em barda, e já mandou desempoar a cadeira abbacial de sola e pregos amarelos, em que tomas assento á cabeceira da sua farta mesa de prior sertanejo.

Coelhos, nem falemos nisso. Desde que o Rafael Bordalo, por tua causa, caricaturou um d'aquelles animalejos na posição do garoto desceremonioso de um quadro realista de Tenier, a saborosa e ludibriada classe quebrou relações comtigo e nunca mais te enxarcou familiarmente a escorva da escopeta.

Um dia hasde escrever as tuas caçadas do ideal. Uma te posso eu recordar, porque talvez já te esquecesses d'ella. Ficou memoravel nos fastos cinegeticos da Beira Alta.

Já lá vão quasi vinte annos. Eu era então um estudantito de latim, mas não sei se estudava melhor os versos da *Paquita* de que os hexametros de Virgilio. Vi-te passar n'uma rua de Vizeu, e o meu espirito acompanhou-te affectuosamente nas tuas digressões pelas serranias da Beira.

Uma noite, fizeste quartel em Farminhão, na casa de Luiz de Campos, a tres kilometros da casa de Thomaz Ribeiro. N'essa noite, sonhaste muito, não com as inquilinas do velho Heliconio,

mas com as perdizes e coelhos dos montes de S. Miguel e Parada de Gonta.

No dia immediato, acompanhado de teus hospedeiros e amigos, e seguido por numerosa matilha, saiste a bater mato pelas vertentes d'aquelles cerros.

Ias ser por algumas horas o D. Fuas Roupinho da *Lenda da Nazareth.*

Sem clarim nem buzina, mas sempre á frente dos teus monteiros, subiste do valle á encosta, e da encosta a um cerro dos mais elevados, em cuja cumieira paraste absorto, estendendo os olhos pelo panorama que a natureza te desenrolava aos pés.

O cerro ficava duzentos metros a cavalleiro de verdejantes coutadas e valleiros, d'onde subia o cheiro acre dos pinheiros de envolta com o perfume das flôres roxas do rosmaninho. Lá embaixo por sobre a rama dos arvoredos, os milhafres traçavam, voando, umas espirais caprichosas; um rebanho de cabras tosquiava as cabeças amarelas da carqueja; e, de vez em quando, um bode, como um satiro ou fauno de floresta defeza, erguia petulantemente os olhos para o cerro, onde te erguias immovel, magestoso, como a agulha de Cleópatra. O bode riu-se, lá com os seus chifres, do monolitho e das Cleópatras, agitou os guisos em ar de mofa, e foi tosar umas urzes reles.

Mas o milhafre, as cabras e o bode eram animais submarinos d'aquelle oceano de arvores, de luz e de oxigenio.

Viste diante de ti um grande mar, tiveste uma tentação enorme, e bradaste aos teus amigos:

— Eia! nademos no infinito!

E subiste, trepaste ao mais erguido pontal da rocha. Lançaste para o lado a espingarda, o polvorinho, o jaquetão e o chapéu; encheste os pulmões de bom e muito ar, como um mergulhador previdente, sacudiste a cabelleira ao vento das montanhas, abriste os braços, e... ias precipitar-te no grande mar, não arrebatado pelo cavallo de D. Fuas, mas pelo corcel fogoso da tua imaginação. Felizmente, a Virgem de Nazareth incarnou em Luiz de Campos, e deteve-te á beira do abismo.

Quando eu fôr deputado por Farminhão, heide propôr em côrtes que se erga n'aquelle cerro uma lapide commemorativa, com esta legenda:

MILAGRE QUE FEZ O SENHOR

LUIZ DE CAMPOS

AO CAÇADOR RAIMUNDO ANTONIO

DE BULHÃO PATO

O QUAL ANDANDO Á CAÇA DO IDEAL

ESTEVE A PONTO DE AFOGAR-SE

NAS ONDAS DO INFINITO

Effectivamente, o caso sobre-excitou Vizeu e seus aros de Abravezes, Balsa e Ranhados.

N'essa noite, quiz estudar a minha lição da *Eneida* mas não consegui passar do verso:

Infandum regina jubes...

Tive de faltar um dia na bancada escolar, e levei um cartão de parabens ao naufrago do infinito.

Decorreram dez ou doze annos sem que eu lograsse pôr-te a vista em cima. As gazetas porém, os plutarcos de cada dia, davam-me conta dos versos que fazias e das revoluções que ateavas.

Sim, tu convulsionaste os Açores, tu derrancaste as beatas e os missionarios, tu brandiste o latego da tua colera incruenta sobre os piedosos lombos dos jesuitas do meu paiz e dos carlistas da tua patria.

As aristocratas, que tu cantavas em prosa e em verso, como bom amador de coisas antigas, fizeram beicinho e zangaram-se comtigo. A condessita das Caldas, que brincava em creança ao teu collo, e que era doida pelos teus versos, que ella pagava com travessuras de uma franqueza amavel, quando te soube revolucionario votou-te ao ostracismo dos impios; e, quando hontem saía de S. Roque, aonde fôra beijar o pé do Senhor dos Passos, avistou-te a pequena distancia, cravou no chão os olhos ben-

tos, e escafedeu-se para a igreja de S. Luiz, onde se confessou de te haver encontrado. Tiveste um sorriso significativo; e, quando chegaste a casa, já levavas arquitectadas umas satiras a frei João do Sacratissimo Lado, e uma ode a D. Branca de Bourbon. Era a tua desforra.

Mas toma conta. Não te metas em eleições nem peças o voto aos quinteiros da condessita. A Francisca Tavora tambem já disse que os seus rendeiros da Barquinha nunca votariam em gente sem religião. Carapuça para ti, já se vê. As condessitas e as Tavoras lá entendem a religião a seu modo, e, por muito menos que os crimes de que te accusam, já eu vi um candidato perder uma eleição optimamente auspiciada.

Passando elle por uma rua em que havia um nicho das almas do purgatorio, não reparou nas cabeças das quatro ou cinco almas que um trolha aldeão tinha pintado n'uma tábua e exposto á veneração dos fieis. O candidato não as viu nem tirou o chapéu. A dois passos reunia-se a assembleia eleitoral.

Divulgou-se de pronto a irreverencia do hereje. Os corrilhos deram vulto ao boato; e uma eleição, que se reputava segura, lá foi sacrificada ás almas do purgatorio.

Mas serio: porque diabo não terás tu sido deputado como toda a gente? Só se é por não te

confundires com toda a gente. Mas eu, se fosse ministro ou potencia eleitoral, não me escapavas; fazia-te legislador, embora depois me ficasses opposição. É que tu realisas todas as condições do melhor dos deputados. O abbade de Salamonde ensinava em tempo aos seus meninos, cathequisando-os, *quantas coisas são necessarias a um christão, logo que chega a uso de razão.* Esqueceu-lhe porém ensinar quantas coisas são necessarias a um deputado portuguez, logo que chega a legislador.

Não t'as ensino porque as sabes, mas deixo-as consignadas, e são estas:

Bom palavreado;

Gesto largo;

Fronte erguida e presença insinuante;

Porta falsa no gabinete dos ministros.

Ora tu tens a palavra facil, fluente, sonora, um tanto cava, mixto de brisas e tempestades; tens uma cabeça de Van Dick, distincta, fidalga; e a respeito de porta falsa... Ah! mas é exactamente por tu conheceres muito, muito, essa porta, que tu a não transpões como deputado ou alto burocrata. É, é.

Tu tens tratado, como de igual para igual, com quasi todos os ministros que tem presidido aos destinos d'estes reinos de Lilipute.

Antes e depois de o serem, os ministros são os

teus melhores amigos. Vão cear comtigo, fazem-te confidencias, fulminam a injustiça dos homens; e já houve um que, no excesso de enthusiasta dedicação, pediu e obteve para ti um logar de amanuense, não sei em que repartição. Encarapitados no fastigio do poder, esses homens esquivam-se a receber-te; evitam, se podem, o teu encontro, e, se não podem, têm sempre um aperto de mão affectuosissimo, umas palavras doces de vivissima cordealidade, um olhar que distila esperanças, um gesto que está pedindo genuflexões de gratidão.

Tu sabes os porquês d'este *savoir vivre* da alta burocracia.

Os altos burocratas, os ministros, os estadistas, mormente os que conhecem a sua inferioridade relativa, raramente se cercam de intelligencias reconhecidas e prestadias. Estas fazem sombra; e o verdadeiro talento, collocado em seguras condições de independencia, por via de regra, desata-se em obras que açulam invejas nas almas pequeninas; ora as almas pequeninas aninham-se bem nos cerebros dos grandes potentados.

Um dos homens mais uteis e esclarecidos d'este paiz, Rodrigo Felner, a quem o publico e os poderes publicos tributaram as maiores reverencias, se não pediu esmola para viver, deixou comtudo a filha na miseria.

Se quizeres um exemplo ainda mais recente,

olha para o Julio Cesar Machado. Elle conhece, como tu, as maiores summidades politicas; não lhes pede nada, é claro; mas elles tambem nada lhe dão, talvez por não lhes offender os brios... Mas dize-me: se as posições de responsabilidade e de independencia material e moral fossem patrimonio da honradez e do bom senso, ligados a uma intelligencia superior, quantos bons serviços não deveria o paiz ao immaculado caracter e á provada intelligencia de Julio Machado? Elle é secretario ahi de uma corporação qualquer; e, quando encontra o seu amigo conselheiro, ou o seu collega conde de X., tem para elles as palavras mais amaveis e os risos francos da mais tranquilla felicidade, porque nunca teve geitos para brandir o chicote. E *elles*, ao despedirem-se, dizem entre si:

—É sempre um bom rapaz, este Julio; é uma joia; leste o ultimo folhetim d'elle? tem graça.

Elles acham só a *graça;* o talento e o bom senso, não: são coisas que elles ainda não estudaram.

E então? Não descambei eu em moralista piegas? Por isso tu cabeceias com sono; é justo.

Buena és la vida! buena! buena! buena.

É preciso que o doutor Pangloss seja n'este mundo a Egeria inspiradora dos nossos actos e palavras.

Vá! canta-me uma das tuas malaguenhas. Eu bato as palmas, á falta de castanholas. Assim... Magnifico!... *Baia! salero!*

A proposito: quando terminas a *Paquita?* Aquillo não póde ficar assim. É verdade que o *Diablo Mundo* tambem assim ficou; mas os maus exemplos não devem vingar em fruto.

E, se já esqueceste a *Paquita,* lembra-te d'aquelles que absolvem de toda a culpa as relações da condessita com um primo do marido, e condenam ao mesmo tempo os teus versos castissimos; machuca-lhes os rofegos adiposos, achata-os, pulverisa-os, e lança-os ao receptor das decomposições infectas.

Recordas-te d'aquelle verso da *Marion Delorme,* ao passar o cardeal?

Voilà l'homme rouge qui passe!

Pois eu digo-te tambem:

Voilà les hommes noirs qui passent!

XXXV

VIOLETA

Quando lá fóra o temporal desfeito
nas escarpas da serra estruge e brada,
e a minha ideia ascende, equilibrada
na aspiração de um mundo mais perfeito,

lembras-me tu... e abro, satisfeita,
do meu amor a estancia apaixonada,
para te receber, hostia sagrada,
no mais intimo vaso do meu peito.

Particula de luz, mitho impalpavel,
conforto immenso, ardente, inolvidavel,
seja minha alma o teu eterno abrigo!

Perola occulta em insondaveis mares!
Eu posso amar-te sem me tu amares...
tu, longe ou perto, existirás comigo.

NARCISO DE LACERDA.

Narciso de Lacerda

Nunca o vi. Nunca lhe falei. Não obstante, força é metel-o no calendario dos varões illustres, meus conhecidos.

Dou a razão.

Ha tempos, o noticiario nacional apregoou a publicação dos *Canticos da Aurora* de Narciso de Lacerda. O pregão trazia comsigo os festões do estilo, os *réclames* da moda e as gastas sanefas, com que o noticiarista indigena costuma engalanar os versos de Victor Hugo e os poemas de Jaime José, a abertura de Suez e os omnibus do Isidoro, uma *primadona* do Scala e os sermões de José Augusto, a viação aeria de Nova-York e os burros de Cacilhas. O noticiario já me não engoda; pul-o de parte, accendi lentamente um cigarro barato e fiquei alguns minutos a deletrear pausadamente o titulo e a monologar: — *Canticos da Aurora!* O titulo não é feio; mas, pendurar a aurora no por-

tal de um edificio literario, se não é uma ingenuidade de criança, é decerto um arrojo muito meritorio. Auroras! Quem é que as conhece hoje em dia? Depois de fazerem as delicias de nossos pais, sumiram-se como coisa má. A chronologia sofreu nos ultimos tempos uma revolução extraordinaria: d'antes, havia manhans, tardes e noites; hoje, deita-se a gente por noite velha, e, se ao acordar pergunta pela aurora, ninguem dá noticias d'ella. O seu nome apparece, é verdade, mas simbolicamente, nas *Auroras da Revolução* de uma poetisa republicana, na *aurora da redenção dos povos* de um Felix Pyat de Alhos Vedros, e nas taboletas das lojas de bebidas; na provincia, serve de nome a formosas creaturas, mas ali não admira: por lá, ainda se conhece a aurora, e só desapparecerá quando os pianos de Carrazeda se esquecerem do *Noivado do sepulcro*, e quando as meninas Lopes já não souberem, para recitar ao piano, a ode safica

Era no outono quando a imagem tua
á luz da lua...,

versos que o Bulhão Pato fizera ha trinta annos, quando elle assignava *Raimundo de Bulhão*, que me dava os ares arqueologicos do heroe das cruzadas, Godofredo de Bouillon. Mas em Lisboa, no Porto, no mundo culto, surgir um homem, procla-

mando aos infieis a resurreição da aurora, é, como disse, ingenuidade ou arrojo. Ora, como estou exilado do mundo culto, e no meu eremiterio seria difficil conhecer aquella aurora, não me resignando a saciar com uma carta e cinco tostões em sellos a minha curiosidade banal, adiemos a solução do problema. —

Mezes depois d'este monologo, reentrei na cidade de Ulisses, onde até os que não sabem nada podem saber tudo, e mandei tirar inquirições ácerca do procedimento e qualidades da sobredita *Aurora* de Narciso de Lacerda. Em abono d'ella vieram depôr as testimunhas mais incorruptiveis e insuspeitas. João de Deus disse-me simplesmente: — aquillo não se descreve; vê-se e estima-se. Não é uma aurora postiça e reles, com arrebiques de vermelhão ordinario e missangas de loja de capella; é uma aurora verdadeira, immaculada, divina. —

E como João de Deus me parecesse hiperbolico, quiz eu ouvir Silva Pinto:

— Você sabe que sou franco: não morro pelas auroras nem pelos crepusculos; mas d'aquella aurora gósto; francamente, gósto. —

Camillo Castello Branco subscreveu os depoimentos anteriores; e Xavier Cordeiro, quando eu arquitectava a minha galeria de poetas, desembestou contra mim um tal chuveiro de interjeições reprehensivas por eu não conhecer os *Canticos da*

Aurora, que ainda tenho presente a sua calorosa gesticulação de prégador convicto.

— Homem, — ponderava-lhe eu, — como diabo quer o amigo que eu conheça um livro sem o lêr?

— Pois leia-o já.

Mas attendendo logo nos vidros esfumados que me velavam os olhos e nas ultimas palavras que ouvira ao dr. Van-der-Laan e ao dr. Marques, acrescentou:

— Não, não leia. Oiça.

E começou a recitação de uma serie de sonetos que Narciso de Lacerda lhe enviara, dias antes. Ao terminar, interrogou vivamente:

— Então?

— Julgue quem fôr juiz ou mestre; a mim parecem-me apenas excellentes esses versos. A minha consciencia não contesta ao autor dos *Canticos* os fóros de poeta; mas, propondo-me esboçar uma serie de tipos ou caracteres que eu conheço, que esboço posso eu gizar ou que frases posso eu cerzir a respeito de quem me é completamente estranho? Ahi tem você o Alexandre Braga, que tem versos de um elevado merito, o Joaquim Pinto Ribeiro, que, sendo aliás pouco conhecido, é um dos melhores poetas nacionais, Pedro de Lima, o Cherubino Lagôa, o Alfredo Carvalhais, o Custodio José Duarte, o Manuel Duarte de Almeida, e tantos outros a que ninguem contestará o valor poetico,

e que todavia difficilmente entrarão no meu plano emquanto por qualquer fórma os não conhecer.

— Pois conheço eu Narciso de Lacerda, — objectou Cordeiro; — é verdade que nunca o vi, mas aposto que não me engano se fôr descrevel-o. Chama-se Narciso; este nome não o recommenda muito aos adversarios da mithologia e do classicismo, mas coaduna-se perfeitamente com o genio que volita por aquellas paginas dos *Canticos da Aurora*. Deve de ser um caracter simples, muito sensivel, desambicioso, enamorado e crente; um bom caracter em summa, como o de um poeta que verdadeiramente o é. Os seus versos dizem o resto. Leia-os quando poder, e verá que o não engano. —

E ahi está como tudo o que fica escrito, sob a epigrafe *Narciso de Lacerda*, deveria antes intitular-se — *De como se prova que Xavier Cordeiro é para poetas o procurador mais consciencioso e activo, e para este livro o melhor collaborador.*

Já depois de escritas e enviadas para o prélo as linhas precedentes, um escritor distincto, amigo meu e de Narciso de Lacerda, sabendo casualmente das difficuldades e da inconsciencia com que eu esboçaria uma individualidade distincta, disse-me de Narciso de Lacerda umas palavras tão dignas de registo, que eu, muito grato por mim e

pelos leitores, fecharei com ellas o que eu disse e poderia dizer de Narciso de Lacerda:

—«A individualidade literaria de Narciso de Lacerda affirmou-se, após algumas tentativas em diversos terrenos, na parte dos *Canticos da Aurora* subordinada ao titulo *Flores de abril.* Ha em todos os versos do lirico uma uncção religiosa que parece consubstancial-os n'uma prece; um profundo recolhimento mistico, tão alheio aos desalentos romanticos como ás affirmações da crença scientifica. N'uma série de estudos de varios escritores contemporaneos, colleccionada em volume sob o titulo *Os Canticos da Aurora e a Critica,* ha observações exactas sobre aquella individualidade artistica, bem como sobre os seus processos independentes e inimitaveis.

«As desventuras da mocidade, aggravadas pelo isolamento moral, imprimiram um cunho vigoroso no espirito do lirico portuense. Uma grande concentração, que a espaços resvala á misantropia, afastam-n'o gradualmente do meio contemporaneo para o dominio dos «illuminados.» É assim que no seu livro em preparação — *A Poesia do Misterio,* de que já vimos trechos em varias folhas jornalisticas, o espirito do poeta como que se subtiliza. Já lhe não basta para refugio o misterioso evidente; vai tateando umas trevas que não convidam os exploradores prudentes. Ha ali seus perigos;

mas para certos espiritos tem encantos a temeridade quando buscam no fundo dos abismos a verdadeira luz.

«Narciso de Lacerda passa entre nós alheio ao movimento *mundano* e indifferente ao que dirão do seu trabalho, — a não ser que a veneração ou a estima o vinculem ao critico. É um sonhador — e um scismador dos seus sonhos. Nos intervallos dos seus versos, traduz Pöe e Hoffmann: doces venenos! Não ha fanatico assim de um ideal, e difficilmente poderão encontrar quem traduza o seu fanatismo tão elevada e primorosamente.» —

XXXVI

A SESTA

Na rede, que um negro moroso balança,
qual berço de espumas,
formosa creoula repousa e dormita,
emquanto a mucamba nos ares agita
um leque de plumas.

Na rede perpassam as tremulas sombras
dos altos bambus;
e dorme a creoula, de manso embalada,
pendidos os braços na rede nevada,
mimosos e nus.

A rede, que os ares em torno perfuma
de vivos aromas,
de subito pára, que a negra indolente
espreita lasciva da bella dormente
as tumidas pomas.

Na rede suspensa dos ramos erguidos
suspira e sorri
a languida moça cercada de flores;
aos guinchos dá saltos na esteira de côres
felpuda saguí.

Na rede, por vezes, agita-se a bella,
talvez murmurando
em sonhos as trovas cadentes, saudosas,
que triste colono por noites formosas
descanta chorando.

A rede nos ares de novo fluctúa,
e a bella a sonhar!

ao longe nos bosques escuros, cerrados,
de negros cativos os cantos magoados
soluçam no ar.

Na rede olorosa, silencio! deixai-a
dormir em descanço!...
escrava, balança-lhe a rede serena;
mestiça, teu leque de plumas acena
de manso, de manso...

O vento que passa tranquillo, de leve,
nas folhas do engá;
as aves que abafem seu canto sentido;
as rodas do «engenho» não façam ruido,
que dorme a Sinhá!

GONÇALVES CRESPO.

Gonçalves Crespo

Nasceu no Brasil. A luxuriante natureza dos tropicos cummunicou á sua musa os ardores calcinantes do sol americano, a seiva opulenta dos mangueirais em flôr, os trinos cadenciados do sabiá, e a languida morbidez das noites calidas do sertão.

Coisa notavel! — vivendo em Portugal desde criança, Gonçalves Crespo deixou tão nitidamente impresso nas suas *Miniaturas* o cunho da natureza americana, como nas suas obras mais caracteristicas os primeiros poetas de além-mar: Alvares de Azevedo, Castro Alves, Varella, Casimiro de Abreu; notando-se que Gonçalves Crespo excede todos estes compatricios na pureza de linguagem, na delicadeza de frase e no primor da versificação.

Este ultimo predicado, deve-o em grande parte, e elle o confessa, á convivencia de João Penha,

um dos mais correctos e perfeitos artistas literarios do nosso tempo.

Fui testemunha presencial e participe d'essa convivencia. Apraz-me recordal-a na minha historia individual, como se ementa a idade de oiro na historia dos povos. N'um quarto do primeiro andar do predio n.º 97 da rua da Couraça de Lisboa, em Coimbra, morou e poetou João Penha, durante os annos da sua formatura em leis ; no mesmo predio, ao rez-do-chão, n'um estreito pavimento, separado da rua por uma pequena escada exterior de seis degráus de pedra, morava e poetava Antonio Candido Gonçalves Crespo.

Entre o 1.º andar e o rez-do-chão, como entre duas potencias amigas, havia a mais cordeal alliança defensiva e offensiva ; mas, como nos aposentos do potentado Penha só havia logar para um leito, uma banca e um cabide, os assessores e dignitarios das duas côrtes agremiavam-se junto da camara do potentado Crespo, n'uma ante-camara de trez metros quadrados, com porta rasgada para a rua.

N'esta ante-camara reunia-se a miude a academia letrada d'aquelle tempo, e alguns fervorosos adoradores d'aquelles dois numes do Pindo moderno. Vi lá muitas vezes o Bento Moreno, o Guerra Junqueiro, o Bernardino Machado, o Marçal Pacheco, os siamezes Monteiros, (Vicente e



Carvalho), o Vicente Pindella, o Luiz Jardim, o Coelho de Carvalho, o Alberto Braga, o Luiz de Andrade, o Sergio de Castro,... sei lá quantos!

Parecia aquillo uma assembleia de peripateticos: por habito e por falta de cadeiras, poucos ou quasi nenhuns se sentavam: conversava-se, discutia-se, gesticulava-se, berrava-se, fumava-se, passeando. Nos pontos graves em que a retorica do padre Cardoso exigia gesticulação mais convincente, maior excitação de affectos, o orador sustava o passo, mas não procurava a cadeira.

Gonçalves Crespo, sempre desambicioso e expansivo, não tomava a presidencia d'aquelles conciliabulos. Ninguem presidia. Era uma republica sem presidente, mas uma republica modelo, em que os mais nobres interesses vinham á balha, sem paixões e sem odios. Sobre aquellas cabeças pairava um espirito despreoccupado e alegre, talvez o espirito de Gauthier, do inimitavel cinzelador de frases, que tão poderosa influencia exerceu na educação literaria de Gonçalves Crespo. Alguns livros de Gauthier, Sully-Prud'homme, e poucos mais, constituiam a bibliotheca do poeta, apertada n'uma gaveta de quatro decimetros de largura. N'isto levava Gonçalves Crespo as lampas a João Penha, a quem nunca conheci bibliotheca, pequena ou grande: além do compendio escolar, ninguem lhe conhecia senão um livro que elle andava lendo

e estudando; estudado e lido o livro, desapparecia, e era substituido por outro, que seguia igual destino. Os compendios, esses consumiam-se com o uso; e, quando João Penha se formou, não me consta que levasse na bagagem para Braga, ou que deixasse, ou que vendesse, ou que desse, ou que queimasse qualquer livro. É um exemplo que merece ser estudado e talvez imitado.

Crespo é excessivamente sobrio em palavras; mas tem um certo incanto e originalidade no dizer. A sua voz, um pouco hesitante e timida, mas apaixonada se o caso o requer, dá aos seus versos um especial colorido, e uma força persuasiva, só conhecida dos grandes oradores. Entretanto, o poeta foi um dia eleito deputado, e os seus biografos nada poderão escrever d'elle como orador parlamentar. Porquê? Timidez? Modestia? Convicções dessidentes de todos os partidos militantes? Elle o dirá quando fizer a sua auto-biografia.

Era ainda deputado, ao receber um logar vitalicio de funccionario publico. Nem lhe foi dado pelo partido que o elegera, nem foi compensação de serviços politicos, nem premio de apostasias vulgares. Um dia, ao sair da camara dos deputados, Gonçalves Crespo encontrou ao fundo das escadas um ancião, para elle desconhecido, com algumas contusões no rosto, produzidas por uma queda casual. Gonçalves Crespo levantou-o; e vendo-lhe um

cache-nez amplamente enrolado ao pescoço, reconheceu o duque de Avila, o presidente da camara hereditaria. Chamou um *trem* e acompanhou o duque até a casa, indo em todos os dias immediatos pedir novas do illustre infermo. Quando este se restabeleceu, um dos seus primeiros actos de justiça e um dos mais significativos, foi que, usando das suas atribuições legais, nomeou redactor do *Diario da Camara dos Pares* o poeta das *Miniaturas*. Na essencia d'este acto de justiça, havia um acto de reconhecimento, que para mim tem tanto valor como a melhor das condecorações do nobre estadista.

Ser funccionario publico e chefe de familia eram dois ideais que Gonçalves Crespo não julgava realisaveis; não tem a bossa do pretendente nem flexibilidades na espinha dorsal, nem a arrojada ignorancia de muitos que a muito aspiram e muito sobem, neste mastro de cocanha, a burocracia portugueza; e contra a sua belleza fisica tinha umas grandes aprehensões; era capaz de muito amar, mas não cria que fosse muito amado.

A mulher, geralmente leviana, e dominada por apparencias, nunca avaliaria os altos quilates de um coração de oiro, encadernado em pelle trivial, sem o attractivo de uns bigodes petulantes, sem os cabellos loiros do Manuel Arriaga, sem as rosas faciais do Alfredo Ansur, sem os olhos andaluzes do Macedo Papança, sem os cosmeticos e

pivetes do Luiz Jardim, sem nada d'aquillo em que as mulheres, pelo commum, põem os olhos, e com elles o coração.

Enganou-se. As mulheres muitas vezes acham unanimemente bello o que os homens julgam unanimemente feio; e depois Gonçalves Crespo não semeou paixões no coração esteril de uma mulher vulgar: houve uma mulher, extraordinaria pela elevação do seu talento e pela nobreza dos seus affectos, que o comprehendeu, que o amou. Poucas vezes o destino terá ligado indissoluvelmente duas intelligencias tão authenticas e tão simpaticas, como Gonçalves Crespo e Maria Amalia Vaz de Carvalho.

XXXVII

BARCAROLA

(Fragmento)

As gondolas de Sorrento,
não ha nada a que as compare!
Minha gondola, que o vento
te leve a Castellamare!

As gondolas da bahia
que voguem là sobre a areia!
a minha jà foi a Ischia,
e já volteou Caprêa!

. . . .

As auras sopram fagueiras,
e a tarde corre saudosa.
Lá ficam as laranjeiras
da Pausilippo formosa.

Nas cidreiras côr de esp'rança
quem ha hi que não repare!
Minha gondola, descança!
cheguei a Castellamare!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Eu

Um homem que pensa tão pouco em si, que quasi obriga os outros a não pensarem n'elle.

D'esta vez porém, não deixará os seus creditos por mãos alheias; se não, vejam como elle veio aprumar-se atraz da procissão illustre, que tem desfilado aos olhos do leitor, desde os aditos d'este livro até esta pagina superflua.

Mas a culpa não é sua.

Assim o querem, assim o tenham. Os pontifices das letras tanto insistiram em o crismar de poeta, que tomou a crisma a serio, com grave escandalo do fôro e das repartições publicas.

De resto, uma entidade vulgar: não faz bem, talvez porque não póde, nem faz mal, porque não sabe nem quer.

Não conhece inimigos, e é-lhe difficilimo adquirir amigos profundamente dedicados. A razão é uma e a mesma: não é descortez nem temido...

Como corollario d'estes defeitos, os favores da politica nunca lhe souberam a porta, e a protecção dos amigos poderosos é para elle uma *boutade*, de grandes effeitos scenicos, e mais nada.

Solus, pauper et nudus, possue todavia um orgulhosito socratico, o sufficiente para não se abandear com os fetichistas que, no pantheon das grandezas inuteis e balofas, ensaiam genuflexões imbecis, e agitam o incensorio da especulação torpe e da bajulação soez.

Afirma-se porém que o tal orgulhosito não tem parentesco algum com o que possam chamar vaidade, porque de facto o alludido sujeito não possue titulos de que haja de envaidecer-se.

E assim é que, o que tem feito nas letras não lhe grangeará centenarios festivos, nem estatuas, nem commendas, nem commissões de recreio.

No funccionalismo, não sabe bem o que tem sido, porque os bons e os máus serviços obtêm geralmente o mesmo apreço e o mesmo galardão perante quem os julga; succedendo até, e não raro, que o servir mal o paiz é a melhor recommendação para os despenseiros da munificencia publica.

Em politica, suspeitam republicanos que elle é monarquista; monarquistas desconfiam que é radical; regeneradores o apodaram já de progressista; progressistas o accusaram de regenerador; alguns Lavaters da politica descobrem n'elle fei-

ções de constituinte, e os constituintes, se o virem, não o conhecem.

Afinal de contas, os homens de bom senso e juizo claro concordam talvez em que elle, nas letras, na burocracia, na politica, em tudo, não é nada.

Absolutamente nada.

Ninguem.

Segunda Parte

RESENHA ALFABETICA

DE

BIO-BIBLIOGRAFIA

Alberto Pimentel

(Alberto Augusto de Almeida Pimentel)

Nasceu no Porto, a 14 de abril de 1849.

Estudou humanidades no liceu d'aquella cidade; foi administrador do concelho de Portalegre; exerceu em commissão as funcções de inspector de escolas primarias e de examinador de instrução secundaria; é amanuense da Procuradoria Régia junto da Relação da Lisboa, e deputado ás côrtes, pelo circulo de Sinfães.

É socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra. O governo hispanhol agraciou-o com a commenda de Carlos III.

Como jornalista, começou a sua carreira no *Jornal do Porto*, seguindo-a no *Primeiro de Janeiro*, pertencendo annos depois, successivamente, á redacção do *Jornal da Noite*, á do *Diario Illustrado* e á do *Economista*.

Tem escrito e publicado as seguintes obras:

Joanninha, poemeto; Porto.

Rosas Brancas, poemeto; Porto.
Idilios á beira d'agua, contos; Porto.
Contos ao correr da penna; Porto.
Entre o café e o cognac, folhetins; Porto.
Testamento de sangue, romance; Porto.
Christo não volta; Porto.
O annel misterioso, romance; Lisboa.
Nervosos, linfaticos e sanguineos; Porto.
O Natal na residencia, poemeto; Porto.
A porta do Paraiso, romance; Lisboa.
Cantares, versos; Lisboa.
Fotografias de Lisboa; Lisboa.
O livro das flores; Lisboa.
O livro das lagrimas; Lisboa.
Romance da rainha Mercedes; Porto.
Portugal de cabelleira; Lisboa.
Porfia no serão, poemeto; Porto.
Homens e datas; Porto.
Do portal á claraboia; Porto.
Esboços e episodios; Porto.
Perigrinações na aldeia; Porto.
A caridade anonima; Porto.
Biografia de Julio Diniz; Porto.
Misterios da minha rua; Porto.

Diccionario de invenções, origens e descobertas; Lisboa. (Está publicado o primeiro volume e entrou em publicação o segundo; a obra comprehenderá tres volumes.)

Guia do viajante no Porto.

Guia do viajante nos caminhos de ferro do norte em Portugal; Porto.

Um conflicto na côrte, romance historico, 2 vol.; Lisboa.

A ultima ceia do Dr. Fausto; Lisboa.

As noites do asceta; Lisboa.

O vinho, narrativa popular; Lisboa.

O capote do sr. Braz; Porto.

O Porto por fóra e por dentro; Porto.

Viagens á roda do codigo administrativo; Lisboa.

Album de ensino universal; Lisboa.

Conferencia pedagogica, recitada em 1875 na cidade de Setubal, perante os professores de instrucção primaria do concelho; Setubal.

Discursos recitados em 1869 na sociedade «Patria e Familia» do Porto; Porto.

Influencia da historia universal filosofica na esfera dos conhecimentos humanos, these para concurso; Porto.

Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal; Lisboa.

A varanda de Natercia; Lisboa.

O que anda no ar; Lisboa.

Traduziu e publicou o seguinte:

O Degredado, romance; Porto.

A virtude de Rosina, romance; Porto.

Memorial de familia, romance; Porto.

Nossa Senhora de Lourdes; Lisboa.

Os elegantes de outro tempo, romance; Lisboa.

A agonia de Luiz de Camões; Lisboa.

Para o theatro escreveu e publicou as scenas comicas:

A grève;

O nariz;

Vestidos curtos;

Que joven Telemaco!;

Pscchiu!

Anthero de Quental

Nasceu em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, a 18 de abril de 1842, e pertence a uma antiga familia insulana a que deram lustre os appellidos de Ponte, Quental, Camara, e Sousa. D'ella saiu no seculo XVII o padre Bartholomeu do Quental, fundador em Portugal da Congregação do Oratorio, e varão doutissimo em letras sagradas e profanas. Da mesma familia saiu ainda André da Ponte de Quental, avô de Anthero, e poeta nada vulgar, segundo o testemunho de Bocage.

Anthero de Quental formou-se em direito na universidade de Coimbra em 1864.

Collaborou em quasi todas as folhas literarias de Coimbra, desde 1860 a 1865.

Em 1863 imprimiu uma collecção de sonetos, tirada em pequeno numero de exemplares que foram distribuidos pelo auctor; e em 1864 um poema

lirico intituiado *Beatrice;* em 1865 a *Defeza da carta enciclica de S. S. Pio IX*, as *Odes modernas*, e, á proposito da chamada *questão literaria de Coimbra*, o *Bom senso e bom gosto*, a *Dignidade das letras e as literaturas officiais.*

Em 1868 publicou o opusculo *Portugal perante a revolução de Hespanha*, em que o auctor defendeu o iberismo com fórma de republica federal.

Em maio de 1871 inaugurou em Lisboa as *Conferencias democraticas* do Casino, publicando uma d'ellas com o titulo de *Causas da decadencia dos póvos peninsulares;* e por occasião de serem prohibidas as ditas conferencias, publicou a *Carta ao sr. marquez de Avila e de Bolama*, que teve duas edições.

Em 1870, 1871 e 1872, ridigiu com Oliveira Martins o periodico *Pensamento Social;* e com Eça de Queiroz, Batalha Reis, Oliveira Martins e Antonio Ennes, a *Republica.*

Publicou em 1872, no Porto, as *Primaveras romanticas* e as *Considerações sobre a filosofia da historia literaria portugueza.*

Em 1881 publicou-se no Porto, em folheto, um artigo seu — *A poesia na actualidade*, a proposito da *Lira intima* de Joaquim de Araujo.

Em 1875 dirigiu com Batalha Reis a *Revista Occidental*, e no anno corrente de 1881 deu á estampa uma collecção de sonetos.

Tem tratado de differentes assumptos sociais e literarios nos *Dois Mundos*, de Paris, e no *Jornal do Commercio*, de Lisboa; e tem esboçados differentes e vastos trabalhos, a que, por falta de saude, não tem dado pronto seguimento.

ANTONIO DE SERPA

(Antonio de Serpa Pimentel)

Nasceu em Coimbra, a 20 de novembro de 1825.

Formou-se na faculdade de mathematica da universidade de Coimbra, em 1845.

É socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, desde 1852.

Em 1851, foi nomeado lente da Escola politechnica de Lisboa.

Desde 1857, tem sido deputado em varias legislaturas.

Foi ministro das obras publicas em 1859; da fazenda em 1872, e dos negocios estrangeiros em 1881.

Em 1867 foi nomeado conselheiro do tribunal de contas, em 1871 par do reino, e em 1876 conselheiro de estado.

É gran-cruz de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia; de Carlos III, de Hespanha; da Estrella Polar, da Suecia; e da Rosa, do Brazil.

Escreveu e publicou:

Poesias, 1852; um volume.

Casamento e despacho, drama; 1854.

Dalila, drama; 1854.

A *Questão do oriente;* 1877.

Alexandre Herculano e o seu tempo; 1880.

Tem no prélo o livro: *Questões da politica positiva.*

Em 1849 redigiu com Latino Coelho o periodico *Pharol*, e é hoje um dos principais redactores da *Correspondencia de Portugal.*

Bulhão Pato

(Raimundo Antonio de Bulhão Pato)

Nasceu em Bilbáo, (Hispanha), a 3 de março de 1829. Filho de pais portuguezes, veio para Lisboa em 1837, a tomar posse de um pequeno vinculo, e aqui tem permanecido até hoje, tendo aliás assistido ao primeiro, segundo e terceiro cerco que os carlistas poseram a Bilbáo.

É socio effectivo da Academia Real das Sciencias, na qual é director da publicação dos *Monumentos Ineditos*.

Educado litterariamente á sombra amiga de Garrett e de Alexandre Herculano, tem publicado o seguinte:

Versos, 1 vol., 1850, (edição esgotada).
Versos, 1 vol., 1867.
Paquita, 1 vol., 1866.
Canções da tarde, 1 vol., 1867.
Flores agrestes, 1 vol., 1870.
Cantos e satiras, 1 vol., 1873.

Virgem n'uma peccadora, comedia em verso, representada muitas vezes no theatro de D. Maria II, um folheto, 1858.

Renan e os sabios da Academia, 1874.

Maria de Bragança, 1874.

Digressões e Novellas, 1 vol., 1864.

Paizagens, 1 vol., 1871.

Sob os ciprestes, 1 vol., 1877.

Vai dar ao prélo dois volumes, *Scenas historicas da India*, e concluiu já o segundo volume da *Paquita*.

Como director dos *Monumentos Ineditos*, tem publicado dois volumes de Antonio Bocarro, o *Livro das Monções*, e *Cartas de Affonso de Albuquerque*.

Traduziu em prosa o *Hamlet*, publicado em 1879; e o *Mercador de Veneza* em 1881; e traduziu e publicou a *Graziella* de Lamartine, em 1864; a *Vendetta* de Balzac, em 1874; e o *Mercador de Veneza* e o *Ruy Blas* em 1881.

Está colligindo um volume de prosas que intitulará, segundo affirma, a *Gaveta dos meus papeis*, e um novo volume de versos que talvez se intitule *Novos cantos e Novas satiras*.

Camillo Castello Branco

Nasceu em Lisboa, a 16 de março de 1826. Orfão aos dez annos de idade, foi viver algum tempo na companhia de uma tia em Villa Real, d'onde ao depois seguiu definitivamente para o Porto, começando n'esta cidade a sua carreira literaria.

É socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; e em 1862 recusou o diploma de socio do Instituto de Coimbra, por motivos que expôz n'uma carta publicada na *Revolução de Setembro*, em 19 de março d'aquelle anno.

É commendador da Ordem de Carlos III, de Hispanha.

É difficil, se não impossivel, relacionar, e, ainda mais, enfileirar chronologicamente todas as publicações periodicas que elle fez, ou em que elle trabalhou, assim como todos os panfletos que, com

ou sem o seu nome, Camillo Castello Branco deu á estampa. Soccorrendo-me todavia aos trabalhos de um investigador portuense, relacionarei como principais obras do nosso laureado e mais fecundo escritor as seguintes:

Abençoadas lagrimas!, drama em trez actos, 1861.

Agostinho de Ceuta, drama em quatro actos, 1847. Tem varias edições.

Agulha em palheiro, 1865.

Amor de perdição, 1862. Foi reimpresso.

Amor de salvação, 1864. Foi reimpresso.

Amores do diabo, por Cazote. Traducção por...

Anathema, 1.ª edição, 1851, 2.ª edição 1858.

Ao anoitecer da vida, poesias.

Annos de prosa, romance, 1863.

Esboço biografico de D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, 1870.

Aspirações, 1851.

O bem e o mal, 1863.

No bom Jesus do Monte, 1863.

Os brilhantes do brazileiro. Reimprimiu-se.

A bruxa de Monte Cordova, romance.

Cancioneiro Alegre, 1878.

Carlota Angela, romance original, 1858. Reimprimiu-se.

O carrasco de Victor Hugo José Alves, romance.

Cavar em ruinas, 1866.

A caveira da martyr, romance historico, 1876.

O clero e o Sr. Alexandre Herculano, 1850.

Coisas espantosas, 1862.

Coisas leves e pesadas, 1867.

Condemnado, drama em trez actos.

Coração, cabeça e estomago, romance, 1862.

A Corja, 1880.

Correspondencia epistolar entre Camillo Castello Branco e José Cardoso Vieira de Castro.

Curso de literatura portugueza, por Andrade Ferreira e C. C. Branco, 1875.

A cruz, semanario religioso, 1854.

O demonio do ouro.

Diccionario Universal de educação e ensino, por Capagne : traducção por... 1873.

Divindade de Jesus e tradição apostolica, com uma carta dirigida ao auctor pelo visconde de Azevedo, 1865.

A doida do Candal, romance. Reimprimiu-se.

Doze casamentos felizes, 1861. Reimprimiu-se.

Duas epocas da vida, poesias, 1.ª edição, 1854; 2.ª edição, incluindo o folheto *Hossana*, 1865.

Duas horas de leitura, 1857.

A engeitada, romance, 1866.

Esboços de apreciações literarias, 1865.

A espada de Alexandre. Córte profundo na questão do homem-mulher e mulher-homem, por um socio prendado de varias philarmonicas, 1872.

Espinhos e flores, drama em trez actos, 1857. Reimprimiu-se.

O esqueleto, romance, 1865.

Estrellas propicias, 1863.

Estrellas funestas, 1869.

Eusebio Macario, 1879.

Fanny, por Ernesto Feydeau, trad. por ... 1861.

A filha do Arcediago, 1853. Reimprimiu-se.

A filha do Dr. Negro, 1864.

A filha do regicida, romance historico, 1875.

A freira no subterraneo, (versão). Reimprimiu-se.

Gazeta literaria do Porto, 1868.

O genio do Christianismo, por Mr. de Chateaubriand, 1860. Tem varias edições.

Historia de Gabriel Malagrida, pelo P. Mony: tradução, 1875.

O homem de brios, 1857. Reimprimiu-se.

Horas de paz, escritos religiosos, 1865. Foram reimpressas.

Hossana, 1852.

A immortalidade, a morte e a vida, estudo ácerca do destino do homem por B. Puchesse, traduzido e com um prefacio, 1865.

O inferno, por Calet, tradução.

Inspirações, poesias, 1859.

O judeu, romance historico, 1866.

Justiça, drama em dois actos, 1858. Reimprimiu-se.

Lagrimas abençoadas, 1857.

O livro de consolação, 1872.

O livro negro, continuação dos *Misterios de Lisboa*, 1855.

Luta de gigantes, 1865.

O Marquez de Torres Novas, drama em cinco actos, 1849. Reimprimiu-se.

Os martires, por Chateaubriand, tradução, 1865.

Memorias do Carcere, 1862. Reimprimiram-se.

Memorias de Fr. João de S. José de Queiroz, bispo do Grão Pará, com uma introdução e muitas notas illustrativas, 1868.

Memorias de Guilherme do Amaral, 1863.

O Morgado de Fafe em Lisboa, drama em dois actos, 1861. Reimprimiu-se.

O Morgado de Fafe amoroso, comedia em trez actos, 1865.

Mosaico e silva de curiosidades historicas, literarias e biograficas, 1868.

A mulher fatal. Reimprimiu-se

Misterios de Fafe, romance social.

Misterios de Lisboa, 1854. Tiveram já a 4.ª edição.

A neta do Arcediago, 1856. Reimprimiu-se.

Noites de insomnia, 1874.

Noites de Lamego, 1863.

Novellas do Minho, 1876–1877.

O olho de vidro, romance historico, 1866. Reimprimiu-se.

Onde está a felicidade? 1856.
Poesia ou dinheiro, drama em dois actos, 1855.
Poesias, 1852.
Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefação e notas, 1867.
Purgatorio e Paraizo, drama em trez actos, 1859.
Quatro horas innocentes.
O que fazem mulheres, romance filosofico, 1858.
A queda d'um anjo, romance, 1866.
O Regicida, 1874.
O retrato de Ricardina, romance.
Romance de um homem rico, 1861.
Romance de um rapaz pobre, por Octavio Feuillet, tradução, 1861. Reimprimiu-se.
O santo da montanha, romance, 1866.
O sangue, romance.
Scenas contemporaneas, 1862. Teve 2.ª edição.
Scenas da Foz. Solemnia verba. Ultima palavra da Sciencia, 1857. Reimprimiu-se.
Scenas innocentes da comedia humana, 1863.
O senhor do Paço de Ninães.
A sereia, 1865.
Theatro comico. A morgadinha de Val de Amores, em um acto. *Entre a flauta e a viola*, entremez em um acto.
As trez irmans, 1866.
O ultimo acto, drama em um acto, 1862.
Um homem de brios, 1856.

Um livro, poesias, 1854. Tem varias edições.

Vaidades irritadas e irritantes, 1866.

Vida de D. Affonso VI, 1873.

Vinte horas de liteira, 1864.

Vingança, 2.ª edição, 1869.

As virtudes antigas, ou a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis, 1868.

O visconde de Ouguella, perfil biografico, 1873.

Voltareis ó Christo, narrativa, por ... 1871.

Candido de Figueiredo

(Antonio Candido de Figueiredo)

Nasceu em Lobão, no concelho de Tondella, a 19 de setembro de 1846.

Até aqui, bem vamos: não ha difficuldades que assustem, nem immodestias censuraveis.

Escrever uma auto-biografia não é das coisas menos melindrosas; e, desde que a parte poetica d'este livro comprehende uns versos de Candido de Figueiredo, tenho de cumprir o meu programa, dando aqui noticia d'este supposto poeta.

Eu podia, é verdade, seguir o exemplo de Innocencio da Silva, que meteu no seu *Diccionario* a noticia de si proprio, firmada por José de Torres; podia solicitar de um amigo illustre, de qualquer José de Torres... sim, que escrevesse, que dissesse, que contasse...

Mas que diacho! O meu Torres era capaz de me fazer cócegas com as suas amabilidades, e o

leitor serio desatava talvez a rir do biografo e do biografado.

Eu podia tambem copiar para aqui o que outros bibliografos, como Innocencio e Seabra de Albuquerque, disseram do autor d'este livro, e avolumar os *Homens e Letras* com os pareceres de varios confrades, tão amaveis como illustres; é um expediente que tem hoje por si respeitaveis autoridades, mas, francamente, desadoro-o, porque levaria a crêr que eu perfilho e julgo merecido e justo o que muitas vezes não passa de favor e incentivo benevolo.

N'estes apertos, valha-me a *Associação dos jornalistas e escritores portuguezes*. Esta corporação sustenta e procura realisar a ideia de que cada um de seus membros faça a sua auto-bio-bibliografia, fornecendo ao arquivo da mesma associação os elementos essenciais para a historia literaria do nosso tempo. Por outras palavras, — uma associação conspicua julga que todos os individuos da confraria dos jornalistas e escritores podem airosamente, e devem até, sem paixão e com simplicidade, fazer a cronologia e a historia da sua pessoa e obras.

Não sei se o meu nome está na matricula da referida associação. Se está, permitta-me ella que eu, por mim, dê primeiro aos meus leitores os apontamentos que a Associação, pelos seus or-

gãos, pediu já a cada um dos seus membros. E assim se cumpre ao mesmo tempo um programa, e se annue a um pedido lisongeiro.

Posto isto, e persignando-nos contra os maus pensamentos e tentações ruins, entremos na materia.

O autor d'estas linhas pode dizer como um collega seu:

> Sou como toda a gente um bacharel formado;

pois que matriculando-se na universidade em outubro de 1869, fez acto de formatura na faculdade de direito a 8 de junho de 1874, havendo em 1867 concluido o curso superior de theologia.

Em 1876, inscreveu-se como advogado nos auditorios da comarca de Lisboa.

Em 1874, 1875 e 1876, desempenhou officialmente differentes commissões de instrucção publica, que lhe foram incumbidas pelo ministerio do reino.

Por decreto de 3 de maio de 1877 foi nomeado, com precedencia de concurso, conservador privativo do registo predial na comarca de Pinhel; e, para identico logar na comarca de Fronteira, foi nomeado por decreto de 7 de junho do mesmo anno, sendo, poucos mezes depois, transferido para a comarca de Alcacer do Sal.

Ainda estudante na universidade, foi eleito socio correspondente da *Academia Real das Sciencias* de Lisboa, em 3 de fevereiro de 1874.

Em 13 de dezembro de 1878, sob proposta dos celebres orientalistas Oppert e Guiard, foi eleito membro titular da *Sociedade Asiatica* de Paris.

Em 14 de fevereiro de 1874, a *Academia de Jurisprudencia e Legislação* de Madrid elegeu-o, por unanimidade, seu professor correspondente.

É socio do *Instituto* de Coimbra desde 1871.

Em 1876 constituiu com Luciano Cordeiro, Candido de Moraes, Rodrigo Pequito e Emiliano Bettencourt, a commissão fundadora da *Sociedade de Geografia* de Lisboa.

Pertence, *como toda a gente*, a outras associações artisticas e literarias de cuja enumeração me dispenso.

Ha d'elle publicados os seguintes escritos:

Quadros Cambiantes, 1867, Coimbra. É a collecção dos seus primeiros versos, e foi republicada em 1874 com o retrato do autor e um appendice em que o editor colligiu as apreciações que do livro haviam feito Pinheiro Chagas, Castilho, Silvestre Ribeiro, Mendes Leal e outros.

Um anjo martir (poema lirico), 1868, Lisboa.

Pirilampos (prosas varias), 1868, Coimbra.

Generalisação da historia do direito romano, 1870, Elvas.

Tasso, poema dramatico em sete cantos, baseado em factos do seculo XVI; 1870, Lisboa.

Parietarias, 1870, Lisboa. É outra collecção de

versos, editada pela empresa do *Diario de Noticias* para brinde aos seus assignantes. Este livro não se pôz á venda.

A liberdade de industria, nas suas relações com a economia politica e com a historia da civilisação; 1872, Porto.

O municipio e a descentralisação, 1872, Coimbra. É uma analise academica, repassada de boas aspirações e de profunda inexperiencia pratica, a proposito da reforma administrativa, proposta pouco antes por Antonio Rodrigues Sampaio.

Introducção á sciencia das finanças, 1874, Coimbra. É a primeira parte de uma serie de estudos feitos sob os auspicios do dr. Mendonça Cortez, para servirem de texto aos alumnos universitarios da cadeira de finanças, regida por aquelle cavalheiro, hoje par do reino e vogal do supremo tribunal de contas.

Morte de Yaginadatta, episodio, traduzido em versos portuguezes, do poema epico o *Ramayana;* 1873, Coimbra. Esta publicação suscitou no *Jornal do Commercio* de Lisboa uma larga polemica entre o autor e o actual professor de sanscrito no curso superior de letras.

Poema da miseria, canticos e threnos, 1874, Coimbra.

As escolas ruraes, conclusões da inspecção official feita pelo autor ás escolas primarias do districto de Coimbra, 1876, Lisboa.

Manual dos Jurados, 1876, Lisboa.

As crianças, poemeto, 1877, Lisboa.

Traduziu e publicou o livro de Ad. Franck, *Moral para todos;* e o romance historico de Alvarez Perez, *Os companheiros de Vasco da Gama.*

Em 1874, traduziu de Malefille, e accommodou ao theatro portuguez, uma comedia, *Duas viuvas*. Foi representada no Gymnasio de Lisboa, em fevereiro de 1875.

Traduziu tambem para varias folhas periodicas os romances — *Ultimo Abencerragem*, de Chateaubriand, (1864); *A Pomba*, de Alexandre Dumas, (1872); *Os dois tamanquinhos*, e o *Ramo de lilaz*, de Ouida, (1875), etc.

Em 1873, publicou em o vol. XVII do *Instituto* os primeiros capitulos de uma obra, *A India antiga.* Esses capitulos appareceram traduzidos em francez, discutidos e commentados pelo erudito Th. Blanc, da *Academia* do Gard, nos *Annales de philosophie chrétienne*, de Paris, no tomo X da 6.ª serie, 1876.

Em 1869, escreveu e publicou os primeiros dezeseis capitulos de uma obra de sciencia popular, sobre geologia, astronomia, biologia, chronologia, historia, etc. Esses capitulos foram publicados com o pseudonimo de Luiz de Lencastre, e têm por titulo *Cartas de Coimbra.*

Tem pronto para dar á estampa um opusculo,

O direito penal na India, e uma nova collecção de versos e poemetos.

Em 1867, fundou com A. A. da Mota Feliz a *Gazeta da Beira;* fundou e dirigiu, em 1875, a revista literaria *O Cenaculo*, de Lisboa. De 1875 a 1876, fez parte da redacção do *Jornal da Noite;* e, em substituição de Teixeira de Vasconcellos, redigiu por algum tempo uma das secções da *Correspondencia de Portugal.*

Collaborou nos primeiros volumes do *Diccionario Popular*, de que é director Manuel Pinheiro Chagas; e em varias revistas, como o *Panorama*, (nova série), *Revista de Portugal e Brazil*, *Occidente*, etc.

Christovam Aires

(Christovam Aires de Magalhães Sepulveda)

Nasceu em Ribandar, na India portugueza, a 27 de março de 1853.

Aos 15 annos sentou praça no exercito da India, e é hoje na metropole alferes de cavallaria.

É membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, e do Gabinete Portuguez de leitura do Rio de Janeiro.

Publicou em 1879 um volume de versos, — *Indianas e Portuguezas*, — que já conta duas edições; tem no prélo um novo livro de versos, e está trabalhando n'uma obra de levantado alcance historico e literario, *Camões na India;* faz parte da redacção do *Jornal do Commercio* de Lisboa, e tem collaborado em varias revistas literarias, tais como *Artes e Letras*, *Renascença*, *Arte*, *Cenaculo*, *Occidente*, *Chronica Moderna*, etc.

Eduardo Vidal

(Eduardo Augusto Vidal)

Nasceu em Lisboa, a 10 de maio de 1841.

Encetou a carreira de marinha, da qual se desviou, pelo seu invencivel desamor ás mathematicas.

É hoje segundo official da alfandega de Lisboa e socio correspondente da Academia Real das Sciencias.

Publicou em 1865 um volume de versos, *Folhas Soltas*; em 1868 outro, *Cantos do Estio*; em 1870 um volume de prosas, *Contos da Sesta*; em 1872 ainda outro volume de versos, *Crepusculos*; em 1877 o 5.º volume da *Historia de Portugal*, da *Empresa Literaria de Lisboa*, comprehendendo o periodo que vai desde 1640 até ao fim do reinado de D. José.

Tem concluido e vai publicar um novo livro de contos, intitulado *Entre a Murta*, e tem sido collaborador do *Archivo Pittoresco, Revista Contemporanea, Artes e Letras*, e outras folhas periodicas.

Fernando Caldeira

(Fernando Affonso Geraldes Caldeira)

Filho dos viscondes da Borralha, nasceu em Agueda, a 7 de novembro de 1841.

Formou-se em direito na universidade de Coimbra; foi deputado ás côrtes, desde 1865 a 1868; governador civil de Aveiro em 1870, e foi deputado, desde 1878 a 1881.

Publicou em 1880 a *Mantilha de renda*, comedia em dois actos, em verso, representada pela primeira vez em 14 de abril de 1880 no theatro de D. Maria II.

Em 1876 compoz o *Sapatinho de setim*, comedia em trez actos, representada primeiramente no palacio dos condes da Ribeira Grande, e logo depois em theatros de Lisboa, Porto e Rio de Janeiro.

Em 10 de abril de 1877 apresentou no theatro de D. Maria II a *Varina*, comedia-drama de costumes populares, em 5 actos; em junho de 1879

um drama os *Missionarios*; e em 30 de março de 1881 um drama em quatro actos, intitulado *Sara*.

Todas estas composições theatrais, afóra a *Mantilha de renda*, estão ainda ineditas.

Fernando Caldeira tem publicado em differentes folhas periodicas numerosos versos, que não estão collecionados, e pertence á redacção do *Diario da Manhan*.

Fernando Leal

(Fernando da Costa Leal)

Nasceu a 15 de outubro de 1846 em Margão, villa capital de Salsete, na India portugueza, de pais portuguezes, que foram o major Sebastião da Costa Leal e D. Mariana Adelaide de Mello Xavier Leal.

Em abril de 1862, havendo estudado linguas, filosofia e mathematica elementar, alistou-se voluntariamente no antigo regimento de artilheria de Nova Gôa, matriculando-se em seguida na escola militar d'aquelle estado, e sendo-lhe conferidos os primeiros premios nos seis annos do respectivo curso.

Em 1868 offereceu-se para fazer parte da espedição que partia de Gôa contra o Bonga da Zambezia, sendo despachado segundo tenente d'essa expedição, ao mesmo tempo que o governo da metropole o promovia a alferes da guarnição de Angola, para servir, em comissão, de ajudante de campo do governador geral da provincia de Mo-

çambique, o coronel Fernando da Costa Leal, tio do poeta.

Em fevereiro de 1869 chegou á capital d'aquella provincia, e em junho do mesmo anno foi nomeado secretario da missão diplomatica, enviada á republica do Transwaal para negociar com os boers um tratado de limites, commercio e amizade. Depois de varios trabalhos por terra e mar, chegou ao Transwaal em dezembro d'aquelle anno, e ali serviu até maio do anno seguinte. Deliberando então não regressar á costa oriental da Africa pelo caminho do Natal, assás conhecido e seguro, separou-se dos seus collegas da missão diplomatica, e partiu com o naturalista allemão Carl Manch para a Bahia de Lourenço Marques, por um caminho directo, mas desconhecido dos europeus, e chegou ali em 8 de agosto de 1870.

Voltando á India em 1871, veiu para Lisboa no anno seguinte, sendo transferido para o exercito do reino em 1874, e promovido a tenente em 1881.

No *Boletim official* de Moçambique publicou a descripção da referida viagem do Transwaal a Lourenço Marques, reproduzida no *Boletim do governo* de Gôa por Thomaz Ribeiro, que a precedeu de um juizo favoravel, e á qual o visconde de Paiva Manso se referiu muitas vezes com louvor nas suas memorias officiais ácerca da celebre *Questão de Lourenço Marques*.

Em 1876 traduziu de Mery e publicou *Elefantes e monstros*, episodio da insurreição indiana de 1857.

Em 1877 publicou uma *Lettre à mademoiselle Marie Denis sur l'immoralité parisienne, par Rouget de la Presqu'île*. Inutil é dizer que Rouget era o psendonimo de Fernando Leal.

Em fins de 1879, saiu á luz o seu principal trabalho literario, *Reflexos e penumbras*, um volume contendo traducções de Victor Hugo e versos originais.

Francisco Palha

(Francisco José Pereira Palha de Faria Lacerda)

Nasceu em Lisboa, na rua da Cruz de Santa Apolonia, n.º 6, a 15 de janeiro de 1827.

É bacharel formado em direito, commendador da Ordem de Carlos III, de Hispanha, e é, desde 1860, primeiro official do ministerio do reino.

Publicou em 1850 um volume de *Poesias* de que foi edictor Fradesso da Silveira. D'este livro fez-se segunda edição no Rio de Janeiro em 1859.

É tambem auctor de:

Fabia, tragedia heroi-comica em trez actos, 1850;

O andador das Almas, parodia da opera *Lucia de Lamermoor*, 1850;

A morte do Catimbáo, tragedia heroi-comica n'um acto.

Estas trez peças theatrais foram em 1859 publicadas n'um volume com o titulo de *Parodias de Francisco Palha*.

Em 1857 incluiu na collecção periodica *Theatro Moderno* duas comedias imitadas, ou livremente traduzidas, e intituladas, a *Republica das Letras* e *Ha tantas assim!*

Em 1881 traduziu, e fez representar no theatro da Trindade em Lisboa, a comedia em trez actos, *Quem paga as favas*...

Do mesmo auctor ha um opusculo relativo ao curso superior de letras e publicado em 1859; e outro ácerca das *Mumias* que foram encontradas na capella de S. Pedro d'Alcantara, a Santa Apolonia. A data d'esta ultima publicação é 1870.

Francisco Palha tem escrito em differentes folhas periodicas varios artigos de polemica e de critica; e a maior parte dos seus versos, porventura os melhores, andam igualmente dispersos nas folhas volantes do jornalismo.

GOMES DE AMORIM

(Francisco Gomes de Amorim)

Nasceu em Avelomar, no Minho, a 13 de agosto de 1827.

O doutor Karl von Reinhardstoettner, em 17 de julho de 1880, publicava na celebrada revista literaria *Magasin für die literatur des Auslandes* uma tão completa noticia bio-bibliografica de Gomes de Amorim, que do melhor grado cedo o lugar e a palavra ao distinctissimo escritor allemão. Diz elle, traduzido por uma folha brasileira:

—«Sua familia suppõe-se oriunda dos antigos condes de Amorim, cuja residencia foi por longos annos em Avelomar; mas o proprio poeta refere, que seu pai, por pobresa, serviu na marinha mercante, e que sua mãi viveu na penuria. Na verdade, tanto a sua familia materna como paterna, tinham conhecido tempos melhores; mas aquella empobreceu por causa de suas ideias liberais, e esta pelas absolutistas, nas lutas politicas de 1820

a 1834, de sorte que quasi todos os seus membros emigraram para o Brazil e para a India, e não voltaram mais á patria. Assim, o poeta passou sua infancia no meio de provações, fazendo sua mãi os maiores sacrificios, para poder dar-lhe ao menos a instrucção primaria.

«No prefacio da primeira edição dos seus *Cantos matutinos*, o poeta nos conta, que fugiu da escola onde nada aprendera, e com dez annos, apenas sabia soletrar duas palavras. N'essa idade foi ao Brazil, onde levou uma vida aventurosa, cheia de trabalhos e perigos; ora o encontramos no Pará empregado em uma casa commercial, ora nas matas virgens em intima convivencia com os indios do Xingu e do Amazonas, cuja lingua chegou a falar e a escrever como a sua propria. Gomes de Amorim contava 13 annos quando por um acaso lhe chegou ás mãos o esplendido poema de Almeida Garrett, o *Camões*, cuja leitura decidiu da sua vida futura, sentindo em si a vocação de poeta. Com a temeraria resolução que o distingue em todos os actos da vida, o joven ousou communicar ao celebre poeta, em uma carta, os seus sentimentos poeticos e a impressão que o *Camões* lhe tinha produzido.

«Prestando Garrett benemerencia ao compatriota exilado, respondeu á sua carta e convidou-o a vir para Lisboa encetar estudos debaixo de sua direc-

ção. Em 22 de março de 1846, o joven embarcou no Pará, e chegou á sua patria, que encontrou em tristissima posição. Todo o paiz, principalmente a provincia do Minho, estava em accesa revolta contra as medidas do ministro Costa Cabral.

«Joven, liberal, arrastado pelas ideias da maioria, Francisco Gomes de Amorim defendeu com heroismo a causa do povo, até que com o ministerio do duque de Palmela se restabeleceu a paz no paiz. Então Gomes de Amorim foi para Lisboa, onde Almeida Garrett o recebeu com os braços abertos. Talvez tivesse o nobre cantor do *Camões* o presentimento de que esse mancebo, que se tornara das matas virgens do Brazil, enthusiasmado pela leitura do seu poema, seria um dia o seu mais intimo amigo, que não o abandonou até ao fim da sua vida, até fechar-lhe os olhos!

«As ideias revolucionarias do anno de 1848 inspiraram ao joven poeta os seus mais atrevidos cantos. O seu *Garibaldi*, *Queda da Hungria*, *Liberdade*, publicados nos periodicos o *Patriota* e a *Revolução de Setembro*, arrancaram até de seus adversarios politicos applausos sem reserva; e o vate juvenil foi celebrado em um banquete publico, a que assistiram até mesmo absolutistas, e que foi presidido por Almeida Garrett. Francisco Gomes de Amorim, assistiu, porém, á festa, com o coração inquieto.

«Coberto de gloria, mas sem o minimo recurso pecuniario, tratado como amigo pelos melhores homens do paiz, mas muito orgulhoso para esmolar soccorro de quem quer que fosse, elle imaginou finalmente um meio para viver independente, como praticou outr'ora o filosofo grego. Aprendeu o officio de chapeleiro, e trabalhando de dia na officina, afim de ganhar o necessario para pão e livros, empregou as noites em esforçado estudo.

«No anno de 1851 achou finalmente occupação no serviço do estado, para d'ahi a trez annos, em 9 de dezembro de 1854, soffrer um duro golpe! Seu paternal amigo Almeida Garrett expirou em seus braços n'esse fatal dia!

«Pouco a pouco elle obteve uma posição mais digna de seus talentos; em 1859 foi nomeado bibliothecario da marinha e conservador do Museu de antiguidades, tendo sido eleito em 1858 membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Gomes de Amorim casou em 1857, e passa no seio de sua familia, composta de cinco filhas e um filho, dias melancolicos mas não obstante dedicados aos estudos e á palestra amistosa.

«Ha 21 annos soffre de uma lesão na espinha, e como não está no estado de sair de sua casa, situada ao lado das pittorescas ruinas gothicas do convento do Carmo, tornou-se esta, ha muitos annos, o ponto de reunião de todas as celebridades

nacionais e estrangeiras, e o foco de grande actividade intellectual.

«A despeito do seu lamentavel estado fisico, Gomes de Amorim tem o espirito incansavel, e a energia da sua intelligencia é que sustenta seu corpo enfraquecido, e lhe compensa ricamente os gosos que lhe são negados pelo dinheiro.

«Quem vê em uma roda de sabios e poetas este homem de genio, em cujos labios brinca o mais franco sorriso, não adivinha os soffrimentos profundos, lembrando-se involuntariamente do cego historiador Agostinho Thierry, e de suas bellas palavras: «ha no mundo uma coisa, que val mais do que os gosos materiais, mais do que a fortuna, ainda mais do que a saude: é a dedicação á sciencia, ao estudo.»

«Para quem com superficial scepticismo duvidar da verdade d'este dito, Gomes de Amorim é uma prova eloquente da sua exactidão.

«Com magnificas palavras o pinta Lopes de Mendonça nas *Memorias de Literatura Contemporanea* (1855, pag. 109) quando diz: «a sua vocação é uma d'aquellas vocações possantes, que nenhum obstaculo afasta do seu alvo, cujo zelo nenhuma adversidade faz arrefecer. É um homem que nasceu poeta; é um poeta que se fez sabio, tirando do repouso as suas horas para dedical-as ao estudo.»

cetou um caminho inteiramente novo — a pintura da vida do mar. Este romance maritimo teve grande acceitação em Portugal, tanto por seu assunto como por sua tendencia patriotica. Um attrahente quadro de costumes da patria do poeta, a provincia do Minho, as *Fiandeiras*, é esperado com impaciencia.

«Gomes de Amorim publicou anonimamente uma obra espirituosa, cheia de satirica mordacidade, o *Diccionario de João Fernandes*. Elle mesmo o chama um livro de critica humoristica.

«Define em ordem alfabetica, em breves e espirituosos gracejos as palavras mais usadas, por exemplo: *Eclectico* — assim se chamam os sabios quando não têm opinião sua; *Moda*, — unica paixão séria da mulher; *Remorsos*, — indigestão da alma, etc.

«Presentemente Gomes de Amorim escreve as *Memorias biograficas sobre Garrett*, e *Lembranças de Viagens*.» —

Obtemperando á indole d'este livro, sou forçado a cortar a palavra ao doutor Reinhardstoettner, mas não farei ponto sem referir que o poeta dos *Efemeros*, dos *Cantos Matutinos*, ainda ha poucos dias foi premiado com a medalha de oiro, offerecida pela Academia Hispanhola ao auctor da melhor poesia portugueza, commemorativa do bicentenario de Calderon de la Barca.

Gomes Leal

(Antonio Duarte Gomes Leal)

Nasceu em Lisboa, a 6 de junho de 1848.

Publicou em verso:

A *Canalha*, poemeto; 187...

Claridades do sul; 1 vol. 187...

A traição, carta a el-rei D. Luiz; Lisboa, 1880;

O Hereje, carta á rainha; Lisboa, 1881;

O renegado, carta a A. R. Sampaio; Lisboa, 1881.

Consta que trabalha ha annos n'um poema social e revolucionario, o *Anti-Christo*, e faz actualmente parte da redacção do periodico republicano, o *Seculo*, de Lisboa.

Gonçalves Crespo

(Antonio Candido Gonçalves Crespo)

Nasceu no Rio de Janeiro, a 11 de março de 1846.

Formou-se em direito, na universidade de Coimbra, em 1875.

Em 1879 e 1881, foi eleito deputado ás côrtes por um dos circulos eleitorais do estado da India.

Em 1880 foi nomeado redactor das sessões da camara dos pares do reino.

É socio do Instituto de Coimbra.

Em 1870, publicou um volume de versos, com o titulo de *Miniaturas*. D'este livro fizeram Eduardo Burnay e Vicente Pindella uma edição em Paris, em formato 32.°

Ao traçar estas linhas, sei que um editor intelligente e audacioso está fazendo uma edição magnifica, em tipo elzevir, de um novo livro de versos de Gonçalves Crespo, e cujo titulo é *Nocturnos*.

O poeta tem collaborado em varios periodicos, especialmente no *Partido Liberal* de Braga, na *Folha* e no *Instituto de Coimbra*.

Faz hoje parte da redacção *do Jornal do Commercio*, de Lisboa.

Guerra Junqueiro

(Abilio Guerra Junqueiro)

Nasceu em Freixo de Espada á Cinta, a 15 de setembro de 1850, e foi baptisado com o nome de Abilio Manuel.

Formou-se em direito na universidade de Coimbra em 1873.

Foi secretario geral do governador civil dos districtos de Angra do Heroismo e Vianna de Castello. Em 1878 foi eleito deputado ás côrtes por Macedo de Cavalleiros.

Escreveu e publicou:

Lira dos quatorze annos; Coimbra, 1866.
Misticœ Nuptiœ, poemeto; Coimbra, 1867.
Vozes sem Eco, poesias; Coimbra, 1867.
Victoria da França, poemeto; Coimbra, 1873.
A Morte de D. João, poema; Porto, 1874.
A Musa em ferias, poesias; Lisboa, 1879.
Tragedia infantil, poemeto; Lisboa, 1878.

O melro, poemeto; Lisboa, 1879.

Traduziu e colleccionou um volume de contos de Andersen e outros.

Trabalha ha annos n'um poema, que, segundo parece, se intitula *Morte de Jeováh*.

Guilherme de Azevedo

(Guilherme Chaves de Azevedo)

Nasceu a 30 de novembro de 1846, na cidade de Santarem, em cujo liceu estudou humanidades.

Publicou tres volumes de poesias, sob os titulos de — *Apparições*, *Radiações da Noite* e *Alma Nova*.

Redigiu em Lisboa com Guerra Junqueiro a *Lanterna Magica*, illustrada com caricaturas de Rafael Bordallo.

Foi director do periodico literario, o *Occidente*; foi collaborador assiduo do *Diario da Manhan* e de outras folhas; e é actualmente, em Paris, correspondente da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. As suas correspondencias para aquella folha são escritas em folhetins periodicos, alguns dos quais a imprensa portugueza tem reproduzido com louvor.

GUIMARÃES FONSECA

(Francisco de Guimarães Fonseca)

Nasceu em S. Vicente de Passos, concelho de Guimarães, a 9 de outubro de 1838.

Formou-se na faculdade de direito da universidade de Coimbra em 1867.

Em outubro de 1875 foi nomeado amanuense da direcção dos caminhos de ferro, sendo no mesmo anno transferido, com igual graduação, para a repartição de Estatistica, no ministerio das obras publicas.

Escreveu e publicou em Coimbra, em 1866, a *Fada*, que tem por subtitulo *Poema do amor*.

Traduziu de Dumas filho a *Dama das camelias;* de Gustavo Aimard, os *Dramas do Novo Mundo;* de Mollé Gentilhomme as *Castellans de Nesle*, etc. Actualmente está traduzindo o *Rafael* de Lamartine e as *Memorias do Diabo* de Frederico Soulié.

Em 1876, a proposito de um drama de Antonio Ennes, publicou um panfleto com o titulo de *Os Lazaristas pelo lazarista Senna Freitas.*

Durante a sua estada no Brazil, desde 1869 a 1872, collaborou em differentes folhas d'aquelle imperio, especialmente no *Diario do Rio de Janeiro* e na *Monarquia*. Regressando a Portugal foi, de 1873 a 1874, o folhetinista do *Jornal de Lisboa;* collaborou activamente no periodico literario a *Tribuna*, e tem collaborado, de ha seis ou sete annos até agora, no *Diario Illustrado*.

Jaime de Seguier

(Jaime de Amorim Sieuve de Seguier)

Nasceu em Barcellos, a 26 de março de 1860. É amanuense do ministerio da fazenda.

Aos quatorze annos, em 1874, revelando já notavel disposição para a cultura das bellas letras, começou a collaborar em diversas folhas periodicas, sendo o *Jornal da Noite* aquelle em que escreveu com maior permanencia, pois que, estreiando-se n'aquelle diario em 1874 sob os auspicios de Teixeira de Vasconcellos, só em 1879 deixou de pertencer á redacção d'aquella folha.

Actualmente é um dos redactores do *Diario de Portugal* e do *Economista*, e correspondente da *Folha Nova*, do Porto.

A maior parte dos seus versos e das suas prosas andam dispersas em varias folhas literarias, como o *Occidente*, a *Arte*, a *Revista literaria do Porto*, etc.

Imitou em verso, e publicou em 1881, uma comedia que tem sido representada com bom exito no theatro de D. Maria II, sob o titulo de o *Desquite*, original de Paulo Fernier.

Concluiu e vai publiçar um poemeto, com o titulo *Morte do atheu.*

Jaime Victor

(Jaime Justino Olimpio Victor)

Nasceu em Torres Novas, a 15 de fevereiro de 1855, fez estudos preparatorios em Lisboa e Coimbra e acha-se empregado na Junta de Credito Publico.

Dirigiu o periodico politico *Novidades*, em 1876; e publicou em 1877 dois poemetos n'um pequeno tomo, sob o titulo de — *Herculano e Michelet*. É collaborador do *Diccionario Universal Portuguez*, e ha muitos escritos seus, em prosa e verso, nas folhas *Democracia*, *Diario da Manhan*, *Renascença*, *Occidente*, *Museu Illustrado*, *Revista literaria do Porto*, etc.

plicam o titulo, eram apenas o exordio de um extenso poema que João de Deus planeara, e que tentara publicar em fasciculos, que se distribuiriam por assignantes. O amigo, a quem elle confiara a primeira parte do original, sentindo-se sem animo e sem saude para emprezas d'aquella ordem, deixou escapar das mãos o manuscripto para as mãos de um especulador anonimo, sem o qual todavia não conheceriamos talvez este extraordinario excerpto, extraordinario pela perfeição camoneana d'aquellas oitavas, pela elevação do sentimento que ellas denunciam e pela graciosa espontaneidade de alguns traços maliciosos.

João de Lemos

(João de Lemos de Seixas Castello Branco)

Filho dos viscondes do Real Agrado, nasceu no Pêso da Regua, a 6 de maio de 1819.

Formou-se em direito na universidade de Coimbra.

É socio do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Sciencias e do Conservatorio Real de Lisboa.

Começou em 1858 a publicação do *Cancioneiro*, comprehendendo trez volumes, cujos titulos são— *Flores e amores*, *Religião e patria*, *Impressões e recordações*.

Ha poucos annos, publicou ainda outro volume de versos, intitulado *Canções da tarde* e dividido em duas partes: *Ultimos reflexos*, e *Horas vagas de Buarcos*.

Em prosa publicou um volume com o titulo de *Serões de Aldeia;* e ha pouco tempo um opusculo,

os *Arrozaes*, com o pseudonimo de *Amaro Mendes Gaveta*.

Sendo ainda estudante em Coimbra, escreveu na *Revista Universal* em prosa e verso o *Livro de Elisa*, que ficou incompleto, e que um livreiro enthusiasta publicou em opusculo, de que se fez a primeira edição em 1845 e outra em 186...

Em 1847, alguem publicara no Rio de Janeiro um volume de *Poesias* de João de Lemos, as quais supponho que ao depois fizeram parte do *Cancioneiro* d'este poeta.

Em 1845 fez representar no theatro Academico de Coimbra a *Maria Pais Ribeira*, drama que n'esse tempo obteve o maior exito e foi representado em outros theatros do paiz e da India.

Já depois de formado em direito, escreveu ainda para o theatro Academico de Coimbra, a pedido dos estudantes da Universidade, *Um susto feliz*, comedia em dois actos, representada tambem no theatro particular do conde da Redinha, por curiosos da mais selecta sociedade.

Em 1843, redigiu em Coimbra a revista religiosa o *Christianismo*. Foi por muitos annos redactor do periodico politico a *Nação*, e deve-se a elle e a Xavier Cordeiro a fundação da celebre revista literaria de Coimbra, o *Trovador*.

Tem sido abundante a sua collaboração em varios jornais, literarios e politicos. Só as cartas que

n'elles tem escrito, depois que reside na provincia, constituirão dois ou trez grossos volumes, ácerca d'assuntos politicos e literarios. Parece que João de Lemos está preparando esta curiosa collecção.

João Penha

(João de Oliveira Penha Fortuna)

Nasceu em Braga, no predio n.º 38 da rua do Soito, a 29 d'abril de 1839.

Formou-se em direito na universidade de Coimbra em 1873, e é presentemente advogado nos auditorios da sua terra natal.

Desde 1868 até 1873, tendo por auxiliares effectivos Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Simões Dias, Frederico Laranjo, e outros academicos de mais modesta nomeada como o auctor d'estas linhas, dirigiu o periodico literario a *Folha*, onde se estreiaram vigorosos talentos e onde o caracter e o merito literarios de João Penha se manifestaram inequivocamente.

Em 1875, redigia elle, de Braga, uma revista literaria, *Republica das letras*, que se publicava no Porto, e de que sairam apenas uns trez fasciculos.

Consta que tem preparada para o prélo, e é esperada ha annos pelo publico, a colleção dos seus

versos, que muita gente julga inexcediveis em originalidade e perfeição artistica. Essa collecção parece que terá por titulo *Rimas*, e será dividida em quatro partes intituladas *Vinho e fel*, *Violão nocturno*, *Onofre*, *Lira de Pangloss*.

Joaquim de Araujo

Nasceu em Penafiel, a 22 de julho de 1858.

Seguiu em Lisboa o curso superior de letras, de que frequentou o ultimo anno em 1879.

É socio do Instituto de Coimbra e das Sociedades de Geografia de Lisboa e Porto.

Póde vêr-se d'este escritor no *Diccionario* de De-Gubernatis uma succinta noticia biografica, baseada n'outra que Theofilo Braga dera no *Atheneu* de Londres.

De 1873 a 1876, redigiu uma revista literaria, a *Harpa*, a qual, não obstante o seu caracter infantil que o proprio titulo e a idade do redactor indicavam, foi selectamente collaborada por Adolfo Coelho, Anthero de Quental, Theofilo Braga, Gonçalves Crespo, etc.

Dirige actualmente o periodico literario, a *Renascença*, de que ha publicados dez fasciculos, em

tipo elzevir, e nos quais ha desenvolvidas e interessantes biografias, com retrato, de João de Deus, Ramalho Ortigão, João Penha, Eça de Queiroz, Gonçalves Crespo, Custodio Duarte, Theofilo Braga e Guilherme Braga. Segundo o que se lê no prologo d'esta revista, pretende ella *representar a epoca que vamos atravessando, em todas as suas tendencias e em todas as suas aspirações.*

Da *Renascença* extrairam-se em folheto os dois artigos: *Contribuições mithologicas*, por Vasconcellos Abreu, 8 paginas; e *Sciencias historicas em Portugal*, por Adolfo Coelho, 19 paginas.

Com o titulo generico de *Bibliotheca da Renascença*, inaugurou Joaquim de Araujo uma serie de publicações, das quais a primeira foi uma collecção de vinte e oito sonetos de Anthero de Quental.

Em 1881 publicou Joaquim de Araujo uma collecção de versos, intitulada *Lira intima*, e a respeito da qual vai sair do prélo um volume de apreciações escritas por João de Deus, Anthero de Quental, Oliveira Martins, Fialho de Almeida, Jaime de Seguier, Gonçalves Crespo, etc.

Nos ultimos quatro annos temos visto a collaboração de Joaquim de Araujo nas principaes folhas literarias do paiz; e no *Intermezzo* de Genova appareceu o original e a tradução italiana de uns versos seus.

Tem no prélo mais um volume de versos, intitulado *Quadros antigos*, e um opusculo-carta, em que faz a apreciação da obra *Portugal contemporaneo* de Oliveira Martins.

Julio de Castilho

(Visconde de Castilho)

Nasceu em Lisboa, a 30 de abril de 1840.

Foi governador civil dos districtos da Horta e Ponta Delgada em 1879.

É primeiro official da Bibliotheca Nacional de Lisboa, socio correspondente da Academia Real das Sciencias, e do Instituto de Coimbra.

Tem escrito e publicado:

Primeiros versos, Paris, 1867.

O Ermiterio, collecção de versos, Lisboa, 1876.

Memorias dos vinte annos, Lisboa, 186...

D. Ignez de Castro, drama em cinco actos em verso, Paris, 1875.

Lisboa Antiga, 1.º vol., Lisboa, 1880.

Memorias de Castilho, os dois primeiros volumes, Lisboa, 1881.

Antonio Ferreira, poeta *quinhentista*, trez volumes, Paris, 1872.

Tem no prélo, em Paris, a obra *Jesus Christo*, traduzida de Veuillot, e ornada com muitas gravuras de Hugot.

Luiz de Campos

(Luiz de Almeida Coelho e Campos)

Nasceu em 1 de março de 1833, na aldeia de Farminhão, concelho de Vizeu.

É capitão de cavalleria, actualmente em commissão no ministerio dos negocios estrangeiros; foi durante dez annos consecutivos deputado ás côrtes pelo circulo de Vizeu, sendo eleito sucessivamente em seis legislaturas; é moço fidalgo com exercicio no paço, e em 1880 foi elevado ao pariato.

Como dramaturgo, fez representar no theatro de D. Maria II a tragedia *D. Leonor de Bragança*, e a comedia drama *Almas de oiro;* e concluiu dois dramas — *Um voto no seculo* XV e o *Amor pelo remorso*, ambos em cinco actos.

Como poeta traz dispersas pelo jornalismo numerosissimas producções liricas, e tem dois poe-

mas ineditos, *A Granadina*, em portuguez e castelhano, e *Maria*.

D'estes poemas ha fragmentos publicados no *Cenaculo*, e n'outras revistas literarias.

Luiz Palmeirim

(Luiz Augusto Palmeirim)

Nasceu em Lisboa, a 9 de agosto de 1825; e, destinado por seu pai o tenente general, conselheiro de guerra Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, á carreira militar, sentou praça no regimento de infanteria 16, havendo concluido o curso do collegio militar, onde entrara em 1834.

Em 1847, ao serviço da Junta do Porto, tomou parte activa nos acontecimentos politicos d'aquella epoca. Terminada a guerra civil, deu baixa do serviço militar, sendo depois reintegrado no mesmo serviço em 1851, e, n'este mesmo anno, nomeado secretario geral do governo civil de Portalegre. Não acceitou porém esta nomeação; em 1852, foi nomeado amanuense de 1.ª classe do ministerio das obras publicas, e, em 1859, segundo official e redactor do *Boletim* d'aquelle ministerio. Em

1865 foi nomeado primeiro official da respectiva secretaria, chefe de secção da repartição de agricultura, e em seguida chefe do gabinete do ministro. Em virtude das reformas burocraticas de 1868, passou a exercer as funcções de chefe da repartição do arquivo; e, em 1878, foi transferido para chefe da repartição de estatistica na mesma secretaria do ministerio das obras publicas, logar que actualmente exerce, assim como exerce o de director do Conservatorio Real de Lisboa, cargo para que foi nomeado em 1877. Em 1881 foi eleito por Amarante deputado ás côrtes.

É dos socios mais antigos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pois que dos socios correspondentes d'esta corporação actualmente vivos, apenas oito o antecedem na ordem chronologica da nomeação, ficando-lhe immediatamente em seguida Gomes de Amorim e Camillo Castello Branco.

É membro de quasi todas as sociedades literarias do Brazil.

É commendador de *Izabel a Catholica* de Hispanha, de *Nossa Senhora de Guadalupe* do Mexico, da *Conceição* em Portugal, cavalleiro da *Legião de Honra* em França, e de *Leopoldo* da Belgica.

Publicou em 1851 a collecção das suas *Poesias*, de que ha cinco edições.

Para o theatro escreveu as seguintes comedias originais:

Como se sobe ao poder, 3 actos.

Dois casamentos de conveniencia, 3 actos.

A domadora de feras, 1 acto.

Sapateiro de escada, 1 acto.

Todas estas comedias foram representadas no theatro de D. Maria II, assim como as seguintes, que elle traduziu:

O marquez de Seiglière, em 4 actos, (do francez).

Os amigos intimos, 3 actos, (do francez).

A chuva e o bom tempo, 1 acto, (do francez).

João Baudry, (inedito), 4 actos, (do francez).

O primo e o relicario, 3 actos, (do hispanhol).

Publicou em 1879 uma collecção de estudos criticos e humoristicos, sob o titulo de *Galeria de figuras portuguezas;* e, poucos annos antes, em 1869, havia publicado o livro *Portugal e os seus detractores*, a proposito do ultimo livro de Fernandez de los Rios.

São do mesmo auctor estes dois opusculos:

Breves apontamentos para uma biografia do Senhor D. Pedro IV, (sem nome do auctor).

Carta ao Sr. Alberto Carlos Cerqueira de Faria, 30 pag., em 4.°, 1870.

No desempenho das suas funcções officiais, escreveu em 1878 a *Introdução* e as *Considerações*

preliminares ao *Censo geral da população*, o segundo que se publicou em Portugal, tendo sido dirigido primeiro pelo intelligente estatistico José de Torres.

Na *Revista Universal*, na *Revista Contemporanea*, no *Panorama* e na *Semana*, publicou, e tem para reunir em volume, varios romances pequenos, d'entre os quais citarei:—*A afilhada do padre prior; A familia do Sr. Capitão-mór; O fim do semestre; Fadario domestico de João Grainha; O filho do guarda-joias*, etc.

Finalmente, tem escrito, mas conserva ainda ineditos, numerosos estudos biograficos e criticos, cuja collecção intitular-se-ha: *No convento e no seculo, estudos ácerca das poetisas e prosadoras nacionais desde o seculo* XV *até á actualidade*. Esta obra contém apreciações das escritoras portuguezas:

Infanta D. Catharina; As rimadoras do Cancioneiro geral; Paula Vicente; Infanta D. Maria; Soror Maria do Baptista; D. Joanna da Gama; D. Izabel de Castro; D. Bernarda de Lacerda; D. Maria de Lara; D. Izabel Correia; Soror Violante do Céu; D. Marianna Alcofurado; Soror Maria do Céu; D. Feliciana de Milão; Soror Magdalena da Gloria; D. Marianna de Luna; Soror Ignez Mano; Soror Magdalena; D. Dorotheia Engracia; D. Rita Clara Freire de Andrade; Soror Margarida

Ignacia; Marilia de Dirceu; Francisca de Paula Possolo; Marqueza de Alorna; D. Maria Cambiaxi; D. J. M. Ribeiro da Silva; D. Antonia Pusich; D. Maria Perigrina de Sousa; D. Maria Canuto; D. Guiomar da Cruz, etc., etc.

MACEDO PAPANÇA

(Antonio de Macedo Papança)

Nasceu em Reguengos, (Alemtejo), a 18 de julho de 1853.

É bacharel formado em direito, e socio do Instituto de Coimbra e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Em 1874 publicou em Coimbra um poemeto intitulado *Avante*, e allusivo á festa liberal que tem lugar annualmente a 8 de maio, n'aquella cidade.

Em 1876 publicou um volume de poesias, com o titulo de *Crepusculares;* e em 1880, por occasião das festas do tri-centenario de Camões, um poema que intitulou *Catharina de Athayde.*

Mendes Leal

(José da Silva Mendes Leal)

Nasceu em Lisboa, a 18 de outubro de 1823.

Começou a sua carreira literaria em 1839 e a politica em 1847.

É socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Academia de Historia e da Academia da Lingua de Madrid, da Sociedade dos Antiquarios do norte, de Copenhague, das Sociedades de Geografia de Lisboa, Paris e Londres, do Conservatorio Real de Lisboa, etc.

É gran-cruz da Ordem de S. Thiago; cavalleiro da Torre e Espada e da *Conceição;* gran-cruz da *Ordem da Rosa,* do Brazil; de S. Lazaro, da Italia; de S. Salvador, da Grecia; de Santa Rosa, das Honduras; de Bolivar, do Leão e do Sol, da Persia (1.ª classe); de Leopoldo, da Austria; da real ordem de Kamehameha, nas ilhas de Sandwich; Grande Official da Legião de Honra, e official de Instrucção Publica, em França.

Em 1840 era simples practicante na Bibliotheca Nacional de Lisboa, de que foi nomeado bibliothecario mór em 1848.

Foi secretario do Conservatorio Real, e em 1851 era secretario da Camara dos deputados e redactor das sessões da mesma camara, sendo no mesmo anno eleito secretario da Academia das Sciencias, sob proposta de el-rei; foi deputado muitos annos até 1870, e presidente da Camara dos deputados em 1868; é par do reino desde 1871.

No mesmo anno de 1871 foi nomeado Ministro plenipotenciario de Portugal em Madrid, e Ministro de Portugal em Paris em 1874.

Foi ministro de Estado pela primeira vez em 1862 e péla segunda em 1869, sendo em 1881 elevado a conselheiro de Estado.

Redigiu varias folhas politicas e literarias, tais como — o *Tempo, Imprensa e Lei, Jornal do Commercio e Correspondencia de Portugal;* e collaborou n'outras muitas, especialmente no *Panorama, Revista Universal, Revista Contemporanea,* e na *America.*

Para o theatro escreveu as seguintes obras:

Os dois renegados; O homem da mascara negra; D. Leonor de Alencastre; Pagem de Aljubarrota; Auzenda; Tributo das cem donzellas; Martim de Freitas; Pobreza envergonhada; Pedro;

Egas Moniz; Homens de oiro; Escala social; Tio André; Primeiros amores de Bocage; Quem porfia mata caça; Quem tudo quer tudo perde; Afilhada do Barão; O Caçador; As trez cidras do amor; Un roman par lèttres (em francez); *A pobre das ruinas; O braço de Nero; Madresilva; A Herança do Chanceller; Alva estrella; Receita para curar saudades; Marino Faliero* (traducção).

É autor dos seguintes romances:

Estatua de Nabuco; *Menina de Valdemil* (incompleto); *O sonho na vida*; *O infante santo*; *Não val a lição mil doblas*; *Os irmãos Carvajales*; *Os mosqueteiros da Africa*; *Mestre Marçal Estoiro*; *Os bandeirantes*; *Calabar*; *O que foram portuguezes*; *Memorias insulanas, etc.*

Em verso publicou:

Canticos (collecção de poesias); o *Pavilhão Negro*; *Napoleão no Kremlim*: *A cruz e o crescente*; *Memoração*; *A cruz alta*; *Vizão*; *Esther*, e em francez, *Épitre au vicomte de Bornier*; *La Bienvenue*; em quatro linguas, *Hommage aux lettres latines*.

Como escritor academico, publicou um volume de *Elogios e Memorias*.

Dos seus trabalhos historicos ha publicados os seguintes:

As duas peninsulas; *Monumentos nacionais*; *Historia da guerra do Oriente*, etc.

Como homem politico e parlamentar, ha d'elle um volume de *Discursos*, relatorios e pareceres, afora outros trabalhos que andam dispersos na imprensa periodica.

Narciso de Lacerda

Nasceu no Porto, na casa n.º 151 da rua de Santo Antonio, a 1 de abril de 1858.

Começou n'aquella cidade os estudos do liceu, interrompidos aos 14 annos da sua idade, porque a familia o mandara para o Brasil, com destino á vida commercial.

A indole do poeta afastou-o naturalmente da alludida carreira; e, poucos mezes depois da sua chegada ao Brasil, Narciso de Lacerda alistou-se aventurosamente no exercito brasileiro, tendo de abandonar esta nova carreira, porque o ministro portuguez no Brasil, a pedido da familia do moço militar, assim o requisitou. Regressando a Portugal aos 17 annos, foi sucessivamente empregado nos caminhos de ferro e no correio, até 1879.

Publicou:

Canticos da aurora, volume de versos, com jui-

zos criticos de Camillo Castello Branco, João de Deus e Silva Pinto; Porto 1880.

Os Canticos da aurora e a Critica; Porto 1881.

Está preparando um livro, que deverá sair proximamente, com o titulo de *Poesia do misterio*.

Pereira da Cunha

(Antonio Pereira da Cunha e Castro)

Nasceu em Vianna do Castello, a 9 de abril de 1819.

Em 1856 e em 1860 foi eleito deputado ás côrtes pelo circulo de Vianna, representando, na primeira das alludidas legislaturas, o principal papel na questão do juramento politico, pois que, em virtude do mandato imperativo que recebera dos seus eleitores e em virtude das suas proprias convicções dinasticas, suscitou e sustentou uma vigorosa polemica parlamentar, na qual recebeu dos seus collegas na camara muitas provas de estima e homenagem.

Fez na sua terra natal os chamados estudos preparatorios; e, aos treze annos de idade, fez as suas primeiras poesias em verso latino, começando logo depois a collaborar nas principais folhas literarias de Lisboa e Coimbra. N'essa collaboração avulta um trabalho em prosa, baseado n'umas me-

morias genealogicas do Minho, e intitulado o *Governo nas mãos do villão*, publicado na *Revista Universal Lisbonense*; e bem assim alguns romances em verso, intitulados *Vasconcellos*, *Botados*, *Leites*, *Pintos*, *Mesquitas*, que eram a amostra de uma collecção planeada com o titulo de *Album Heraldico*, e alguns dos quais sairam nos dois periodicos de Lisboa, a *Illustração* e a *Nação*.

Correm impressos alguns dos discursos que pronunciou na camara dos deputados.

Collaborou, em diversas epocas, no periodico politico a *Nação*; e, em prol das ideias que esta folha advoga, publicou em 1869 um notavel opusculo intitulado *D. Miguel* II, que teve nove edições em poucos mezes, e no qual o autor expoz com o maximo desassombro e franqueza os principios com que se distancia do regimen vigente.

Em resposta ao celebrado livro de D. Sinibaldo de Mas ácerca da união iberica, escreveu um volume intitulado *Não!*, em que alliou uma grande energia de frase com um extremado patriotismo. Este sentimento inspirou-lhe ainda uma obra historica, intitulada *Brios heroicos de portuguezes*.

Compoz varios dramas, dos quais *As duas filhas*, a *Brazia parda* e a *Herança do Barbadão* foram premiados pelo Conservatorio e representados em theatros de Lisboa.

O primeiro d'aquelles dramas foi impresso em 1844 e o terceiro em 1846 (?).

A sua obra mais recente é um volume de versos, intitulado *Selecta* e publicado em 1880.

Pinheiro Chagas

(Manuel Pinheiro Chagas)

Nasceu em Lisboa, a 13 de novembro de 1842.

Seguiu o curso do real collegio militar, d'onde em 1857 saíu sargento aspirante do regimento de infanteria n.º 16, matriculando-se em seguida na escola politechnica.

É socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e tem representado em côrtes os circulos eleitorais da Covilhan e Arganil.

Sería copiosissima e muito interessante a relação completa dos escritos d'este distincto homem de letras. Infelizmente, não obstante os meus repetidos esforços, e por motivos certamente estranhos á vontade de Pinheiro Chagas, que por mais de uma vez se me tem tornado crédor de muita cortezia e amabilidade; infelizmente, repito, para relacionar os trabalhos literarios de Pinheiro Chagas, só tenho n'este momento por auxilio a minha debil memoria.

Em verso, sei que publicou:

Poema da mocidade, 1 vol., Lisboa, 1864;

A liberdade, poemeto;

A oração da tarde, drama em 3 actos, traducção.

Dos seus numerosos romances occorrem-me á lembrança os seguintes:

Tristezas á beira mar;

Virgem Guaraciaba;

Flôr sécca;

Varanda de Julieta;

Mantilha de Beatriz;

O segredo da viscondessa;

As duas flores de sangue.

Publicou tambem:

Ensaios criticos, e *Novos ensaios criticos*, 2 vol.

Para o theatro escreveu:

A morgadinha de Valflôr;

O drama do povo;

Quem desdenha...;

A róca de Hercules.

São d'elle as seguintes obras:

Historia de Portugal, segundo o plano de Ferdinand Denis; 8 vol., Lisboa, (sem data);

Historia alegre de Portugal, 1 vol., Lisboa, 1881;

Portuguezes illustres, 1 vol.;

Brazileiros illustres, 1 vol.;

Ministros, padres e reis.

É difficil, se não impossivel, relacionar todas as traducções a que anda ligado o nome de Pinheiro Chagas: o romance e o theatro devem-lhe n'este ponto um enorme dispendio de tempo e de bom gosto.

Como jornalista, creio que os seus primeiros trabalhos, dignos de nota, appareceram na *Gazeta de Portugal*, e no *Jornal do Commercio*; collaborou depois activamente no *Monitor Portuguez;* pertenceu á redacção da *Revolução de Setembro*; fundou o periodico *Discussão*, a que depois trocou o nome pelo de *Diario da Manhan*, que elle ainda redige.

É director do *Diccionario Popular*, que me parece o irmão mais novo do *Grande Diccionario* de Larousse, e de que ha já publicados uns oito enormes volumes, collaborados por muitos escritores contemporaneos.

Ha escritos de Pinheiro Chagas na maioria das principais folhas literarias que, nos ultimos vinte annos, se têm publicado em Portugal.

Santos Valente

(Antonio Lopes dos Santos Valente)

Nasceu na villa da Certan, a 4 de dezembro de 1839.

E bacharel formado em direito, e segundo official da secretaria do ministerio da justiça.

Em 1861, sendo ainda estudante em Coimbra, publicou um volume de versos, sob o titulo de *Primicias*, e um opusculo em prosa, intitulado *Theoria do Infinito*.

Em collaboração com Thomaz Ribeiro e Xavier Cordeiro, está publicando o livro *Flores da Grecia*, traducção em verso de uma parte da *Anthologia Grega*; e, ajudado por alguns amigos, concluiu no anno de 1881 o *Diccionario Contemporaneo da lingua portugueza*, o qual pelos entendidos é julgado como um dos mais completos trabalhos lexicograficos da nossa lingua, e já deve estar á venda quando as presentes linhas entrarem no prélo.

Simões Dias

(José Simões Dias)

Nasceu na aldeia de Bemfeita, concelho de Arganil, a 5 de fevereiro de 1844.

Fez os primeiros estudos de humanidades na Villa de Pedrógão Grande, patria de Miguel Leitão de Andrade; e em 1857 e 1858 fez em Coimbra exame das disciplinas preparatorias para os cursos superiores.

Em 1861 tinha concluido o curso theologico no seminario d'aquella cidade; e, matriculando-se depois na universidade, formou-se na faculdade de theologia em 3 de julho de 1868, tendo obtido em todos os cinco annos do respectivo curso a classificação de *accessit,* e sendo afinal convidado para se doutorar e seguir o magisterio theologico, convite que regeitou por não desejar seguir a carreira ecclesiastica.

Desde os 14 annos dedicou-se fervorosamente ao ensino particular; e póde talvez dizer-se que a maior parte dos estudantes de Coimbra, desde 1860 a 1868, foram seus discipulos.

Em 1868, concorrendo a uma das cadeiras profissionais criadas por esse tempo, e obtendo no concurso classificações superiores, foi, em 30 de dezembro d'aquelle anno, despachado professor proprietario da cadeira de portuguez, francez, latim, economia rural e administração publica, da cidade de Elvas.

Desde agosto de 1870 até abril de 1871, foi empregado do ministerio da justiça, indo em seguida, a pedido do director geral de instrucção publica, José Maria d'Abreu, reger no liceu de Vizeu a cadeira de oratoria, poetica e literatura, cadeira que regeu provisoriamente até 1880, em que foi provido na propriedade da cadeira de literatura nacional do mesmo liceu.

Em 19 de outubro de 1879, foi eleito deputado ás côrtes pelo circulo de Mangualde, estreiando-se no parlamento com um projecto que foi convertido em lei, auctorisando o governo a tomar parte nas festas do tricentenario de Camões. O discurso que por essa occasião pronunciou foi calorosamente applaudido. Na mesma sessão parlamentar foi relactor da reforma do ensino secundario, apresentada pelo ministerio do reino, e defendeu aquella

reforma n'um largo discurso que tomou duas sessões, e do qual se occupou com muito louvor quasi toda a imprensa periodica, sem distinção de côr politica.

Em agosto de 1870, em attenção aos seus serviços á literatura hispanhola, foi pelo ministerio radical de Montero Rios brindado com a commenda de Izabel a Catholica.

É membro da *Sociedade economica* de Barcelona, do *Fomento de las artes*, do *Gabinete literario* de Pernambuco, etc.

Tem publicado as seguintes obras:

Mundo interior, colleção de poesias liricas, 1863, Coimbra; *Sol á sombra*, poemeto lirico, 1864, Coimbra. Estas duas obras foram reimpressas em 1867 com o titulo geral de *Mundo interior*.

Coróa de amores, contos humoristicos, 1868, Coimbra.

A hostia de oiro, 1869, Elvas. É um poema heroi-comico, escrito defronte da casa onde Antonio Diniz escreveu o seu *Hyssope*, e que suscitou larga discussão entre a imprensa ultramontana e o periodico *Democracia*, de Elvas.

Peninsulares, colleção de canções meridionais, 1870, Elvas. Uma grande parte d'estas canções foi traduzida para hispanhol pelos poetas Aguilera e Vidart.

Ruinas, poesias sociais, 1871, Elvas.

Compendio de historia patria, livro didactico, Vizeu, 1873.

Compendio de poetica e estilo, 1873, Vizeu. Este livro, que se acha adoptado como texto de lições em muitos liceus do reino, introduziu nas escolas portuguezas as theorias literarias de Hegel, em substituição das de Horacio, Aristoteles e Boileau.

Lições de literatura portugueza, 1.ª edição, Coimbra, 1874; 2.ª edição, Porto, 1876; 3.ª edição, Vizeu, 1880.

Peninsulares, dois grossos volumes com o retrato do auctor, Porto, 1876. É a collecção completa das obras poeticas que o auctor havia publicado até áquelle anno.

Hispanha moderna, revista do movimento literario e artistico de Hispanha na actualidade, com largas e proveitosas noticias de biografia e bibliografia; 1877, Porto.

Historias contemporaneas. O 1.º volume intitutado *As mãis*, foi publicado no Porto em 1877, e traz colleccionados em appendice os artigos criticos da imprensa hispanhola e portugueza ácerca da collecção das *Peninsulares*; e o 2.º volume tem por titulo *O peccado*, e foi tambem publicado no Porto em 1878, anno em que traduziu e publicou em Vizeu a *Flôr do Pantano*, romance de Carlos Rubio.

Traduziu tambem para a casa edictora Chardron do Porto, em 1878, a *Filosofia elementar* de Balmes.

E publicou finalmente em Vizeu, em 1880 os *Elementos de oratoria e versificação portugueza*, em harmonia com os ultimos programas officiais.

Tem muito adiantado o seu *Cancioneiro hispanhol*, collecção de traducções dos melhores liricos de Hispanha, com as respectivas biografias.

A sua carreira literaria data de 1861. Fundou em Coimbra o periodico *Chrysalida* com Theofilo Braga e Duarte de Vasconcellos ; a *Academia* com Emigdio Navarro e Lopes Praça ; e a *Folha* com João Penha, Candido de Figueiredo, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, etc.

Collaborou no *Panorama*, (nova serie), no *Cenaculo*, nas *Artes e letras*, etc.

Fundou em Vizeu dois periodicos politicos, o *Observador* e o *Districto de Vizeu*. Redige ainda este ultimo, defendendo n'elle a politica do partido *progressista*.

Dos seus discursos parlamentares, foi publicado um volume no Porto, sem licença do auctor, o que o pronunciou em defesa da reforma da instrução secundaria.

Os que desejarem mais amplo conhecimento da biografia e bibliografia, respectivas a este escri-

tor, podem soccorrer-se especialmente a uma memoria publicada em Elvas no anno de 1870 por Henrique de Andrade, e intitulada *Noticia da vida e escritos de José Simões Dias*. Em 8 de abril de 1880 tambem o periodico *Diario de Portugal* publicou uma larga biografia de Simões Dias.

Sousa Viterbo

(Francisco Marques de Sousa Viterbo)

Nasceu no Porto, a 29 de dezembro de 1845.

Concluiu o curso de theologia no seminario d'aquella cidade, e o de medicina e cirurgia na Escola Medica de Lisboa.

É professor de geologia e arqueologia na Academia de Bellas Artes.

Publicou: o *Anjo do Pudor*, poema; a *Mulher de Cesar*, poemeto; *Rosas e Nuvens* e *Harmonias fantasticas*, duas collecções de versos.

É em Lisboa correspondente diario do *Commercio Portuguez* do Porto, e tem collaborado nas principais revistas literarias do paiz.

THEOFILO BRAGA

(Joaquim Theofilo Braga)

Nasceu em Ponta Delgada (Açores), a 24 de fevereiro de 1843. Sua mãi, D. Maria da Camara Albuquerque, era açoriana, da ilha de Santa Maria; mas seu pai, José Manuel Fernandes Braga, era natural do continente, pois havia nascido em Braga.

Formou-se na faculdade de direito da Universidade de Coimbra em 3 de julho de 1867. Fez acto de *conclusões magnas* na mesma faculdade em 1 de julho de 1868, e acto de *licenciatura* em 24 de julho do mesmo anno, tomando o grau de doutor em 26 d'aquelle mez.

É, em Lisboa, professor de literatura no Curso Superior de Letras.

Tem publicado as seguintes obras poeticas:

Folhas verdes (versos dos quinze annos);

Visão dos Tempos, de que ha duas edições;

Tempestades sonoras;

Ondina do Lago;
Torrentes (ultimos versos).

Publicou um volume de *Contos fantasticos*.

Sobre historia, tradições, pedagogia, politica, critica e polemica, tem publicado as obras seguintes:

Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez, em 5 volumes, que se intitulam: *Historia da poesia popular portugueza*; *Cancioneiro popular*; *Romanceiro geral*; *Contos populares do Archipelago açoriano*; *Floresta de romances*.

Historia da Literatura portugueza, comprehendendo 9 volumes, cujos titulos são: *Introducção á historia da Literatura portugueza*; *Epopêas mosarabes*; *Trovadores gallecio-portuguezes*; *Poetas palacianos do seculo XV*; *Bernardim Ribeiro e os Buccolistas*; *Historia dos Quinhentistas*; *Historia de Camões*; *Escola de Camões* (lirica); *Escola de Camões* (Épicos).

Idéas republicanas em Portugal;
Historia do Direito portuguez;
Theoria da Historia da Literatura portugueza;
Caracteristicas dos Actos Commerciais;
Espirito do Direito civil moderno;
Michelet, conferencia historica;
Voltaire, conferencia do Centenario;
Theocracias literarias;
Os criticos da Historia da Literatura;

Estudos da Edade Media;

Excavações bibliographicas;

Questões de Literatura e Arte portugueza;

Sobre a origem portugueza do Amadis de Gaula.

Fez uma edição critica do *Cancioneiro portugues da Vaticana*, e deve-se-lhe uma edição de *Obras completas de Camões*, *Obras poeticas de Bocage*, *Obras de Christovam Falcão*, *Gaia*, de João Vaz; e traduziu um volume que intitulou *Obras primas de Chateaubriand*, e outro, *Historia do Theatro Portuguez*, em 6 volumes, assim intitulados: *Gil Vicente e os Autos nacionais*; *A Comedia classica e as Tragicomedias*; *A Baixa Comedia e a Opera*; *Garrett e os Dramas romanticos*; *Bocage, sua vida e epoca*; *Historia do romantismo.*

Grammatica portugueza elementar;

Manual da Historia da Literatura portugueza;

Antologia portugueza;

Parnaso portuguez moderno;

Poesia do Direito;

Traços gerais de filosofia positiva comprovados pelas descobertas scientificas modernas;

Historia Universal (Esboços de Sociologia descriptiva);

Historia Universal, civilisações cosmopolitas propagadoras das civilisações isoladas;

Soluções positivas da politica portugueza, de que ha publicados 3 volumes intitulados: *Da aspira-*

ção revolucionaria e sua disciplina em opinião democratica; *Do sistema constitucional, como transigencia provisoria entre o absolutismo e a revolução*; *Historia das obras primas de Balzac.*

Tem collaborado em varias folhas scientificas, politicas e litterarias, nomeadamente nas seguintes: *Revue de Philosophie positive*, de Paris; *Atheneum*, de Londres; *Rivista de Filologia romanza*, de Roma; *Rivista de Leteratura populare*, de Roma; *Zeitschrifte fur rumanische Litteratur*, de Breslau; *Academia*, de Madrid; *Bibliografia Critica*, do Porto; o *Positivismo*, do Porto; a *Chrysalida* e o *Instituto*, de Coimbra; a *Renascença*, do Porto, e o *Seculo*, de Lisboa.

THOMAZ RIBEIRO

(Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira)

Nasceu em Parada de Gonta, no concelho de Tondella, a 1 de julho de 1831.

Formou-se em direito na universidade de Coimbra.

Presidiu por algum tempo á camara municipal de Tondella, e advogou nos auditorios d'aquella comarca.

Foi administrador do concelho do Sabugal; secretario geral do governo da India, por decreto de março de 1870; governador civil de Bragança, e em 1881 governador civil do Porto.

O circulo eleitoral de Tondella elegeu-o em 1862 seu representante em côrtes, reelegendo-o em mais legislaturas. Thomaz Ribeiro representou tambem em côrtes os circulos de Braga, Bragança, Vizeu, Sabugal e Nisa.

Em 23 de outubro de 1873, foi nomeado director geral dos Negocios de Justiça; em 29 de dezembro de 1881, par do reino; em 29 de janeiro

de 1878, ministro da marinha e ultramar; desde 15 de novembro a 3 de dezembro, do mesmo anno, exerceu interinamente as funcções de ministro da justiça; e, em 14 de novembro de 1881, foi nomeado ministro do reino.

Tem a carta de conselheiro de S. M.; é commendador da ordem de S. Thiago, em Portugal, e da de *Carlos* III em Hispanha; gran-cruz da ordem do *Merito naval*, hispanhola; da *Corôa de Italia* e da *Corôa de Sião*.

É socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de outros institutos literarios do Brazil; de muitos de França; da *Sociedade Economica* de Barcelona, e de outras de Hispanha. É impossivel, por agora, individualisar aquellas corporações, pois que os respectivos documentos estão, n'este momento, longe do biografo e do biografado, e porque a memoria, n'esta conjunctura, não nos presta o seu auxilio.

Publicou dois poemas: *D. Jaime*, de que ha seis edições, sendo a primeira em 1861; e a *Delfina do mal*, de que se fez a primeira edição em 1868, e em 1881 a segunda, precedida de duas notabilissimas cartas de Camillo Castello Branco e Thomaz Ribeiro.

É tambem auctor de um poemeto a *Indiana* e de dois volumes de versos, *Sons que passam* e *Vesperas*; o primeiro d'estes dois livros conta

duas edições e o segundo foi publicado em 1879.

Em prosa publicou dois volumes de *Jornadas*, um dos quais tem por titulo *Do Tejo ao Mandovi*, e o outro *Entre palmeiras* (1864); Ha promessa de um terceiro, *Entre primores*.

Do mesmo auctor corre impresso o elogio historico do fallecido visconde de Castilho, alguns discursos parlamentares, e uma obra recente ácerca da questão do chamado *Emprestimo de D. Miguel*.

Tem sido redactor politico do periodico do Porto *A Actualidade*, e é vastissima a sua collaboração literaria nas folhas mais brilhantes do jornalismo, desde 1855 até hoje.

Xavier Cordeiro

(Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro)

Por não ser muito extensa, e por ser relativamente completa, extractarei do tomo i do *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, a seguinte nota:

—«Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, tendo sido no curso respectivo honrado por duas vezes com o 1.º premio da dita faculdade; deputado ás côrtes nas legislaturas de 1851 e 1857 pelo districto de Leiria, sua patria. Nasceu em 23 de dezembro de 1819. [1]

«Durante a sua estada em Coimbra, isto é, em 1844, fundou e levou a cabo a publicação do *Trovador*, que se imprimia n'aquella cidade na imprensa de Trovão & C.ª, especie de jornal poetico em que se estreiáram muitos talentos, que

[1] **Nasceu no logar de Córtes, junto a Leiria.**

C. de F.

depois se tem distinguido na republica literaria, e que abriu a porta, ou foi o percursor das differentes collecções liricas, que d'aqui tem vindo á luz, tanto em Coimbra, como no Porto.

«Além do que escreveu para o *Trovador*, ha um bom numero de composições suas, espalhadas por diversos jornaes literarios e politicos, pelas quais se póde julgar do seu merecimento como poeta. D'entre estas mencionam-se, por mais louvadas, a *Doida de Albano, Tasso no hospital dos doidos, A corrida*, o *Cacete do Hungaro*, o *Outono*, etc.

«Mencionarei ainda o *Vôo da alma*, inserto no *Panorama*, tomo III da 2.ª serie, 1844, a pag. 56, e o *Conde Alarcos*, lenda popular inserta na *Revista Academica*, de Coimbra, 1855, a pag. 272. Veja-se tambem *Instituto*, de Coimbra, tomo VI, 1857, etc.

«Não é só como poeta que o sr. Rodrigues Cordeiro se tem dado a conhecer; recommendam-n'o igualmente os seus trabalhos como jornalista, quer politico, quer literario. Em 1846 e 1847, no tempo da guerra civil, collaborou na *Estrella do Norte*, jornal publicado no Porto; e em Coimbra foi, primeiro, um dos creadores da referida *Revista Academica*, e mais tarde do *Observador*, uma das mais antigas folhas politicas das provincias. Em 1854, conjunctamente com os srs. D. Antonio da Costa, José Barbosa Leão e Fernando Luiz Mousinho de

Albuquerque, começou em Leiria a publicação do *Leiriense*, periodico administrativo e literario: e ainda ultimamente foi tambem um dos fundadores do *Futuro*, jornal politico de Lisboa, começado no anno corrente (1858), e que ainda continúa. Para todos estes periodicos escreveu numerosos artigos, e no *Leiriense* começou a publicar uma serie de *Chronicas historicas*, ou pequenos quadros de historia romanceada, que é para sentir não os levasse adiante até fechar o circulo do anno.

«Em prosa e em separado não me consta que até agora publicasse mais que o seguinte:

Elogio historico de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, Coimbra — 1856, 8.º grande de 15 pag. Forma o n.º 2 das *Memorias da Academia Dramatica de Coimbra*.

«Os seus discursos como deputado, etc., podem ver-se nos respectivos *Diarios* da camara.» —

Ao que fica dito deve accrescentar-se:

Xavier Cordeiro é actualmente redactor das sessões da camara dos deputados, e dirige, desde 1861, o *Almanach de Lembranças*, fundado dez annos antes por Alexandre Magno de Castilho.

Para a traducção dos *Fastos*, de Ovidio, feita pelo finado visconde de Castilho, escreveu uma extensa nota historica, sob a epigrafe de *Cezar Germanico*.

A sua interessante enciclopedia popular, de to-

dos conhecida pelo nome de *Almanach de Lembranças*, é enriquecida annualmente por um largo esboço biografico de alguma notabilidade sientifica ou literaria, portugueza ou brazileira, escrita por Xavier Cordeiro. As biografias que até hoje tem publicado são de — Alexandre Magno de Castilho, Gonçalves Dias, Rebello da Silva, Soares de Passos, Julio Diniz, Visconde de Castilho, Alvares de Azevedo, Alexandre Herculano, José Feliciano de Castilho e Guilherme Braga.

Publicou em 1880 uns quatro poemetos relativos á gloriosa historia de Leiria, e reunidos n'um pequeno tomo, tem por titulo *Quadros de Gloria*; e está publicando com Thomaz Ribeiro e Santos Valente o livro *Flores da Grecia*, collecção de peças poeticas que os trez escritores escolheram e traduziram da *Antologia Grega*.

POST-FACIO

Reservei para este logar uma extensa nota, ácerca de questões orthograficas e prosodicas. Ao cabo porém de 406 paginas, sinto o dever de não ir por diante em dissertações fastientas.

Feche-se pois a nota na gaveta dos meus papeis inuteis, já que este livro, por velleidade minha, não vai fazer-lhe companhia honrada e talvez merecida.

Outra tecla. Obviando a reparos, convirá saber que este livro foi quasi todo escrito nos principios de 1881, entrou no prélo em julho do mesmo anno, e sái a publico em 1882. E assim é que alguns factos, referidos ou alludidos como actuais no decurso do livro, foram já modificados ou substituidos por factos posteriores. Não é accidente de grande monta, mas a sua explicação é uma necessidade da minha consciencia de fiel chronista.

Lisboa, 8 de janeiro de 1882.

C. de F.

INDICE

